

RAÍZES



Ano XXI - São Caetano do Sul - Dezembro de 2009

40

Em Foco

Arte Sacra em São Caetano
fragmentos de uma história

Ano XXI – Número 40
Publicação semestral
Distribuição gratuita

**Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul**

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares

Dezembro de 2009

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

www.fpm.org.br
fpm@fpm.org.br

Coordenação Geral
Clovis Antonio Esteves

Editora Responsável
Jô Sperate Figueiredo (Mtb 17.662)

Pesquisa
Cristina Toledo de Carvalho
Cristina Ortega

Conselho Editorial
Adriana Sampaio
Clovis Antonio Esteves
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto Pastore
João Tarcísio Mariani
Jô Sperate Figueiredo
Mário Porfírio Rodrigues
Priscila Perazzo
Roberta Giotto

Projeto Gráfico e Editoração
Roberta Giotto

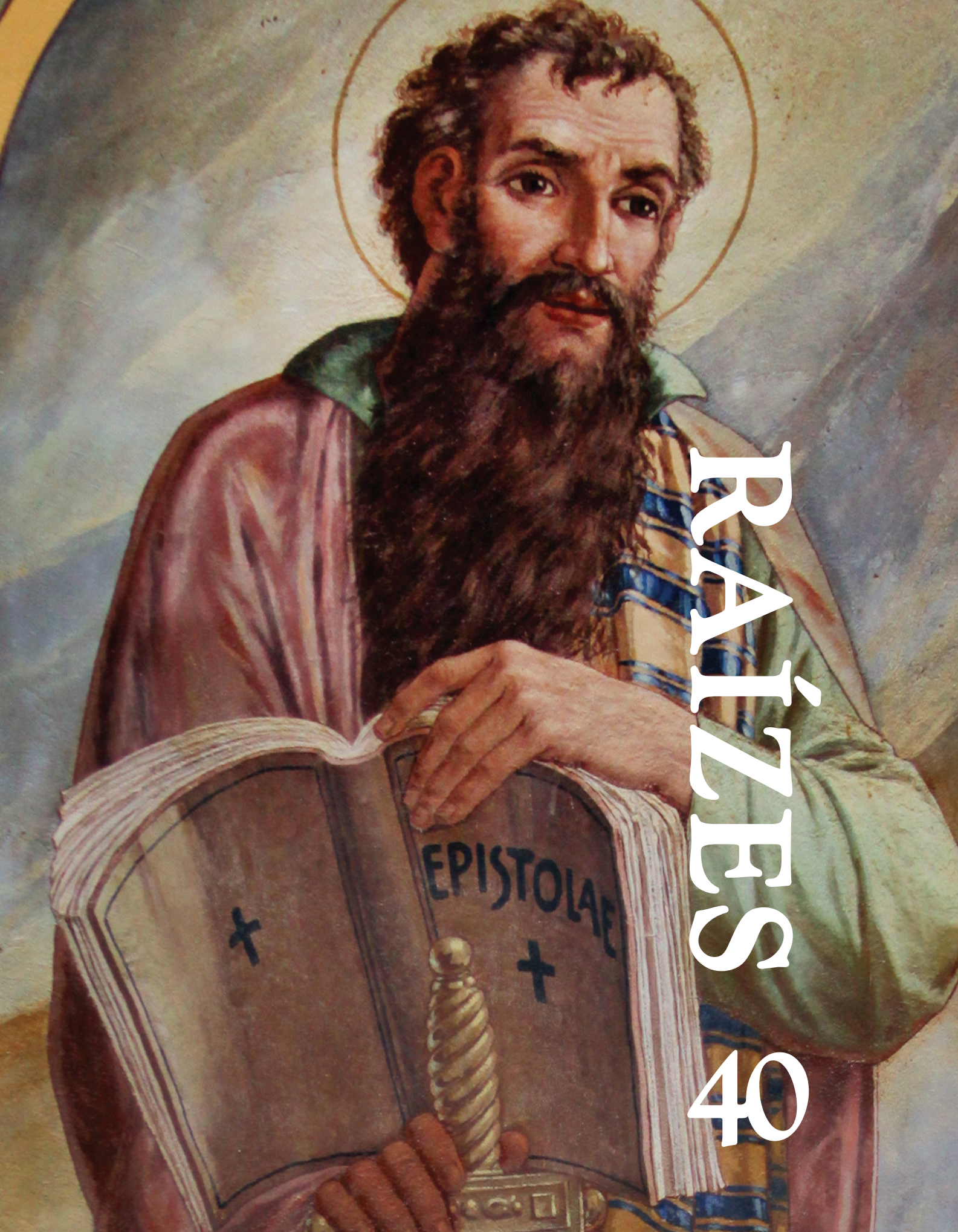
Fotografia
Antonio Reginaldo Canhoni
Antonio Augusto Coelho Neto

Restauração de Imagens
Antonio Augusto Coelho Neto

Capa
Roberta Giotto e
Antonio Augusto Coelho Neto

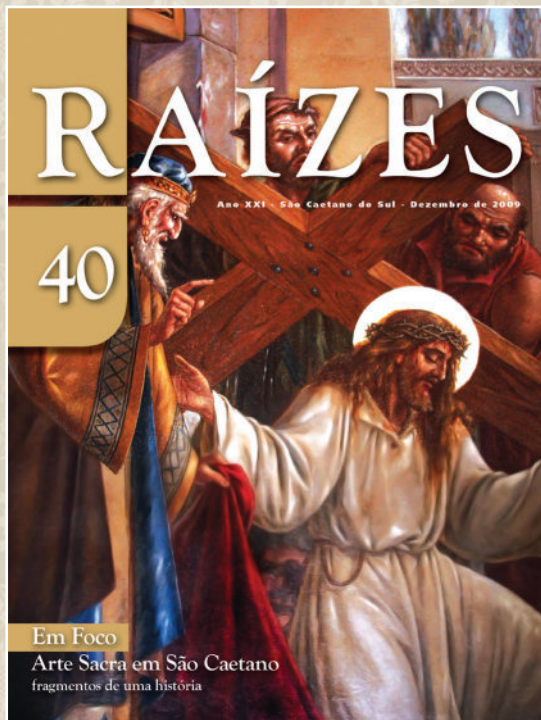
Ctp e Impressão
NSA Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



RAJIZES
40





Lágrimas, sangue, dor, angústia, sofrimento, renascimentos... Um olhar perdido, o amor incondicional, partes do coração, sentimentos que se espalham pelas igrejas, paróquias e catedrais, em obras riquíssimas, não só em ouro, mas em sentimentos. Sentimentos captados de histórias bíblicas, que as tintas de um pincel conseguem captar como mágica. Faz-nos repensar a vida, refletir sobre a razão e o irracional, sobre atitudes, sobre questões religiosas ou não. A arte sacra vem antes de tudo nos remeter a uma época em que o belo era raridade, mas que o pincel do artista transformou em obra prima. A arte sacra não vem discutir cristandade, vem traduzir o belo na antítese de sofrimento. Transparecem, nas lágrimas e no sangue de Cristo, reflexões de um artista, seja renascentista, seja barroco... Cada gota de cor vem em cada gota de suor, lágrimas e passagens de um tempo contado em todos os cantos do planeta. A cor reflete o imaginário, a vida de uma comunidade, vislumbra futuro dentro do passado, como na obra de Gentili, na Matriz, em São Caetano do Sul. A cada passo pela nave da Matriz ou de alguma igreja, de qualquer cidade, estado ou país, encontram-se obras, imagens e pinturas magníficas, dignas dos melhores museus. Nossa Capa retrata não um período de fé ou de religiosidade, mas um período de inspiração, de idolatria às cores, ao belo das artes. Raízes 40 é um tributo às obras da Arte Sacra.

Por Jô Sperate Figueiredo
Editora



ARTE SACRA EM SÃO CAETANO

Esta edição da *Revista Raízes* marca o encerramento de mais uma fase no ciclo de transformações do seu design. Hoje, conquistamos uma publicação mais rica em conteúdo, com projeto gráfico mais arrojado, maior número de ilustrações e fotografias, e páginas coloridas. Um trabalho que encontrou o elo entre passado e presente, utilizando formas de vanguarda. Além disso, unimos, mais uma vez, ao nosso corpo editorial dois grandes profissionais do mundo das letras: o professor e sociólogo José de Souza Martins, e o jornalista e memorialista Ademir Medici. Sem alusão às festas de final de ano, mas este é realmente um momento mágico e renovador para a Fundação Pró-Memória.

E o tema central vem de encontro com essa busca pela perfeição e pelo belo. O *Em Foco* foi elaborado para emocionar, para refletir, para apresentar passagens bíblicas sob os olhares de grandes artistas. Não buscamos, em nenhum momento, discutir religiosidade. Esse não foi nosso objetivo. Nosso ideal foi ilustrar o imaginário, numa viagem pelo tempo descrita por pincéis.

A Arte Sacra é o retrato de lutas, de sofrimentos e de sangue transformado em cores, telas, murais, que delineiam as construções de igrejas, paróquias e catedrais por todo o mundo. As obras têm assinatura de grandes autores como, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Aleijadinho e tantos outros. Em São Caetano do Sul, a Matriz Sagrada Família tem em suas obras a assinatura dos irmãos Gentili, que retratamos nesta edição com fotografias espetaculares.

Crônicas, artigos e histórias de vida também fazem parte desta especial edição. A *Revista Raízes* completa 20 anos na luta pelo resgate da história da cidade, de momentos marcantes nas diversas áreas da sociedade, mas principalmente na preservação das lembranças de cada personagem que escreve páginas de vida em família, que merecem e devem ser registradas.

Clovis Antonio Esteves

Presidente da Fundação Pró-Memória

EM FOCO

A Arte Sacra em São Caetano

- 7 A Arte Sacra na antiga Paróquia de São Caetano: fragmentos de uma história
Cristina Toledo de Carvalho
- 20 A Santa Ceia da Nossa Matriz
Uma das maiores obras sacras do mundo
- 22 A Arte Sacra, seus mistérios, sua beleza...
João Alberto Tessarini



7
A Arte Sacra na antiga Paróquia de São Caetano: fragmentos de uma história



32
Faculdade de Engenharia Mauá e Prefeitura de São Caetano do Sul - Parceria para Zerar o Analfabetismo



38
A Contribuição deste Álbum na História da Cidade



88
MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

ARTIGOS

- 32 Faculdade de Engenharia Mauá e Prefeitura de São Caetano do Sul - Parceria para Zerar o Analfabetismo
Cristina Ortega
- 38 A Contribuição deste Álbum na História da Cidade
Ademir Medici
- 46 Rosas da neta da roseira de minha avó
José de Souza Martins
- 49 O início do processo de escolarização primária nas colônias italianas
Eliane Mimesse e Elaine Maschio
- 55 Quando a Amizade é Verdadeira
Leonilda Verticchio
- 59 Colégio Comercial Barão do Rio Branco marcou a fase educacional de São Caetano do Sul

CRÔNICA

- 62 O Poço de Jacó de São Caetano
João Tarcísio Mariani

HISTÓRIA ORAL

- 64 Elvira Marinotti Denoni
87 anos de fé e doçura
Yolanda Ascencio
- 68 Assunção Cassas Orosco
Lembranças dos antepassados imigrantes e uma vida feliz em São Caetano do Sul
- 70 Vilma Moreno
História de vida no Bairro da Fundação
Rafael Pecciole Moreno

PERSONAGEM

- 75 Hortência Rodrigues
Ícone do teatro sancaetanense

HOMENAGEM

- 81 Cláudio Musumeci
Ana Beatriz Tocchio
- 83 A Cidade perde Antonio Russo
Mário Porfirio Rodrigues

- 86 Waldemar Famula
O Pioneiro dos Bailes da Saudade

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

88

REGISTRO

- 100 *Jô Sperate Figueiredo*

A ARTE SACRA

NA ANTIGA PARÓQUIA DE SÃO CAETANO: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA

Cristina Toledo de CARVALHO ()*

Fotos: Acervo/Fundação Pró-Memória



Interior da Paróquia Sagrada Família. Destaque para as pinturas que decoram o altar mor e o arco triunfal do templo, iniciadas, respectivamente, em 1947 e 1948



"Sabemos que o trabalho do historiador não pode ter a pretensão de resgatar a totalidade do passado e que as representações criadas pelos agentes sociais desvendam e ocultam elementos constitutivos do real" (PAIVA, 2004, p. 20-21). A matéria-prima com a qual a pesquisa histórica trabalha é circunscrita ao plano dessas representações. Estas são "encontradas em quaisquer fontes utilizadas pelo historiador (jornais, entrevistas, documentos oficiais ou privados, livros, iconografia...), são portadoras de experiências coletivas, revelam entendimentos da realidade na visão de determinados grupos sociais; elas não são homogêneas, são fragmentárias", expõe Odair da Cruz Paiva (2004, p.19).

Com base nessas ideias, a pesquisa referente à arte sacra na antiga Paróquia de São Caetano foi conduzida. A fonte utilizada foi o Livro de Tombo da Paróquia Sagrada Família, referente ao período de 1924 a 1965. Entretanto, as informações dele extraídas não compreendem fielmente o período destacado, uma vez que há referência a um fato ocorrido em 1916 (quando São Caetano não possuía ainda sua paróquia, encontrando-se vinculado à de Santo André) e a registros que vão até 1952, ano do término da decoração interna do templo da Sagrada Família. Além disso, tais registros não se restringem a esse templo, embora seja ele o cerne deste artigo.

Há também referências à Matriz Velha, como ficou conhecida a igreja do Bairro da Fundação, em virtude da construção, a partir de março de 1932, do templo da atual Paróquia Sagrada Família,

a Matriz Nova. Antes da separação, ocorrida por força de um decreto datado de 29 de junho de 1953, ambas formavam a antiga Paróquia de São Caetano, criada no dia 28 de março de 1924, por decreto de D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo. Até 24 de novembro de 1954, data na qual a Sagrada Família passou a ser o orago da chamada Matriz Nova, São Caetano fora o padroeiro das duas igrejas. Como os registros apresentados dizem respeito ao período anterior ao da separação, neles aparecem, com frequência, os termos Matriz Velha e Matriz Nova.

Esclarecimentos históricos à parte, cumpre salientar que é no Livro de Tombo que os párocos registram os fatos relevantes da vida de suas igrejas, como, por exemplo, os que fazem menção a celebrações solenes, a comemorações, a visitas de autoridades eclesiais, a eventos organizados em prol de obras de caridade e mesmo de reforma nas instalações e dependências do templo. No Livro de Tombo da Paróquia Sagrada Família, mais precisamente nos trechos concernentes às obras ocorridas em seu espaço físico, estão as referências à sua famosa arte sacra, fruto do trabalho dos irmãos Pedro e Ulderico Gentili, pintores italianos que deixaram sua marca também em igrejas da capital e do interior paulista e de Minas Gerais.

Os registros sobre a arte sacra na antiga Paróquia de São Caetano são heterogêneos, tanto em termos de quantidade de informações, quanto de qualidade de descrição e abordagem. Isso se deve à presença da subjetividade no processo de lança-



mento dos fatos no Livro de Tombo. Sendo assim, “é preciso para explicar (...) o documento [reconhecer] o seu caráter sempre mais ou menos fabricado” (LE GOFF et al, s/d, p. 34). Além disso, o fato histórico, na condição de fato passado, “(...) tem uma existência linguística (...) [Por tal razão], o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade. Neste sentido, tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que não seja uma representação (...)” (PESAVENTO, 1995, p. 17).

As informações expostas, na sequência, constituem, portanto, representações do processo histórico de concepção de obras sacras na antiga Paróquia de São Caetano. Elas revelam fragmentos de uma história vivenciada por párocos, artistas e paroquianos, em períodos distintos. Por terem envolvido diferentes agentes e, conseqüentemente, experiências sociais e culturais peculiares a cada um deles, as representações que se seguem não são apenas fragmentárias, mas também multifacetárias.

Via Sacra em São Caetano

Sob essa epigraphe, no mesmo Livro de Tombo da Parochia de S. André, e fls. 71 (referindo-se ao ano 1916 encontrei o seguinte registro, pelo mesmo P. [padre] Luiz Capra, vigário de S. André: “No domingo de Ramos – 16 de abril – foi inaugurada na Igreja de S. Caetano [Bairro da Fundação] a nova Via Sacra.” Nada mais se continha no dito registro que fielmente

copiei do livro a que me refiro, e fim dou fé e assigno. (Registro feito, em 1924, pelo primeiro vigário de São Caetano, padre João Baptista Pelanda)

Obras na Matriz [Velha] e Benfeitores

Na impossibilidade de erigir na Matriz novos altares, por signal que, como alhures já se visse, foi retirado um por diffcultar o proprio transito, mas tambem sendo conveniente satisfazer a piedade dos fieis, e concorrendo ainda para corrigir a chocante nudez do templo, abriram-se nas paredes lateraes quatro nichos symmetricos, nelles collocando-se as sagradas imagens seguintes: S. Antonio, em substituição da antiga, de gesso, inutilizada quando dos concertos [sic] do telhado. Esta nova imagem foi adquirida por offertas dos devotos do milagroso santo; Nossa Senhora da Conceição (...); S. José (...); Nossa Senhora das Dores (...) A estas collocadas nos nichos deve-se acrescentar a Imagem do Christo – morto, convenientemente depositada debaixo do altar do Sagrado Coração de Jesus (...) Todas estas cinco imagens são de madeira de cedro, notavel trabalho do escultor Sr. Giacomo Scopoli, da afamada Val Gardena de Trento. (Registro feito pelo vigário João Baptista Pelanda, em 1924)

Via Sacra [Matriz Nova]

Em Dezembro deste ano [1943] começa a pintura dos grandes quadros da Via Sacra nas naves laterais da Igreja Matriz. O trabalho foi empreitado pelo artista Sr. Pedro Gentili, pela quantia de 34 contos. (Registro feito pelo padre Alexandre Grigolli)





Quatro dos 14 quadros da Via Sacra pintados nas paredes laterais da igreja

Novo Altar

No dia 31 de Agosto de 1947 com grande solenidade foi às 10hs benzido e inaugurado o novo Altar de Marmore e a Imagem de São Caetano na Matriz Velha. Este trabalho foi executado pelo Snr. Giorgio Garbarino. Embora grande fosse a despesa era necessario proceder a remoção do antigo Altar Mor de madeira, pois já ameaçava ruir. O serviço ficou em 77.000.00 cruzeiros, mais 14.000.00 cruzeiros pelo piso de granilite e pela mão de obra. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Início da Pintura e Decoração da Capela Mór da Matriz Nova de São Caetano

Depois da solenidade do Santo Natal celebrada com fervor e exito espiritual, foi finalmente iniciado o tão esperado trabalho da Decoração da Capela Mór da Matriz. Este serviço está a cargo do Professor Pedro Gentili que já embelezou esta Matriz com uma monumental Via Sacra mural. O trabalho ficou orçado e contratado por 80.000.00 cruzeiros. O povo acompanhou com entusiasmo o início dos trabalhos esperando ver quanto antes desaparecer a montanha de andaimes e contemplar Cristo Rei que deverá dominar do Alto da abobada a Matriz e São Caetano. (Registro feito, em 1947, pelo padre Ezio Gislimberti)

Festas Antonianas

Inauguração da Pintura da Capela Mor

Altar de S. Antonio

Com o costumeiro brilho realizaram-se as festas Antonianas. Houve uma animada Quermesse em que todas as Irmandades Religiosas deram a propria colaboração.

Nesta ocasião foi inaugurada a pintura da Capela Mór, obra do pincel do Prof. Pietro Gentili coadjuvado pelo seu próprio irmão Ulderico Gentili. Este trabalho que embeleza a capela Mór foi muito ad-

mirado pelo povo que ficou satisfeito assim em ter colaborado monetariamente.

Novo Altar de Mármore. Na missa das 7hs rezada [no dia 13 de junho de 1948] pelo Cônego Pavesio foi também inaugurado o novo Altar de Mármore na capela de Santo Antonio (...) O trabalho foi executado pelo Senhor Jorge Garbarino. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Altar Novo

No dia 29 de agosto [de 1948] na Missa das 10hs foi solenemente inaugurado o novo Altar de mármore, do Sagrado Coração de Jesus, na Matriz Velha. Quem o inaugurou foi o Rev.mo Pe. Luis M. Fernandes Superior Provincial dos (...) Estigmatinos. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Decoração

Em continuação da Pintura no Mes de Agosto foi iniciada a Decoração do Arco Triunfal. O trabalho será realizado pelo Prof. Pedro Gentili constando num grandioso quadro (45m²) da Ultima Ceia, mais outros motivos decorativos. Todo o Arco Triunfal até o chão será decorado. O contrato ficou estipulado em cruzeiros 55.000.00, em prestações a serem previamente pedidas pelo Prof. Pedro Gentili.

Com esta nota encerramos o movimento do Ano do Senhor de 1948. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Altar Novo da Sagrada

Família e decoração da Capela

(...) novo altar de marmore a ser colocado na Capela da Sagrada Família (...) O altar em mármore português e onix argentino foi trabalhado pelo Senhor Jorge Garbarino e custou a quantia de 30.000 cruzeiros. (...) a decoração da (...) Capela [foi] entregue ao Prof. Pedro Gentili e Irmão Ulderico Gentili. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti, em 1949).



Capela da Sagrada Família

Inauguração da Pintura do Arco Triunfal da Matriz Nova

Aproveitando o fausto acontecimento do Jubileu de Prata da Paróquia [de São Caetano] foi solenemente inaugurada a grandiosa obra mural da Última Ceia, obra esta realizada pelo Prof. Pedro Gentili e Irmão. É mais um passo na decoração da Matriz Nova de São Caetano. Aqui fica o agradecimento ao Povo Católico que com seu obulo [sic] generoso deu ao Vigário a possibilidade de realizar mais este trabalho que custou 60.000.00. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti, em 1949)

Festas Antonianas

Com o costumeiro brilho foram celebradas as tradicionais Festas Antonianas. As Irmandades Religiosas trabalharam com dedicação e sacrifício para obter os fundos necessários ao prosseguimento da Pintura da Matriz. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti, em 1949)

Decoração da Capela do Carmo

No dia 16 de julho [de 1949], celebrando solenemente a Festa de N. Senhora do Carmo, foi inaugurada a decoração da Capela do Carmo. Este trabalho foi realizado pelo prof. Pedro Gentili e Ulderico Gentili com as ofertas da Irmandade. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Capela de Nossa Senhora do Carmo



Festa do Padroeiro

No mes de Agosto [de 1949] foi realizada a Festa do Padroeiro São Caetano (...) Nesta ocasião foi solenemente inaugurado o novo altar de mármore de N. Senhora do Rosário, ultimo da série. O altar foi trabalhado pelo senhor Jorge Garbarino e custou a quantia de 27.000.00 cruzeiros com o trabalho da colocação. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Reinício da Pintura da Matriz [Nova]

No dia 8 de setembro [de 1949] foram reiniciados os trabalhos da decoração da Matriz. Foi atacada toda a parede in corum Epistolae aonde deverão figurar os Sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. O trabalho está a cargo do Prof. Pedro Gentili e Irmão e foi contratado por 100.000.00 cruzeiros! São Caetano nos assista. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Trabalhos na Matriz (...)

Mais ou menos dentro da 1a. quinzena do mês de janeiro [de 1950] vieram de Santos da Firma Sigismundo Fernandes e Rossi as novas janelas para a matriz. O trabalho foi executado conforme desenho do Prof. Pedro Gentili e com os vidros tipo "Catedral", da Fabrica Courado, ao todo ficou incluindo a collocação, mão de obra de pedreiro, em cruzeiros 35.000.00. Com as janelas foram colocadas 18 consolas para os refletores de luz; estas consolas ficaram em 2.000.00 e poucos cruzeiros. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Pintura Matriz Nova

Prosseguindo no trabalho da decoração da Matriz o Prof. Pedro Gentili deixou pronta para a Festa de Santo Antonio a parede in corum Epistolae com 6 grandes Quadros figurativos dos Sacramentos do Batismo, Crisma e Penitencia, e mais 6 figuras de Profetas do Antigo Testamento. Depois da Festa de Santo Antonio, deu inicio a decoração da parede in corum Evangelii deixando prontos até o fim deste Ano de 1950 mais 4 quadros correspondentes aos Sacramentos do Matrimonio e da Ordem e esboçados mais dois Quadros do Sacramento da Extrema Unção.



No topo, a representação do sacramento do Batismo, na parede in corum Epistolae. Embaixo, a pintura de dois profetas

Representação do sacramento da Penitência, na parede in corum Epistolae. Embaixo, as figuras dos profetas Isaías e Jeremias

AcervoFundação Pró-Memória



Foram respectivamente decoradas também e entregues ao culto no dia da Festa as Capelas do Carmo, de São Caetano e Santa Teresinha. O trabalho da decoração da 1a. parede in corum Evangelii ficou em 105 mil cruzeiros e as Capelas em 34.000.00 cruzeiros. Agradecendo a Providencia Divina o auxílio constante e ao bom povo católico de São Caetano e a vários benfeitores a collaboração monetária (...) (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Capela de São Caetano, onde há pintura das fachadas dos dois templos que formavam a antiga Paróquia de São Caetano (Matriz Velha e Matriz Nova). Acompanhando essa representação, os símbolos da Congregação dos Estigmatinos (à esquerda) e da Ordem de São Bento



Capela de Santa Teresinha

Festas Antonianas

Foram celebradas com brilho e piedade. Durante estas Festas foi realizada a tradicional Quermesse em benefício das Obras da Matriz. Apesar de sofrer a concorrência de mais duas outras Quermesses de Católicos, o resultado foi, graças a Providência Divina e ao esforço dos bons Católicos, bom. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti, 1951)

Trabalhos e Obras

Durante este semestre [de 1951] foram levadas a termo na Matriz Nova as seguintes obras:

a) Na ocasião da Festa solene de Santo Antonio foi entregue a[o] Povo Católico de São Caetano a nova Pintura da parede in corum Evangelii da Matriz Nova.

Completam-se assim as duas paredes laterais da Matriz com estas maravilhosas decorações didáticas sobre os Sacramentos que o Prof. Pedro Gentili coadjuvado pelo irmão Ulderico Gentili, com paixão e competência de Mestre realizou. Aqui vai o agradecimento ao povo católico que com seu óbulo deu-nos a possibilidade de levar adiante estas Obras. Agora mãos a obra para o último Trecho: o Coro.

b) Na ocasião do 1o. Aniversário da Festa de Maria Assumpta foi solenemente inaugurado o novo e belo Altar de Marmore de N. Senhora do Carmo (...) O trabalho foi executado pelo senhor Giorgio Garbarino por (...) 37.000.00. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)



Quadros representativos do sacramento do Matrimônio, na parede in corum Evangelii. Embaixo, as figuras dos profetas Joel (à esquerda) e Zacharias



Na parede in corum Evangelii, a pintura representativa do sacramento da Ordem. Embaixo, as pinturas alusivas aos profetas Jonas (à esquerda) e Michea



*Os dois quadros representativos do sacramento da Extrema Unção, na parede in corum Evangeli.
Embaixo, outras duas pinturas de antigos profetas*



Trabalhos e Obras

No mes de Outubro [de 1951] foi inaugurada a decoração da Capela do Rosário. (...) Logo após a inauguração (...), o pintor Prof. Pietro Gentili, atacou a ultima parede do Coro para realizar o grandioso e ultimo Quadro da Gloria de Nossa Senhora. (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti)

Pintura da Igreja

Finalmente depois de quatro anos e meio de esforços foi completada no mes de Junho [de 1952] a decoração da Igreja com a inauguração solene do ultimo Quadro mural do Coro representando a gloria de Maria S.ma e dois quadros com os Padroeiros da musica sacra S. Cecília e S. Gregorio Magno. Este ultimo trabalho decorativo ficou em cr.\$65.000.00. Aos Senhores Pedro Gentili pintor e Ulderico Gentili decorador o nosso agradecimento pela dedicação e amor e arte que manifestaram durante todos os trabalhos deste longo tempo. Ao povo e às Familias generosas que tanto contribuíram o agradecimento sincero por ter [sic] suportado o peso principal desta grandiosa obra que ficou no seu total em cr.\$514.000.00, acrescentando a este total os 34.000.00 da Via Sacra finaliza o total de 548.000.00! (Registro feito pelo padre Ezio Gislimberti) **R**

Bibliografia

LE GOFF, Jacques et al. A Nova História. Lisboa: Edições 70, s/d.
PAIVA, Odair da Cruz. Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930-1950). Baunur: Educsc, 2004.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 15, nº 29, p. 16, 1995.
XAVIER, Sonia Maria Franco. A Matriz Sagrada Família na arte dos irmãos Gentili. Raízes, São Caetano do Sul, nº 26, p. 36-38, dez. 2002.

Fonte
PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA. São Caetano do Sul, 1924-1965.

Cristina Toledo de Carvalho, historiadora e supervisora do Museu Histórico Municipal

Há 25 anos morria Gentili, o artista da Igreja Matriz

Há 25 anos falecia, em São Paulo, o pintor Pedro Gentili, que durante sete anos pintou, em Americana, com o irmão Ulderico Gentili, os vitrais e quadros que se tornaram obra de arte apreciada por artistas e turistas, no interior da Igreja Matriz de Santo Antonio.

Os trabalhos, desde a pintura interior da cúpula, que tomou a maior parte dos trabalhos, foram orientados, na escolha dos temas, por monsenhor Nazareno Magi, líder espiritual nascido em Amparo aos 27 de dezembro de 1912 e falecido em Americana em 24 de abril de 1972.

Pedro Gentili nasceu na Itália, na cidade de Montecompatri, aos 3 de outubro de 1903. Em seu país frequentou o Colégio Artigianelli, em Torino. Veio para o Brasil em 1927 e faleceu em São Paulo no dia 8 de agosto de 1968.

Monsenhor Nazareno Magi conheceu Pedro Gentili, e o irmão Ulderico, por intermédio de suas obras sacras nas igrejas Imaculada Conceição, em São Paulo; Santo Antonio, Embaré, Santos; Seminário Maior de São José, em Mariana, Minas; Maria da Fé, também em Minas; Capela [do] Colégio dos Anjos, em Botucatu; Matriz de Cássia, em Minas; Sagrada Família, em Santa Catarina [e Paróquia Sagrada Família, em São Caetano do Sul]; Matriz de São Sebastião do Paraíso, Minas; Altar Mor da Igreja do Coração de Jesus, em São Paulo; Igreja dos Franciscanos, de Piracicaba; Matriz de São Roque; Santa Terezinha, São Paulo; Nossa Senhora Aquiopita [sic], Capital; Igreja do Calvário, São Paulo.

Em Americana, Pedro Gentili iniciou os seus trabalhos em 1961. A doença o fez interromper a pintura do último quadro, em 1968, que depois foi concluído pelo irmão Ulderico.

Ulderico Gentili

Ulderico Gentili nasceu na mesma cidade de Montecompatri, Itália, em 10 de janeiro de 1911. Chegou ao Brasil em 12 de outubro de 1937, quando se juntou ao irmão Pedro. Antes, participou da guerra de Abissínia (África) de 1935 a 1937, invadida por Benito Mussolini. Faleceu no dia 18 de julho de 1984. Sobre ele, sua filha Maria Diva Gentili prestou depoimento ao O Liberal. Ela conta que o pai sempre se orgulhou do trabalho feito para a matriz de Americana, que destaca como a maior obra de sua vida, realizada com Pedro Gentili. Depois da morte do irmão, Ulderico ficou sozinho, terminando a pintura da igreja [em] fevereiro de 1972. Ele totalizou 11 anos de trabalho na matriz. (Informações extraídas de um recorte de jornal datado de 8 de agosto de 1993 – Acervo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

A SANTA CEIA DA NOSSA MATRIZ

UMA DAS MAIORES OBRAS SACRAS DO MUNDO

Tivemos na semana passada, oportunidade, aliás, muito grata, de visitar a igreja matriz local, onde nos foi dado observar em todos os seus detalhes, os serviços de pintura do principal templo da localidade.

Recebidos amavelmente pelo Padre Ezio, fomos logo de início, conduzidos através de meia dúzia de escadas improvisadas, ficando, afinal, frente a frente ao maravilhoso quadro da Santa Ceia, que na ocasião recebia os retoques finais. O quadro em questão tem a dimensão total de 45 metros e é, segundo nos informou o Padre Ezio, um dos maio-

res do mundo. Os artistas Pedro e Olderico Gentili trabalharam em sua confecção durante dias, ininterruptamente. Outro fato interessante é que todos os motivos da Santa Ceia, assim como os apóstolos, são transportados para a tela, sem que o artista tenha pela frente, quaisquer gravuras, o que demonstra claramente, possuir o mesmo perfeito conhecimento da história sacra.

Ainda sob a magnífica impressão causada pelo maravilhoso trabalho, descemos para continuar nossa visita; mais uma vez as seis escadas bambas sobre os andaimes e ei-nos em frente ao altar-mor, magní-



fica obra esculpida em mármore, onde não sabemos o que mais admirar, se a simplicidade de suas linhas, ou a imagem do nosso querido padroeiro. Na abobada, outro notável trabalho dos pintores, irmãos Gentili, referimo-nos agora, ao quadro em que aparece uma ficção da cidade de São Caetano, sobresaindo naturalmente as chaminés fumegantes, em meio das quais aparece a imagem inconfundível de Cristo Redentor. Nas paredes, sob o arco triunfal, veem-se belíssimos quadros dos Santos Evangelistas e de alguns apóstolos. Observamos que dois destes foram doados pelas famílias Vitório Dal'Mas e Maxi-

liano Lorenzini.

Tão logo sejam concluídos os serviços em andamento, informou-nos Padre Ezio, serão iniciados outros de grande envergadura, destinados a tornar nossa igreja, uma das mais bonitas e artísticas do Brasil. Entretanto, prosseguiu o vigário, isto exigirá tempo e dinheiro, razão porque, esperamos que os corações generosos continuem dando suas contribuições, para que possamos atingir nosso objetivo. **R**

*Texto extraído do
Jornal de São Caetano
Domingo, 12 de Dezembro de 1948*

Acervofundação Pró-Memória





A ARTE SACRA, SEUS MISTÉRIOS, SUA BELEZA...

João Alberto TESSARINI ()*

A Arte Sacra é tema de natureza abrangente e instigante. A arte serve como meio à disposição dos mistérios da fé. Recurso didático? A produção artística tem seu destino revelado ao culto do sagrado. Michelangelo de Caravaggio, Giovanni Lorenzo Bernini, Antonio Francisco Lisboa o Aleijadinho e Claudio Pasto são referências no Brasil e no exterior. Artistas mágicos, que materializam um norte para o belo. Sem entrar no mérito das diferenças teológicas entre Martim Lutero, Ulrico Zwínglio e João Calvino, bem como nas conclusões dos Concílios Ecumênicos, em número de 21, registros históricos das posições doutrinárias da Igreja Católica, veem como sugestão para o leitor, aprofundando a sua busca em um campo, acima de tudo, apaixonante. Na sequência, um índice desenvolvido em pequenos tópicos, alguns pontos de partida, temas para a necessária pesquisa. Prazer estético. A Criatura em busca do Criador.

Não se sabe ao certo quando começou a pintura de ícones (tipo de arte pictórica com motivos religiosos). Uma das mais difundidas tradições, conta que o evangelista Lucas, muito amigo de Maria, mãe de Jesus, a presenteou com vários ícones pintados a partir do seu rosto. No Concílio de Trullo em 691, foi defendida uma doutrina cristológica do Ícone. Por outro lado, o Imperador bizantino Leão III, em 724, declarou guerra ao uso das imagens, sob a acusação de idolatria e iniciou a perseguição, desterro e até a morte dos que defendiam os ícones. Perseguição que durou mais de um século. Em 787, durante o Concílio de Niceia, a Igreja condenou esse movimento e justificou o culto dos ícones. No século VII, o Papa Gregório Magno, opondo-se à atitude contrária das religiões judaica e islâmica, defendeu as imagens e sua utilização didática no culto a Deus.

Este fato, reforçado pelo Concílio de Niceia, solidificou essa posição em 787 e influenciou toda iconografia cristã da Europa Ocidental nos períodos românico e gótico. Em 843, no primeiro Domingo da Quaresma, por intermédio da Imperatriz Teodora, foi restabelecido o uso das imagens. O Código de Direito Canônico regula a construção das Igrejas, as imagens permitidas nos recintos religiosos, os objetos litúrgicos utilizados nos rituais, os sacrários aceitos e a manutenção deste patrimônio artístico. Na arte sacra, não há um estilo definido, as formas não são cristalizadas. A Igreja aceita as mudanças artísticas, ao longo do tempo. Esta forma de ver engloba as vestes e as decorações sagradas.

A igreja e os artistas

A Igreja, desde o seu início, acolheu as manifestações artísticas. Porém, para a produção de ícones religiosos estabeleceu-se uma postura para o artista: religiosidade geral e religiosidade litúrgica, purificação de corpo e alma para conseguir a perfeição. Acima das preferências do artista, a utilidade da obra e os interesses da comunidade cristã em primeiro lugar. As obras nem eram assinadas, pois achava-se que o poder divino operava pela mão do pintor. Em vários momentos, ao longo da sua história, a Igreja Católica reafirmou a importância das artes e dos artistas e justificou a utilização das imagens, exemplo no Concílio Vaticano II.

A diferença entre arte sacra e arte religiosa está no destino da obra artística. Uma obra mesmo de clara inspiração religiosa, mas não destinada ao culto, não deve ser considerada arte sacra. No geral, a arte religiosa é aquela que reflete a vida religiosa do artista e está subordinada ao fim da religião, ou seja, produzir uma atitude interna de amor a Deus, entendido como submissão, fé e esperança.

A arte sacra é a arte religiosa que tem um destino de liturgia, isto é, aquela que se ordena a fomentar a vida litúrgica nos fiéis e, por isso, não só deve conduzir a uma atitude religiosa genérica, mas há de ser apta a desencadear a atitude religiosa exigida pela Liturgia, quer dizer para o culto divino.

A arte sacra deve levar a uma atitude de reflexão sobre o mistério divino e elevar o espírito daqueles que a contemplam. A arte sacra é necessária que seja compreensível, quer dizer, que sirva de ensinamento, porque é uma “teologia em imagens”. Deve representar as verdades da fé, não de um modo arbitrário, mas de exposição do dogma cristão com a maior fidelidade possível e com sentimentos autenticamente piedosos.

O belo

Desde a Grécia antiga, a criatura humana se questiona sobre o belo. Platão observou sua concepção de belo de maneira que se afasta da interferên-

cia e da participação do juízo humano. Aristóteles acreditou que o belo deva ser inerente ao homem. Hume e o subjetivismo acalmam os ânimos em torno da questão do gosto, levando em conta o discernimento da beleza. Do ponto de vista de Bertrand Russell, o subjetivismo humano vem como uma forma de loucura. Immanuel Kant saiu da contemplação das grandes artes para a percepção do belo na prática da vida cotidiana, independente da aquisição de conhecimento e sim onde o observador intui, percebe a totalidade, a plenitude das características do objeto e não características isoladas. Hegel vislumbrou o belo onde a arquitetura é colocada como a primeira realização de arte e tem como missão, por meio do espírito de quem a cria e quem a utiliza a sua aproximação com Deus.

E assim vai, não necessariamente na ordem apresentada, até chegarmos a Agostinho e Tomás de Aquino, onde a identificação da beleza com o bem são reflexos da própria beleza de Deus. A beleza dos bons combates. As controvérsias em torno do belo permeiam a Arte Sacra e, sem dúvida, somam horizontes para uma abrangente e universal experiência íntima.

O Renascimento

Mesmo sem um consenso sobre datas, o período entre fins do século XIII e meados do século XVII, recebeu o nome de Renascença ou Renascimento. Foi um tempo de transformações marcantes em muitas áreas da vida humana, fim da Idade Média e início da Idade Moderna. A transição do feudalismo para o capitalismo. Cultura em geral, economia, política e religião iniciavam um processo de mudanças. Mas, descreve os seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências, termo mais empregado.

Giorgio Vasari, no século XVI, foi o primeiro a registrar o termo Renascimento para descrever a redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica. Essas referências foram responsáveis por um novo rumo em direção a um ideal humanista e naturalista. A pintura caminhou para uma nova forma na apresentação da natureza,

acrescentando a perspectiva, uma ilusão do espaço tridimensional em uma superfície plana, afastando-se do sistema medieval, chapado, sem profundidade.

As proporções do cânone greco-romano voltava para a concepção da figura humana. Buscar e cultivar o belo era base; o desenho, o alicerce e seu domínio, o ponto de partida para todo artista. As cenas pintadas retratavam pessoas em movimento e a profundidade da perspectiva foi acrescida do sombreado, ou claro-escuro.

Rafael

Raffaello Sanzio (1483-1520), Raffaello Sanzio de Urbino ou Rafael foi pintor e arquiteto da escola de Florença. Um mestre respeitado pelo domínio da suavidade nas expressões das figuras humanas retratadas. Admirado pela aristocracia de Roma e pela corte papal. Ficou conhecido como o príncipe dos pintores. Com Pietro Perugino aprendeu a técnica do afresco. Fortemente influenciado por Leonardo Da Vinci, absorveu a estética renascentista e também as inovações do claro-escuro, contraste de luz e sombra e o esfumado; de Michelangelo Buonarroti, a expressividade contida na anatomia humana. Chamado pelo Papa Júlio II, permaneceu doze anos em Roma. Lá, foi responsável pela realização de numerosos e grandiosos projetos, sendo os mais importantes a Disputa e Escola de Atenas. Rafael tornou-se o pintor da moda, pintou aposentos pontifícios, retratos, altares e concebeu projetos arquitetônicos.

Alcançou tamanho prestígio, que o sucessor de Júlio II, o papa Leão X, chegou a pensar em fazê-lo cardeal. Sucedeu Bramante como arquiteto do Vaticano e realizou nas loggias, galerias, uma pintura de extrema simplicidade e lirismo, que contrastava com a majestosa grandeza da obra de Michelangelo Buonarroti na capela Sistina. Em 1517, foi nomeado encarregado geral de todas as antiguidades romanas. Sua última obra, a Transfiguração, desvia-se da serenidade típica de seu estilo, antecipando uma nova estética: o da expressão barroca.

Leonardo da Vinci

Leonardo da Vinci (1452-1519) foi uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento. Destacou-se como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, escultor, arquiteto, botânico, poeta, músico e é considerado um dos maiores pintores de todos os tempos. E surge, ainda, como possivelmente a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido, o maior gênio da história.

Leonardo, frequentemente, foi descrito como o modelo perfeito do homem do Renascimento. Alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua imensa capacidade de invenção. Duas de suas obras, a Mona Lisa e A Última Ceia, estão entre as pinturas mais famosas, mais reproduzidas e mais parodiadas de todos os tempos.

A Última Ceia é uma pintura de Leonardo da Vinci para seu protetor, o Duque Lodovico Sforza. O trabalho se encontra no convento de Santa Maria delle Grazie, em Milão, que o Duque mandou construir. Representa a cena da última ceia de Jesus com os apóstolos antes de ser preso e crucificado. Ao contrário de muitas pinturas valiosas, nunca foi possuída particularmente porque não pode ser removida do seu local de origem, já que esta pintada sobre a parede do refeitório do convento. Mede 460 x 880 cm.

Leonardo usou a técnica do afresco, pigmentos misturados com gema de ovo ao reboco úmido, incluindo um veículo de óleo ou verniz e testou uma nova técnica à solução das tintas com predominância da têmpera, não sendo muito feliz. Não foi testada o suficiente, não se ajustando as condições climáticas da região e às condições da parede. Antes que o painel estivesse pronto, começaram a aparecer pontos deteriorados que se agravaram durante os anos. Já foi restaurada por sete vezes.

O homem vitruviano (ou homem de Vitruvio) é uma ilustração de Leonardo muito conhecida como referência para simetria e proporção. Esse desenho é uma interpretação do artista para uma teoria do arquiteto grego Marco Vitruvio Polião, onde a construção de um templo deveria se basear nas proporções do homem, consideradas divinas. Um

homem especial, com medidas específicas, passou pela razão áurea, um ideal clássico de beleza.

Michelangelo de Caravaggio

Michelangelo Merisi de Caravaggio (1573-1610) foi um pintor italiano normalmente identificado como um artista barroco, o primeiro grande representante desse estilo. Os que conheciam Caravaggio o consideravam enigmático, fascinante e sobretudo perigoso. Suas obras eram realizadas com base em pessoas comuns das ruas de Roma. Prostitutas, lavradores, pescadores, marinheiros, desde que tivessem grande expressão, serviam como modelo para retratar Maria e os apóstolos.

Levou esse princípio estético, encontrado em Giotto, às últimas consequências. Chegou a ser acusado de usar o corpo de uma prostituta morta para pintar A Morte da Virgem. Aplicava um fundo sempre escuro, muitas vezes totalmente preto de onde surgia o tema em questão, volumes vigorosos num primeiro plano com a luz intensa para iluminar os rostos, criando uma atmosfera que atrai o observador para dentro da cena.

Tenebrismo foi o nome dado a esses efeitos de iluminação. O uso da luz e sombra levado ao máximo. Caravaggio afastou-se das convenções do maneirismo e apresentou uma pintura crua e brutal, que por sua força renovou a natureza morta, as cenas profanas e os temas religiosos. Tão marcante é o seu estilo que recebeu o nome de Caravaggismo, influenciando a produção artística da Europa. Uma carreira marcante, curta e tumultuada por conta de um temperamento explosivo. Formado em Milão, instalou-se em Roma por volta de 1592. Em 1599, realizou a decoração da capela de São Mateus, na igreja de S. Luigi dei Francesi, depois trabalhou para a igreja de Santa Maria Del Popolo e para a igreja de Santo Agostinho.

Em 1606, após matar um homem em uma briga, perseguido pela justiça, fugiu para Roma. Esteve em Nápoles, Malta e Sicília. Lá, pintou cenas sempre fortíssimas, como: A ressurreição de Lázaro. Obra com impacto do vazio dominante e um raio de luz cortante, que parecem congelar a cena sagrada.

Voltava a Roma, quando morreu vítima de malária aos 38 anos.

O Maneirismo

Foi na Alta Renascença, com Leonardo da Vinci, que a técnica do óleo agregou arte, ciência e um refinamento voltado para o campo do sugestivo. Com Rafael, a valorização da Antiguidade Clássica chegou a um ponto altíssimo. Mas não durou muito esse equilíbrio formal, que seria alterado profundamente sendo substituído pelo Maneirismo.

Michelangelo é um expoente da nova expressão, elevando o homem a uma nova dimensão, a do sobre-humano, sem esquecer o lado trágico e patético da sua natureza. As proporções da figura humana foram distorcidas, buscando mais expressividade e outras estéticas. Propiciou obras mais dinâmicas, dramáticas, sofisticadas e também subjetivas.

Tudo foi alterado na noção de espaço e a perspectiva entrou em um novo e rico movimento. Michelangelo em sua fase madura, juntamente com Veronese, Tintoretto, Roano, Pontormo, é exemplo marcante do Maneirismo.

O Barroco

O Barroco nasceu na Itália. Foi um período filosófico e estilístico do Ocidente, ocorrido desde meados do século XVI até ao século XVIII. O fervor religioso foi a inspiração. O termo barroco, quando utilizado nas artes, tem um significado tanto histórico quanto crítico. A palavra derivou possivelmente do português arcaico, usada para definir uma pérola de superfície irregular ou jóia falsa. Até finais do século XIX, foi usada como um sinônimo para absurdo ou grotesco.

A palavra barroco foi rapidamente introduzida nas línguas francesa e italiana. O ano de 1580, sinaliza o fim da autonomia de Portugal. No Brasil, chegavam novas diretrizes políticas para a colonização e os primeiros engenhos de cana-de-açúcar, na Bahia. Salvador, capital do Brasil, dava os primeiros sinais como centro cultural.

Envolver e emocionar intensamente o es-

pectador era o objetivo da arte barroca, com suas formas opulentas e cheias de detalhes. Despontava como o estilo presente na Reforma da Igreja Católica. Todas as belas artes serviam de ferramenta ao estilo emocional do Barroco, bem como a literatura. Foi na Itália, França, Portugal, Espanha e América Latina que o Barroco floresceu. Na contramão da razão sobre a emoção do Renascimento, o Barroco marcava forte o sentimento. Os temas mitológicos, o direito divino dos reis e o espírito religioso e místico da Idade Média ganharam força. O ser humano que desponta no Barroco percebe-se como criatura de valor que questiona o seu entorno e a sua relação com o Sagrado, e o artista, que enfatiza a emoção por meio dos seus trabalhos, busca criar uma ponte entre esses dois mundos.

Bernini

Giovanni Lorenzo Bernini (1598-1680), escultor e arquiteto do barroco italiano, trabalhou principalmente na cidade de Roma. Foi, também, desenhista, pintor, cenógrafo e criador de espetáculos de pirotecnia. Suas principais obras podem ser vistas em Roma e no Vaticano. Foi um artista prodígio, logo cedo com autonomia para criar.

Foi nomeado o principal arquiteto da Basílica de São Pedro e nessa função, Bernini, mais do que Michelangelo, contribuiu com uma nova organização dos espaços e uma decoração que resultou em grande e impactante beleza para o interior da Basílica, com obras como, o trono de São Pedro, uma cobertura em bronze dourado do trono em madeira do papa, o altar-mor diretamente sobre o túmulo de São Pedro e o seu remate escultórico, o famoso baldaquino, quase 30 metros de altura e exatamente acima do túmulo de São Pedro. Quatro grandes bases de mármore e colunas em espiral, fundidas em bronze sustentam o baldaquino. Uma imagem inesquecível, impactante com elementos próprios do Barroco.

O Barroco no Brasil

Foram as ordens religiosas jesuítas, carme-

litas, franciscanas e beneditinas responsáveis pelo Barroco no Brasil. A descoberta de ouro no Brasil colonial, século XVIII, e o início da exploração de minas, em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, provocaram uma verdadeira “corrida do ouro” para estas regiões. Rapidamente surgiram cidades e o desenvolvimento urbano e cultural aumentou muito nesses lugares. A expressão arte colonial designa a produção artística brasileira nesse período da nossa história.

O Barroco foi o movimento artístico mais importante do Brasil colonial e caracterizou-se pela grande riqueza de detalhes nos ornamentos dos interiores das igrejas e nas fachadas das edificações. A estatuária sacra destaca-se nessa produção que em sua maioria é de autoria desconhecida. Mesmo sendo um movimento artístico de origem europeia, no Brasil desenvolveu características próprias como o uso de cores mais fortes. O aprendizado do estudo de reproduções de grandes obras da arte europeia foi um fato muito difundido entre os nossos artistas.

A arte sacra foi a primeira manifestação artística no Brasil Colonial e divide-se em dois movimentos, o Barroco Mineiro e o Barroco Baiano. No Barroco Mineiro temos o Primeiro Período (1700-1730). Época em que os espaços disponíveis nas paredes e tetos das Igrejas eram todos decorados. Período Joanino (1730-1760), uma arquitetura com linhas curvas, naves alongadas e torres circulares. Período Rococó (1760-1800), fachadas mais leves e audaciosas, com torres redondas e portadas com relevos em pedra sabão.

Os templos religiosos mineiros setecentistas, em sua maioria, se distinguem pelo uso de um tabuado corrido nos forros, prevendo a decoração com pinturas de grandes dimensões. A pintura barroca mineira tem seus exemplos mais notáveis na decoração interna das igrejas, embora haja também uma produção em painéis e telas independentes. Minas, com maior dificuldade para importação de peças para referência, como de costume no litoral, não era menos religiosa e também tinha uma grande demanda por estatuária sacra. Essas condições produziram os artífices mineiros que em sua maioria eram autodidatas.

Esses escultores não seguiam uma única estética e sua produção caracterizou-se pela diversidade, numa policromia menos carregada, personagens de feições ingênuas, joiais e trajés diferenciados. Francisco Xavier de Brito foi o primeiro mestre de importância em Minas, meados do século XVIII, seus trabalhos marcaram toda a região e sua obra de talha e estatuária na Matriz do Pilar influenciou de forma direta Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que divide o reconhecimento mundial com Manuel da Costa Ataíde, mais conhecido como Mestre Ataíde, (1762-1830), pintor, dourador, encarnador, entalhador e professor brasileiro.

O Barroco Baiano ainda pode ser observado em Salvador, por intermédio, da sua arquitetura, mais de 800 casarões dos séculos 17 e 18, museus e igrejas, onde até mesmo a composição dos espaços é marcada pelo estilo barroco. Na Bahia, imperou o barroco das igrejas douradas, o Barroco Monumental. O melhor exemplo está na Igreja e Convento de São Francisco, que tem seu interior completamente forrado com folhas de ouro.

Aleijadinho

Antonio Francisco Lisboa (1730-1814), o Aleijadinho, foi escultor, entalhador, desenhista e arquiteto brasileiro. Ele representa um momento próprio da arte brasileira no Brasil colonial, a soma das várias raízes sociais, étnicas, artísticas e culturais da nossa fundação. Até mais que isso, é o representante maior de uma expressão plástica de reconhecida qualidade dessa síntese, o primeiro grande artista genuinamente nacional.

Toda sua obra foi realizada em Minas Gerais, com destaque para as cidades de Ouro Preto, Sabará, São João del Rei e Congonhas do Campo. Por volta de 40 anos de idade, desenvolveu uma doença degenerativa nas articulações. Aos poucos, perdeu os movimentos das mãos e pés. Aleijadinho estava com mais de 60 anos, quando começou a esculpir as famosas imagens de Congonhas do Campo, um conjunto formado por 66 figuras religiosas esculpidas em madeira e 12 em pedra-sabão. Nessa época, já deformado pela doença, trabalhava com o martelo e o cinzel amarrados aos punhos. Respeita-

do em seu tempo, Aleijadinho, após sua morte, foi relegado a um quase esquecimento. O reconhecimento de que sua obra havia sido a expressão máxima do Barroco no Brasil aconteceu na Semana de Arte Moderna de 1922. Hoje, vários especialistas consideram Aleijadinho o maior nome do Barroco latinoamericano, constituindo Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Cláudio Pastro

Cláudio Pastro nasceu em São Paulo, em 1948. Desde 1975, dedica-se à arte sacra. Responsável pelo projeto artístico de 300 igrejas, capelas, mosteiros e catedrais. Realizou pinturas, vitrais, azulejos, altares, cruzes, vasos, esculturas e presbitérios. Sua obra é encontrada no Brasil, Argentina, Bélgica, Itália, Alemanha e Portugal. Ilustrou vários livros na Alemanha, Itália, Espanha e Brasil, com destaque para a Bíblia, Edição Pastoral.

Publicou os livros: Guia do Espaço Sagrado, Arte Sacra o Espaço Sagrado Hoje, Arte Sacra, Parábolas, O Deus da Beleza e Itapeva, um tesouro em vaso de barro. Realizou exposições na Alemanha, Suíça, Áustria, Itália, Inglaterra, França, Bélgica, México, Argentina e Brasil. Foi o artista convidado pelo Vaticano para conceber o Cristo do Terceiro Milênio, símbolo utilizado em todas as publicações da Santa Sé, a partir de 1999. Executou diversos trabalhos de restauração física e litúrgica de capelas. Cláudio Pastro é um dos mais renomados e respeitados artistas sacros da atualidade, reconhecido mundialmente. **R**



Bibliografia

BARDI, Pietro M. . Gênios da Pintura . São Paulo: Círculo do Livro – Abril, 1973
ECO, Umberto . História da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 2005
ECO, Umberto . História da Feiúra. Rio de Janeiro: Record, 2007
BOTTON, Alain de . A arquitetura da felicidade. Rio de Janeiro, 2007
GOMBRICH, Ernst H. . A História da Arte: São Paulo, 16ª edição, 1999

(*) João Alberto Tessarini é publicitário e artista plástico.



EXERCÍCIO
1) RESOLVA AS CONTAS:

$$\begin{array}{r} 4 \\ - 3 \\ \hline \end{array}$$

FACULDADE DE ENGENHARIA MAUÁ E PREFEITURA DE SÃO CAETANO DO SUL

PARCERIA PARA ZERAR O ANALFABETISMO

Cristina ORTEGA ()
com Jô Sperate Figueiredo*

“Hoje sou independente.

Posso ler.

Posso ir a todos os lugares.

Ler o itinerário dos ônibus.

Aprender a ler e escrever

é aprender a viver”,

afirma uma senhora de 60 anos,
do curso de alfabetização Proalfa.

O analfabetismo é uma responsabilidade social e governamental. Em pleno século 21, não se pode calar a esse mal do passado. Para dar vida digna a quem não domina a leitura e com o objetivo de erradicar o analfabetismo, a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, em parceria com o IMT- Instituto de Tecnologia Mauá, criou o PROALFA – Projeto de Alfabetização de Adultos. O principal objetivo é o de amenizar esse problema sociocultural, oferecendo aos moradores adultos do município, que não tiveram acesso à alfabetização na infância, um programa fundamentado na metodologia de ensino do educador Paulo Freire.

A frase de abertura e tantas outras ouvidas durante o curso tornam-se célebres dentro do projeto Proalfa. Um verdadeiro estímulo aos que participam diretamente do curso. Pessoas que desconheciam o mundo fabuloso das letras podem ter esse contato graças a uma parceira incontestável e única do cenário da educação sancaetanense.

As descobertas, com razões cotidianas que antes eram impossíveis, tornam esses alunos cada vez mais autoconfiantes. O Proalfa, não é apenas um curso, é o resgate da autoestima de quem nunca teve oportunidade de ler e escrever.

De modo geral, eles se sentem discriminados, como alguém que não é capaz, que é dependente. Os alunos levam sua experiência de vida para as salas de aula, integram trabalho e aprendizado. A emoção dos alunos é clara. Os que completam o curso de alfabetização se sentem livres da marca negativa de analfabetos.

Observa-se, em contato com as histórias contadas pelos alfabetizandos, que vários fatores foram preponderantes para o analfabetismo, como a vida na área rural, o difícil acesso às escolas ou mesmo a necessidade familiar de mão de obra no trabalho. Pessoas idosas e trabalhadores, em geral da construção civil, são os que mais procuram o cur-

so. Tarefas quase impossíveis como, ir às compras, pagar uma conta, utilizar os transportes públicos são problemas que, em curto prazo, deixam de existir.

O método de ensino utilizado leva em conta o repertório de nomes (sons) e conhecimentos práticos de que o aluno já dispõe antes de iniciar o processo de alfabetização. Primeiro, observam-se e anotam-se as palavras comuns à linguagem do grupo, a partir da aproximação e da interação entre alunos e professor. Em seguida, selecionam-se algumas dessas palavras, por critérios de riqueza ou de dificuldades fonéticas e comprometimento pragmático da palavra na realidade social e política do grupo. Depois disso, as palavras selecionadas servirão como elementos catalisadores para discussões sobre temas cotidianos da comunidade.

A história do Convênio

Mas, por que a *Revista Raízes* deveria se



Acervo Instituto de Tecnologia Mauá

Entrada principal na Praça Mauá, década de 80

preocupar em divulgar um trabalho da área educacional? Muito simples. Como revista, nos preocupamos com a leitura, com as maravilhosas viagens que as letras podem proporcionar. Como história, fatos relevantes ao desenvolvimento da sociedade de São Caetano do Sul devem ser registrados. O Proalfa é um deles. Merece destaque. É acontecimento histórico.

O projeto prevê a cooperação técnica e financeira celebrada entre a Prefeitura e a Mauá. Cabe à primeira, a responsabilidade de formar classes de alfabetização, bem como, a Coordenação Pedagógica do Programa. Ficam a cargo da Prefeitura, a alocação de recursos humanos, materiais didáticos e o espaço físico. Também recruta os orientadores de alfabetização entre os estudantes-estagiários, para atuarem nas classes, promovendo sua capacitação, orientação e acompanhamento pedagógico.

O IMT fornece os recursos para o pagamento da bolsa-estágio aos Orientadores de Alfabetização, por classe formada, conforme plano pedagógico aprovado.

O convênio foi efetivamente celebrado em 23 de fevereiro de 1999. No dia 26 de abril, do mesmo ano, tiveram início as aulas e 170 alunos para alfabetização se inscreveram.

Funcionamento

Preenchidos os requisitos necessários, todos os Orientadores do Projeto, alunos universitários do

Acervo/Coordenadoria Proalfa



Alunos contam com apostilas completas do Proalfa

Instituto Mauá de Tecnologia, matriculados no período diurno, passam por um curso de Capacitação Pedagógica, ministrado pela Coordenadoria Pedagógica, da Secretaria Municipal da Educação.

As aulas de alfabetização são ministradas de segunda a quinta-feira, com duas horas diárias de duração, no período noturno. O programa atende pessoas a partir de 18 anos que não sabem ler e escrever, residentes no município. Há uma turma de deficientes auditivos, que conta com uma professora especialista nessa metodologia e que desenvolve um trabalho diferenciado de alfabetização utilizando a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras).

No início, eram 600 alunos por semestre. Hoje, anualmente, são alfabetizados entre 100 a 200 alunos, prova da queda do analfabetismo na cidade. Já são mais de 3,7 mil alunos desde 1999.

A alfabetização acontece num período de seis a oito meses. Ao final, os alfabetizados são encaminhados para cursos supletivos, a fim de dar continuidade ao processo de educação.

Socialização

Várias atividades realizadas com os alunos do Proalfa têm a finalidade de socializar e resgatar sua autoestima, facilitando o aprendizado por meio do envolvimento do aluno com a comunidade. São realizadas Feiras de Ciências, com trabalhos desenvolvidos por esses alunos, abordando temas como o consumo de energia, biocombustível, hidrelétricas, energia nuclear, energia solar, geração de energia e outros ligados à atualidade.

São realizadas atividades complementares, como oficinas de trabalhos manuais, visitas aos laboratórios da Escola de Engenharia Mauá, idas a cinemas e teatros, interagindo, com o conteúdo ensinado.

Os alunos do Proalfa, além de aprender a ler e escrever, recebem formação básica em Matemática, História e Geografia. Ao final do curso, eles recebem diploma e têm a oportunidade de continuar seus estudos em cursos como o supletivo gratuito da Escola Municipal de Ensino (EME) Vicente Bastos.



Nova vida
depois das aulas do Proalfa

UMA CIDADE LIVRE DO ANALFABETISMO

São Caetano do Sul pode orgulhar-se em todos os segmentos. Além de se destacar com seu índice de desenvolvimento econômico e social, divulgado pelo IFDM-Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, também surge de maneira especial com o índice apontado para a educação, de 0,9475 (em uma escala em que um é o maior índice possível), resultado do esforço que o governo municipal investiu nesta área. A cidade surge como líder de escolaridade em 2008, entre todos os municípios do Estado de São Paulo.

Fora isso, recebeu o Selo de Município Livre de Analfabetismo, concedido em 2007 pelo Ministério da Educação. Este Selo é concedido aos municípios que atingiram mais de 96% de alfabetização em suas redes. Somente três cidades do Estado de São Paulo: Águas de São Pedro, São Caetano do Sul, com taxa de 2,99% e Santos, dentre os mais de 5.500 municípios.

Vale ressaltar que um município, para chegar ao nível zero de analfabetismo deve contar com ações e projetos direcionados a essa finalidade. São Caetano investe 35% do orçamento na educação, verba acima da prevista (de 25%) pela Constituição Federal.

Núcleos de Alfabetização

Hoje, o Proalfa conta com 10 núcleos de alfabetização, que funcionam em escolas do município, com turmas de aproximadamente 20 estudantes, com idade média de 45 anos.

Barcelona – EMEF 28 de Julho
 Centro – EE Bonifácio de Carvalho
 Fundação – EMEF Senador Fláquer
 Nova Gerty – EMEF Leandro Klein
 Oswaldo Cruz – EMEF Sylvio Romero
 Prosperidade – EE Laura Lopes
 São José – EME Vicente Bastos
 Santa Maria – EEB Anne Sullivan
 Santo Antonio – SEMEF
 Construtora Lorenzini – canteiro de obras da Rua Rafael Correa Sampaio

INSTITUTO MAUÁ DE TECNOLOGIA

48 ANOS EM EXCELÊNCIA NA EDUCAÇÃO

O dia 11 de dezembro de 1961 é uma data histórica para a educação. Marca a criação de um dos pólos de maior referência educacional e formadora profissional da região e de São Paulo: o Instituto Mauá de Tecnologia, com dois campus, em São Caetano e São Paulo. Uma entidade de direito privado, associação sem fins lucrativos, de utilidade pública. Seu objetivo principal é promover o ensino técnico-científico, a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico, visando a formação de recursos humanos altamente qualificados, que contribuam para o desenvolvimento socioeconômico do País.

Neste mês em que completa 48 anos, as comemorações são constantes, graças aos prêmios alcançados na área educacional. O Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia foi classificado, pelo segundo ano consecutivo, como o 3º melhor no Estado de São Paulo. No ranking nacional, a Mauá aparece na 12ª posição entre os 153 centros universitários avaliados pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Índice Geral de Cursos (IGC), indicador criado para ava-

liar as IES em diferentes aspectos, em uma escala de um a cinco. A Mauá obteve nota 4, avaliação máxima atingida em sua categoria.

Em 2008, O Centro Universitário foi o vencedor do Prêmio Melhores Universidades - Guia do Estudante 2008, na categoria Centros Universitários do Interior do Brasil. Em sua quarta edição, foram selecionados 66 cursos de 40 instituições de ensino superior do País para concorrer ao prêmio em três categorias: Melhores por Área de Conhecimento; Melhores por Tipo de Instituição e Sustentabilidade. A Mauá também foi uma das três instituições finalistas na categoria Melhores por Área de Conhecimento em Ciências dos Materiais - Engenharia de Alimentos.

Por tudo que conquistou, pelos sucessos, pelo profissionalismo, pela preocupação com o mundo educacional e, principalmente, pela causa social, com a parceria Prefeitura - Mauá, a *Revista Raízes* sente-se orgulhosa em prestigiar, homenagear e marcar esses 48 anos de qualidade e colaboração para com a extinção do analfabetismo em São Caetano do Sul.

Crédito: Reginaldo Canhoni



Campus em São Caetano, hoje.

(*) Cristina Ortega é pedagoga e advogada
Com a colaboração de Karen Roberta da Silva e Alessandra Scorsafava Piceli, coordenadoras pedagógicas, e Ana Beatriz Grimaldi, da área de Comunicação da Faculdade de Engenharia Mauá.



A CONTRIBUIÇÃO DESTE ÁLBUM NA HISTÓRIA DA CIDADE

Ademir MEDICI (*)

O futebol sintetiza bem a formação étnica contemporânea de São Caetano do Sul e Grande ABC. Trazido ao Brasil no século 19, este esporte tão popular consegue acompanhar a sementeira de vilas e bairros, por exemplo, e é a prova acabada de que o coletivo está presente na formação urbana que transformou o Município e região.

Há detalhes que diferenciam um caso do outro, mas no geral o futebol se insere num arcabouço que os antigos conhecem tão bem:

1) A construção da casa operária em mutirão, depois da abertura do poço raso no quintal e da fossa acética no jardimzinho do lote popular e até a cobertura simbolizada pela colocação de um galho de árvore no telhado e o oferecimento de sanduíches, refrigerantes e chope pelo proprietário como sinal de agradecimento aos que ajudaram na tarefa;

2) A unidade na constituição de uma sociedade amigos ou comissão de moradores para tratar, sempre coletivamente, dos interesses da nova vila, que vai precisar de benefícios mínimos, como a iluminação pública e as redes de água e esgoto para substituir os poços rasos e fossas;

3) A unidade para o levantamento da igreja do bairro, a princípio com predominância ao catolicismo, mas que, com o passar dos anos, atinge tantas outras religiões e doutrinas;

4) E como há lotes vazios, a unidade dos jovens rapazes para a construção de um campo de futebol, raspadão e com traves improvisadas, onde o clube do bairro mandará seus jogos, recebendo os adversários. A sede pode ser a casa do presidente ou o bar da esquina, que reservará paredes para a estante que agasalhará taças e troféus.

Tudo Gira em Torno de um Eixo

Estamos na bacia do Tamanduateí e dos Meninos.

No caso de São Caetano, a cidade desenvolve-se com uma população de imigrantes italianos

e seus descendentes que um dia trocou o trabalho em indústrias artesanais como a das olarias pela industrialização pesada que avança sobre antigos lotes coloniais. O eixo dos Rios Tamanduateí e dos Meninos enche-se de fábricas. Estas atraem novos moradores, migrantes e imigrantes.

Os migrantes trocam o campo pelo subúrbio paulistano. Num primeiro momento, mão-de-obra do interior, seguida por famílias que vêm de Minas Gerais, do Paraná e, por fim, do Nordeste e outras regiões; os novos imigrantes – para diferenciar dos imigrantes pioneiros do Núcleo Colonial de São Caetano (1877 e 1878) – que descobrem o Brasil (e São Caetano) no intervalo entre as duas grandes guerras do século 20 e, mais recentemente, depois da Segunda Guerra, que deixa uma Europa semidestruída.

O Memorial do Imigrante, na Mooca, guarda registros de famílias de imigrantes que chegaram a São Caetano até meados da década de 1960, quando a cidade, em franco processo de formação urbano-industrial, guardava ainda muitas áreas livres entre os loteamentos semeados e os núcleos industriais¹.

Sempre havia espaço para mais um campo de futebol, além do majestoso – ao menos para os padrões de São Caetano – Estádio Lauro Gomes, hoje Anacleto Campanella, no que a crônica esportiva chamava de “Morro dos Ventos Uivantes” (“Wuthering Heights”), de 1847, nome tirado do romance de Emily Brontë.

Nossos Ídolos

*Operários de segunda a sábado,
craques nos domingos.*

Em 1955 ou 1956 – não há um ano exato – a surpresa: o mundo futebolístico amador do ABC ganha um álbum de figurinhas lançado por uma editora de São Caetano chamada ‘Morcilo & Bisquolo’². São 30 equipes retratadas, 15 das quais diretamente ligadas à Liga Amadora de São Caetano³.

Os cromos são coloridos. Os jogadores aparecem bem alinhados, com os cabelos curtos, cuidadosamente penteados. Uns poucos usam boinas, comum no futebol dos anos anteriores e que estavam caindo de moda. E em cada página, três figurinhas carimbadas, o nome do clube e a sua data de fundação.

É certo que aqueles jogadores, ídolos de seus bairros, alguns ídolos municipais e regionais, tiveram participação na formação de muitos dos times. Também é certo que os mais talentosos foram buscados em outros centros para reforçar as equipes – era comum a fábrica optar pelo operário bom de bola no momento da admissão; ele seria certeza de reforço ao time da fábrica.

É no futebol, nos tantos campos de várzea locais, que aqueles jovens passavam por cima de convenções, preconceitos, modismos, com o propósito claro de, apenas e tão somente, jogar futebol aos sábados à tarde e domingos, preferencialmente, depois da semana inteira de trabalho quase sempre na indústria.

A São Caetano acanhada geograficamente, ainda de crescimento horizontal, demoraria uns anos mais para crescer para o alto, com os arranha-céus apontando para os céus do antigo Tijucuçu. E o futebol era tão considerado que equipes “do outro lado do rio” preferiam manter filiação à Liga de São Caetano – no caso deste álbum, a Associação Vila Alpina e o Esporte Clube Vila Bela.

As Origens de cada um

E a criatividade dos apelidos da nossa várzea.

Imaginávamos, para este artigo, identificar melhor os jogadores, com nomes e sobrenomes. Ainda não foi possível. A identificação levaria a descobrir as origens dos jogadores – se nascidos na própria cidade e região ou vindos de fora. O tempo tornou-se exíguo para percorrer cada bairro em busca de pistas daqueles times e atletas de um álbum

America do Sul F. C.

Fundado em 1-9-47
São Caetano do Sul



Ind. Ceramica F. C.

Fundado em 19-4-51
São Caetano do Sul



A. Corinthians

Fundado em 1-6-33
São Caetano do Sul



Cruzada Esporte

Fundado em 1-5-39
São Caetano do Sul



que se aproxima dos 60 anos de edição.

No mais das vezes, os jogadores aparecem com seus apelidos, o que é normal em termos futebolísticos, basta que citeamos os dois casos mais famosos do Brasil (por que não do mundo?), Pelé e Garrincha.

Há pistas boas, de qualquer forma, quando nos deparamos com jogadores de nomes conhecidos ou apelidos populares: Beloni, Bonato, Botega, Braidó, Fiorotti I, Fiorotti II, Pain, Pavin, Piccolo, Sule e Zinho (tio do prefeito Auricchio).

Há nomes que podem oferecer pistas de naturalidade: Baiano, Cananêia e Servino.

Outros que nada escondem de preconceitos: Dito, João Preto e Nego.

Mas sobressaem-se os apelidos, um mais criativo que o outro: Alemão, Bacalhau, Bicheiro, Bororó, Cavalinho, Cinco Bola, Cupim, Diamante, Fritola, Fubá, Galinha, Maneco, Miroca, Nandinho, Passa Óleo, Peixe, Picão, Ponce, Sossego, Tigelinha, Tom Mix, Três Potes, Trovão, Vidraça e Zé Amador.

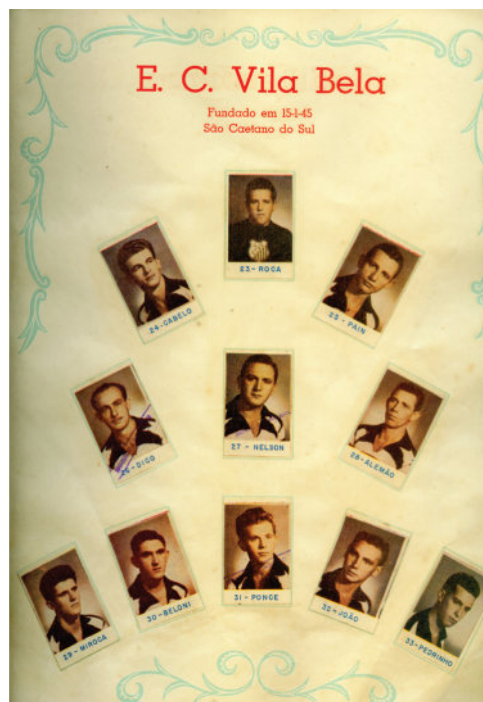
Imaginemos que o álbum de figurinhas aqui citado tenha mesmo sido editado entre 1955 (data de fundação dos dois clubes mais jovens do álbum, a Sociedade Esportiva Sata e o Clube Progresso) e 1956 – infelizmente, a publicação disponível não traz a data. Neste caso, aqueles jovens jogadores que corriam atrás de uma bola na São Caetano de quase seis décadas atrás estariam hoje numa faixa entre os 70 e 85 anos de idade.

Que caminhos cada um percorreu? Quem se fixou na cidade? Quem já partiu? – de São Caetano e da vida. Resta uma fonte primária, o próprio álbum de figurinhas, que antecedeu uma segunda publicação, esta mais nova, da segunda metade da década de 1950, e que também pode servir de pistas e, quem sabe, para um próximo artigo aqui em RAÍZES.

O Futebol no Campo da História

Ou: O futebol do ABC de todos os tempos

Quando da realização do 10º Congresso de História do Grande ABC, em novembro último,





em São Caetano, uma das mesas abordou o futebol entre nós, sob a coordenação do jornalista Geraldo Nunes, da Rádio Eldorado. Chegamos a mostrar algumas dessas páginas do álbum de figurinhas durante o painel. Por problemas técnicos, não pudemos apresentar todas as páginas. Então passamos uma lista: quem quisesse o álbum completo, que deixasse o nome e e-mail. A maioria quis conhecer o álbum, o que prova a paixão pelo tema futebol.

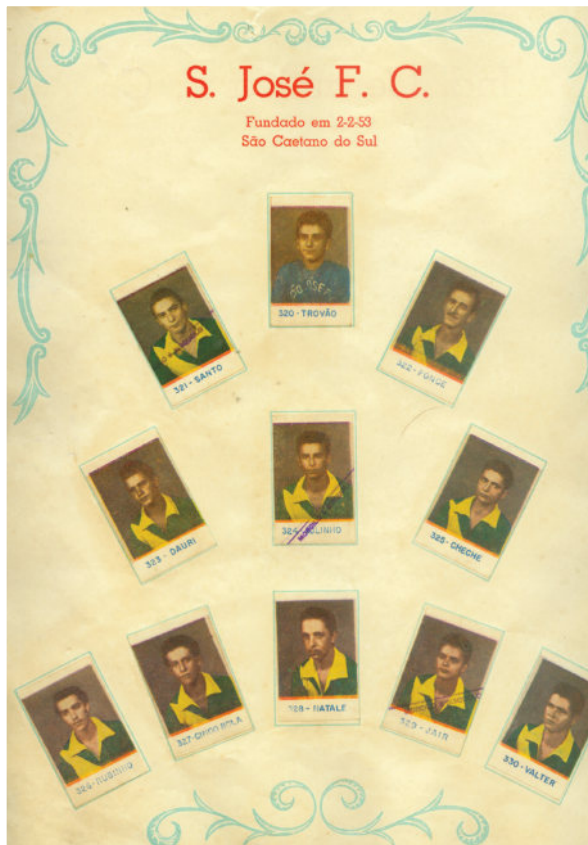
Pelas semanas seguintes tratamos de reproduzir o álbum em CDs – seria difícil passar todas as páginas pela internet. E agora, em *RAÍZES*, temos a oportunidade de voltar uma vez mais ao tema, sempre fascinante.

Os Times que este álbum contemplou

Trinta equipes de todo o ABC

NOME	FUNDAÇÃO
Fluminense FC (Santo André)	1-1-1937
AA América (Santo André)	2-1-1951
Ana Néri FC (Santo André)	12-1-1952
EC Vila Bela (São Paulo)	15-1-1945
GR Universal (Santo André)	25-1-1954
São José FC (São Caetano)	2-2-1953
Vila Prosperidade FC (São Caetano)	1-3-1929
SE Sata (Santo André)	1-3-1955
AC Swift (Santo André)	9-3-1949
CA Tognato (São Bernardo)	4-4-1951
Industrial Cerâmica FC (São Caetano)	19-4-1951
CA Ipiranguinha (São Caetano)	23-4-1949
Cruzada Esporte (São Caetano)	1-5-1939
SE Santa Terezinha (Santo André)	6-5-1943
JA Tamoyo (São Caetano)	15-5-1944
Associação Corinthians (São Caetano)	1-6-1933
Associação Vila Alpina (São Paulo)	6-6-1936
Vila Baeta FC (São Bernardo)	21-6-1938
CAR Progresso (São Caetano)	22-6-1955
União Jabaquara FC (Santo André)	20-7-1944
Meninos FC (São Bernardo)	24-8-1935
SE Guarani Unido (Santo André)	26-8-1947
América do Sul FC (São Caetano)	1-9-1947
Nacional FC (São Caetano)	15-9-1947
EC Parque das Nações (Santo André)	7-10-1930
SE Huracan (Santo André)	3-10-1948
SE Gisela (São Caetano)	10-10-1953
Clube Elite Utinga (Santo André)	8-11-1936
São Cristóvão (São Caetano)	8-11-1945
Bonsucesso FC (Santo André)	5-11-1953





Notas

- 1 - As duas equipes de São Paulo - Associação Vila Alpina e EC Vila Bela - eram filiadas à Liga de São Caetano.
- 2 - Vila Prosperidade, com duas equipes - União Jabaquara FC e Vila Prosperidade FC - ainda fazia parte do Município de Santo André.
- 3 - Naquele tempo o "ABC" estava nascendo. Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra eram ainda distritos.
- 4 - O álbum aqui apresentado foi colecionado por Ary de Paula Batista, de Rudge Ramos. Nos foi apresentado por Angelim Bitolo e Norberto Nicoletti. **R**

¹ Medici, Ademir. Migração e Urbanização. A presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo-São Caetano do Sul, Editora Hucitec, PMSCS (série História), 1993. Capelo, Rui Grilo. *História de Portugal em datas*. Lisboa: Tema e Debates, 1999, pp. 30-60.

² O álbum foi apresentado originalmente pela página Memória do Diário do Grande ABC, edição de 17-3-2009: "O nosso primeiro álbum de figurinhas".

³ Morcilo & Bisquolo. *Figurinhas Varzeanas, com distribuição de brindes como bolas de futebol, rádios, bonecas e bicicletas*. Sede: Rua Santa Catarina, 95, 2º andar, São Caetano do Sul. Carta patente 253. Sem identificação da data.

⁴ Azevedo, João Lúcio. *História de Antônio Vieira* (vol. I). Lisboa: Clássica, 1992, pp. 107-123.

(*) Ademir Medici é jornalista e memorialista



ROSAS DA NETA DA ROSEIRA DE MINHA AVÓ

José de Souza MARTINS ()*

A porta da cozinha da casa de pau-a-pique, branquinha e de chão de terra batida, de meus avós maternos dava para a estreita passagem lateral de um terreiro que terminava numa cerca de varas. Da cerca para lá ficava a nascente de água fria, cristalina e doce de que se serviam. E a imensa plantação de 13 mil pés de uvas, de que viviam, em seus 80 e tantos anos de idade, muitos filhos e muito sofrimento ao longo da vida, desde quando as agruras da vida, na Espanha pobre, os fizeram deixar a Andaluzia de muitas gerações, desde os tempos dos mouros, para, como imigrantes subvencionados, virem trabalhar como colonos numa fazenda de café no alto da Serra das Araras.

A cerca era em si bonita, como toda cerca de varas, tão própria dos sítios caipiras ali do bairro do Arriá, encravado na serra entre Bragança Paulista e Socorro. Mas ficava mais bonita pelos pés de maravilhas amarelas e vermelhas que iam nascendo ao longo dela, semeadas por si mesmas. A beleza

suprema, no entanto, era a das rosas claras de uma roseira rústica, que floria quase o ano todo. Tinham um perfume suave, mas insistente, que nem sempre se pode sentir nas rosas. Cheguei até a pensar que minha avó, Nhá Maria, sofria menos quando, às cinco da manhã, se levantava e saía para o lado de trás da casa para rachar a lenha que seria usada no seu comprido fogão de taipa durante o dia. É que nas úmidas e frias manhãs da roça se podia sentir mais esse perfume, como se o dia e a movimentação de gente e de animais o espantasse de volta para o refúgio das pétalas delicadas.

Desde menino, acostumei-me a esse perfume de rosas que, junto, com o cheiro de terra do terreiro em dia de chuva e o cheiro de tabatinga das paredes de barro da casa, era o cheiro da casa de minha avó. O tempo me mostrou que a memória é também memória dos odores que ficaram em nossas narinas para sempre. Acho que minha mãe também sentiu a falta desse perfume, porque procurou e achou por lá uma descendente daquela roseira. Muita gente do Arriá tirava dela mudas para plantar em seus terreiros e muitos dos mais de 140 afilhados de meus avós também colheram nela os galhos que levaram seu perfume para tantas casas em tantos lugares do que era então, para todos, o Pinhá, o atual município de Pinhalzinho.

Senti um dia aquele perfume conhecido e ancestral no quintal da casa de minha mãe, no subúrbio e longe da roça, na Rua Paraíba, 242, em São Caetano, o distrito para onde minha mãe mudou, em 1937, quando se casou com meu pai, aqui radicado desde 1915. Fui ver e lá estava uma filha da roseira de minha avó. Tenho sorte no plantio de roseiras, não perco uma, pois aprendi a fazê-lo com minha avó e minha mãe. Também eu colhi um galho e o plantei no quintal de minha casa, em Osasco: o neto de minha avó ainda sente, na neta de sua roseira, o mesmo perfume suave, carregado de histórias de três gerações. E no outro dia, meu neto, que é trineto dessa avó, já sentia o aroma dessas rosas. E ria, cinco gerações depois.

Indagando aqui e ali, soube que se trata da

bisneta de uma roseira que foi plantada um dia por uma velha escrava da Fazenda Velha, perto do Arriá, uma espécie de madrinha de todos, nos bairros rurais ao redor. Conhecida por Nhá Florinda, que minha mãe conheceu quando era menina. E a quem me levou, logo que nasci, para que, já velhinha, me pegasse no colo e me conhecesse, 50 anos depois da abolição da escravatura. Na beira do terreiro que foi da casa de Nhá Florinda, na Fazenda Velha, eu mesmo conheci imenso e florido cactus plantado por ela.

Aqui fica a memória das rosas dessa roseira antiga, que desde os tempos de antigamente perfumava a vida de cativos e colonos de café, os humilhados e ofendidos, os que nasceram para os espinhos da terra e que dela tiraram também, com o mesmo suor, as perfumadas flores da vida. Fecundas contradições da esperança. **R**

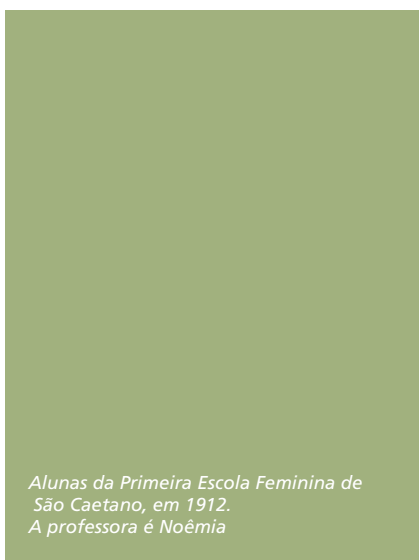
(*) José de Souza Martins nasceu e se criou em São Caetano do Sul. É Sociólogo, com bacharelado, licenciatura, mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo, de que se tornou Professor Titular de Sociologia, com distinção e louvor. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Professor-visitante da University of Florida (EUA, 1983); e da Universidade de Lisboa (2000). Professor da Cátedra Simon Bolívar, da University of Cambridge e "fellow" de Trinity Hall (Inglaterra, 1993/94). Pesquisador Nível I-A do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Cidadão Emérito de São Caetano do Sul (1996). Sobre São Caetano do Sul e o ABC, publicou os seguintes livros: 1. São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História, Rotary Club, São Caetano do Sul, 1957; 2. A Imigração e a Crise do Brasil Agrário, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1973; 3. A Escravidão em São Caetano (1598-1871), Coedição da Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Caetano do Sul e do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Caetano do Sul (SP), 1988; 4. A Escravidão em São Bernardo, na Colônia e no Império, Coedição da Pastoral do Negro - Quilombo Regional do ABC e do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Bernardo do Campo (SP), 1988; 5. Subúrbio (Vida cotidiana e História no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha), Co-edição Editora Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul (SP), 1992 [Prêmio Jabuti 1993 de Ciências Humanas, da Câmara Brasileira do Livro]; 2ª edição: Editora Hucitec/Editora da Unesp, São Paulo, 2002; 6. Diário de Fim de Século (Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX), Fundação Pró-Memória, São Caetano do Sul, 1998; 7. A Sociabilidade do Homem Simples (Cotidiano e História na Modernidade Anômala), (1ª edição: Hucitec, 2000), 2ª edição-1ª reimpressão, Editora Contexto, São Paulo, 2008; 8. O Imaginário na Imigração Italiana, Fundação Pró-Memória, São Caetano do Sul (SP), 2003; 9. A Aparição do Demônio na Fábrica (Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário), Editora 34, São Paulo, 2008 [Prêmio Jabuti 2009 de Ciências Humanas, da Câmara Brasileira do Livro]; 10. José de Souza Martins, Coleção "Artistas da USP", Edusp, São Paulo, 2008. Prêmios: Prêmio "Érico Vannucci Mendes" - 1993, do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência pelo conjunto da obra; Prêmio Jabuti 1994 de Ciências Humanas, da Câmara Brasileira do Livro pelo livro A Chegada do Estranho [Editora Hucitec, S. Paulo, 1993], como Melhor Livro da Categoria de Ciências Humanas, de 1994; Prêmio a Pesquisador/2002, Fundo Bunka de Pesquisa-Banco Sumitomo Mitsui Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, São Paulo, 3 de outubro de 2002; Prêmio Florestan Fernandes 2007, da Sociedade Brasileira de Sociologia, Recife, 28 de maio de 2007. Assessor especial do Presidente da República, Professor Fernando Henrique Cardoso, para a questão do trabalho escravo e do trabalho infantil (2002); representante do Presidente da República e coordenador na comissão interministerial que, na Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, preparou o Plano Nacional de Combate ao Trabalho Escravo e ao Trabalho Infantil (2002). Membro do Conselho de Curadores do Fundo Voluntário das Nações Unidas contra as Formas Contemporâneas de Escravidão, em Genebra, convidado pelo Alto Comissário de Direitos Humanos e nomeado pelo Secretário Geral da ONU (1996 a 2007).

O INÍCIO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA NAS COLÔNIAS ITALIANAS

Eliane MIMESSE ()*

Elaine MASCHIO ()*

Acervo/Fundação Pró-Memória



Alunas da Primeira Escola Feminina de São Caetano, em 1912. A professora é Noêmia



Este estudo apresenta como se constituiu o início do processo de escolarização primária nas Colônias Italianas de Alfredo Chaves, no Paraná, e de São Caetano do Sul, em São Paulo. Tendo em vista a similaridade e as especificidades no que tange a organização escolar dessas colônias, busca-se analisar como ocorreram as iniciativas de abertura das primeiras escolas coloniais identificando seus professores, alunos, condições de funcionamento, conflitos e relações de poder e qual a motivação desses imigrantes pelo ensino institucionalizado.

As duas localidades estudadas, que foram denominadas pelo governo como núcleos coloniais, são atualmente conhecidas como Colombo e São

Caetano do Sul e fazem parte, respectivamente, da região metropolitana das capitais dos Estados do Paraná e de São Paulo. O governo da época de instalação destas colônias se responsabilizaria por ações mínimas no que tangia ao estabelecimento dos colonos. Assim, a escola foi logo de início reivindicada ainda que no contrato entre imigrantes e governo nada versasse sobre a oferta de escola nos núcleos coloniais.

A grande maioria dos colonos era composta por lavradores. A escola atenderia ao aprendizado das primeiras letras, deveria ser um lugar civilizador, onde, muito mais que instruir, caberia formar moralmente a criança, moldar costumes, evitando a

desordem social. A inexistência de escolas gerava o risco de que os filhos ficassem desumanizados. Considerando que a escola tinha um papel fundamental para esses imigrantes, podemos inferir que eram alfabetizados e conscientes da importância da escola. Assim, a escola era representada como uma instituição que deveria ser preservada para a manutenção da cultura letrada.

Como apresentado por Mimesse e Maschio (2007), a escola teria o mesmo nível de importância da igreja e do cemitério para esta população. A preocupação inicial dos colonos, das duas colônias, era a estrutura física: a construção de moradias próprias e a ordenação da lavoura. Assim que essa preocupação foi superada, os anseios se deslocaram para a construção de uma igreja, em função da profunda religiosidade que permeava essas comunidades, e de um cemitério para abrigar os mortos.

Neste sentido, pode-se afirmar que o posicionamento da maioria dos imigrantes italianos que se estabeleceu nas duas regiões foi o de pressionar o governo para a criação de escolas, sendo que já

contavam com os outros itens considerados por eles prioritários.

Na Colônia de São Caetano foram criadas duas cadeiras de primeiras letras em 1883 pelo governo provincial. Cada cadeira correspondia a uma escola, cada escola era composta por uma sala de aula. Neste caso uma escola masculina e outra feminina, os alunos eram separados segundo o sexo e somente professores do mesmo sexo dos alunos poderiam ministrar as aulas. Após a criação das escolas, o próximo passo seria a instalação, como não existia no núcleo colonial nenhuma edificação apropriada para o seu funcionamento, o colono Rossi enviou, no mesmo ano, uma proposta ao governo para construir ele mesmo o edifício para as escolas. Como a proposta de Rossi ao governo finalizava com o valor do aluguel, a ser cobrado pelo uso das futuras construções, a solução não foi aceita.

Os colonos não desistiram de construir um prédio para a escola e enviaram meses depois um abaixo-assinado ao vice-presidente da Província. O documento lamentava a remoção da primeira pro-

Acervo/Fundação Pró-Memória



Alunos da Primeira Escola Masculina de São Caetano, em 1917. Ao centro, o professor Waldemar Freire

fessora, elogiava seu trabalho e pedia a construção de “uma ou duas casas de pouco preço destinadas a nellas funcionarem ditas aulas”. (Documento 1.257 AESP). Assim a escola era entendida como parte da comunidade, sendo necessária apenas a sua construção.

As escolas na colônia de São Caetano tiveram várias localizações até a construção do grupo escolar em 1920. Algumas das mudanças das escolas podem ser acompanhadas com as informações contidas nas fontes documentais pesquisadas.

Já os moradores da Colônia Alfredo Chaves enviaram ao Presidente da Província um abaixo-assinado em 1882. Eles reclamavam da falta de aulas públicas na colônia e solicitavam a criação de uma escola promíscua. Nesta província do Paraná a escola era denominada de promíscua por abrigar na mesma sala de aula meninas e meninos. Ainda no mesmo ano o governo criou uma escola promíscua e nomeou para a cadeira o professor Antonio José de Souza Guimarães.

Na colônia Alfredo Chaves, após a abertura da escola, o professor solicitou móveis e materiais escolares. Em ofício do ano de 1882, apresentou um orçamento e solicitou verba para a aquisição dos utensílios. O valor fora orçado por Cavassin, um dos moradores da colônia, que era carpinteiro e havia sido designado para confeccionar a mobília da escola. Em São Caetano o que ocorria era similar, não faltavam apenas materiais, mas também um local apropriado para o desenvolvimento das aulas. A professora Maria Adelaide do Carmo Machado, da escola feminina em relatório de 1883, comenta que “a igreja é o lugar onde dou aula e não acho muito próprio”, como citado no Documento 5.098 (AESP).

Em 1896, a escola feminina mudou-se novamente, mas agora para uma das salas da casa do colono De Nardi. A escola masculina também mudou algumas vezes. No Documento 5.098 (AESP), o professor Joaquim Ferreira Alambert narra que a “aula acha-se funcionando, por faltar casa, num pequeno quarto quasi sem ar, sem luz”.

No ano de 1899, temos notícias que os mó-

veis e objetos da escola masculina eram formados por um conjunto de dez carteiras inteiriças de madeira e um quadro-negro, conforme o mapa apresentado pelo inspetor escolar. Os materiais permaneceram na casa de uma das famílias, até o professor conseguir um local para a instalação definitiva da escola, que acabou sendo transferida para um dos casebres da Estrada de Ferro. A escola, que depois foi chamada de “1ª escola masculina”, permaneceria neste local por muitos anos.

Na colônia de Alfredo Chaves, em 1883, a escola encontrava-se em pleno funcionamento. O mobiliário solicitado pelo professor teria acomodado os 34 alunos que frequentavam a escola. Eles ficavam dispostos todos juntos em bancos contínuos acompanhados por uma mesa com a mesma medida. Esse mobiliário permaneceu em uso na escola até 1908. Infelizmente, não foi possível encontrar quaisquer outras informações sobre a casa onde ela funcionava. De maneira geral, o governo fornecia a verba para o aluguel, o salário do professor e alguns utensílios escolares, mas cabia aos professores ou até mesmo aos pais a incumbência de encontrar um local para sediar a escola.

No ano de 1885, a escola pública promíscua passou a ser regida pela professora Julia Gonçalves Ferreira. Logo após assumir o cargo, solicitou em requerimento ao Presidente da Província, livros de leitura para serem distribuídos entre os alunos. De acordo com a professora, a escola era frequentada por 80 alunos totalmente pobres e sem condições de comprar tais livros, razão pela qual pedia ao governo que os remetesse. (Documento 1.885 APP)

Alguns colonos recusaram-se a enviar seus filhos à escola regida por essa professora e abriram, por conta própria, uma escola particular promíscua com um professor italiano. Em 1889, um abaixo-assinado foi enviado à Diretoria da Instrução Pública, comunicando abertura da escola privada na colônia, tendo como professor João Antonio Tosin, escolhido pela comunidade. O Inspetor Escolar, José Cavassin, também imigrante e morador da colônia, enviava juntamente com aquele documento um atestado informando a frequência de 67 alunos na nova escola.

O Inspetor Paroquial das escolas das colônias italianas paranaenses, Padre Pietro Colbacchini, realizava periodicamente visitas e supervisionava o ensino nas escolas. A abertura da escola particular, aparentemente demonstrava a insatisfação dos italianos com a professora brasileira. O Padre Colbacchini justificou a criação da escola particular em relação ao Presidente da Província, argumentando que o motivo era a falta de alunos na escola da professora brasileira. Após esse acontecimento, o governo fechou a escola pública por falta de alunos.

Na colônia de São Caetano questões deste porte também foram relatadas. O cerne da discussão centra-se na questão da formação dos professores normalistas. A grade curricular do curso normal não incluía a disciplina de língua italiana. Existia um grande equívoco por parte desses professores quando ensinavam as crianças de outra etnia, já que eles próprios não dominavam o idioma falado pelos alunos. Sendo assim, deparamo-nos com comentários como o do professor da escola masculina Joaquim Ferreira Alambert em 1887, que escreve sobre a “dificuldade na aquisição de conhecimentos [...] que em breve desaparecerá com conhecimento da língua portuguesa”. Documento 5.098 (AESP).

No ano de 1890, na colônia Alfredo Chaves a escola deixou de ser promíscua e foi dividida em feminina e masculina, o que já ocorria na colônia de São Caetano desde 1883. Assumiu a regência da escola feminina a professora Dúlcia da Costa Saldanha e a escola masculina passou a ser regida pelo professor João Antonio Tosin.

A professora Dúlcia Saldanha, que assumiu as aulas na colônia Alfredo Chaves, cursou a Escola Normal da Capital, em Curitiba. Prestou exame para o ingresso no magistério público da Província do Paraná, em maio de 1880.

Desde o Regulamento de Ensino da Província do Paraná de 1876, previa-se que cidadãos sem formação e habilitação lecionassem nas escolas públicas como professores contratados. Porém, não tinham os mesmos vencimentos que, por direito, tinham os professores habilitados e efetivos. Previa-se também que imigrantes naturalizados brasileiros fos-

sem contratados para regerem as escolas desde que ensinassem em língua portuguesa. Este é o caso do imigrante italiano João Antonio Tosin, que assumiu o cargo como professor da escola masculina e, anos depois, foi naturalizado brasileiro. As fontes não puderam nos indicar se ele cursou a Escola Normal ou se possuía habilitação por intermédio da realização do exame para o magistério público na Província.

Na colônia de São Caetano, podemos afirmar, segundo as fontes encontradas, que apenas uma das professoras não concluiu o curso. Os professores sem a devida habilitação poderiam assumir cargos públicos desde que fizessem um concurso para serem nomeados, a legislação permitia que cursassem a Escola Normal enquanto estivessem no cargo. Este foi o ocorrido com a professora Felicidade Perpétua de Macedo e com o professor Joaquim Ferreira Alambert. Os demais professores da localidade seriam todos diplomados e, a partir de 1894, poderiam usar um anel distintivo valorizando a sua formação acadêmica.

Seis anos marcaram o período de regência da professora Dúlcia Saldanha na escola feminina. Normalmente, os professores não permaneciam nas escolas por mais de dois ou, até mesmo, um ano, principalmente se a escola estivesse localizada distante dos centros urbanos e em precárias condições.

Essa situação ocorria nas duas localidades estudadas, em função da breve distância entre a comunidade e a capital do Estado. Em São Caetano, com a inauguração de uma estação da Estrada de Ferro, ampliou-se a possibilidade das pessoas irem e virem da cidade de São Paulo, de um modo mais rápido para efetuar a comercialização de seus produtos. No município de Colombo, a construção da estrada de ligação entre Curitiba e a localidade contribuiu para o contato e o escoamento da produção. Segundo Mimesse e Maschio (2008), as escolas se desenvolveram juntamente com as respectivas comunidades, à medida que a indústria e o comércio cresceram as escolas primárias se ampliaram.

Como professor da escola masculina da antiga colônia, assumiu o cargo João Antonio Tosin,



Alunos da escola Pública de Colombo, antiga Colônia de Alfredo Chaves, no Paraná

a qual contava com a frequência de 40 alunos. Ele exerceu a função de professor particular e, posteriormente, de professor público contratado para a escola masculina até o ano de 1894.

No ano de 1891, haviam 57 alunos matriculados na escola masculina do município de Colombo, conforme o mapa enviado à Diretoria da Instrução Pública pelo professor Tosin, inclusive seu filho Leão Antonio Tosin. Apenas seis alunos eram de nacionalidade brasileira. Apesar de a matrícula contar com 57 alunos, a frequência, em geral, se apresentava numericamente inferior. Em 1891, em uma visita do Inspetor Escolar, foi registrada a frequência de 43 alunos; registrou-se, ainda em outubro do mesmo ano, a presença de 30 alunos. (Documento 1.891 APP)

Uma das hipóteses das diferenças entre matrículas e frequências nas escolas do século XIX, era a fraude nos mapas de matrículas. Muitos professores, para garantir a permanência no cargo e o funcionamento da escola, forjavam nomes de alunos nas listas de matrícula. Quando os inspetores visitavam as escolas, o número de alunos que as frequentava nunca era o mesmo da lista de matrícula.

O mesmo poderia ocorrer nesta e em outras escolas. Outros fatores também concorriam para que houvesse essa diferença, como o trabalho infantil nas lavouras, nas olarias, o auxílio nos afazeres domésticos e a mudança de domicílio. Fato este constatado no Documento 5.039 (AESP) da professora Elisa Angélica de Brito Alambert da Colônia de São Caetano, datado de 1885: “as classes operarias [...] obrigam geralmente os filhos aos trabalhos domesticos em prejuizo da sua frequencia nas escolhas publicas”.

Justificando tal comentário da professora de São Caetano, temos uma lista de matrículas de Colombo indicando a variação na idade dos alunos, que tinham entre 5 e 12 anos. Aqueles que tinham idade entre 10 e 12 anos normalmente apresentavam o maior número de faltas e desistências. Assim como o trabalho infantil pode ser indicado como um dos fatores que implicava o afastamento do aluno do ambiente escolar e o conseqüente número de faltas, a dificuldade de aprendizagem da língua portuguesa também pode ser apontada neste cenário de faltas e desistências.

No ano de 1894, o professor Tosin deixou a regência da escola masculina. Ainda nesse ano,

a escola passou interinamente para Pedro Martins Saldanha, que era marido da professora da escola feminina, Dúlcia da Costa Saldanha. Dois anos depois o professor Saldanha pediu remoção para outra localidade, assim como sua esposa. O pedido dos professores foi aceito pela Diretoria, as escolas ficaram sob regência de professores provisórios. Em 1897, o professor Bento Alves da Conceição Junior, assumiu o cargo. Solicitou mobília e material escolar, considerando que esses ainda eram os mesmos desde a criação da escola e que nunca haviam sido substituídos. O pedido não foi atendido pela Diretoria.

O outro motivo que levou o professor Conceição Junior a reclamar a falta de mobília para a escola, além da precariedade desta, foi o aumento do número de alunos naquele ano, tornando o mobiliário insuficiente. Nos anos anteriores, a escola masculina era frequentada, segundo os mapas, por uma média de 30 a 40 alunos. Em 1898, passou a contar com 81 alunos matriculados, com a presença regular de 68 alunos. A procura pela escola evidenciava a significativa importância que ela adquiria junto à população. Além disso, por se tratar de uma localidade de imigrantes, havia sempre a chegada de novos moradores à região, o que também explica o aumento significativo de alunos.

A organização da escola masculina deu-se de modo um pouco diferente da escola feminina na cidade de Colombo. Entretanto, ainda que a organização da escola masculina apresentasse algumas especificidades, não esteve distante dos problemas enfrentados pelo ensino paulista no século XIX, como a falta de mobília, de material escolar e a nomeação de professores.

Em todo o país, crescia a preocupação em torno do ensino, no final do século XIX. Buscava-se a modernização da sociedade brasileira. A escola consistia em um instrumento fundamental para disseminar os ideais republicanos de modernização. Para isso, era necessário reorganizar o sistema educacional, agrupando escolas, construindo edifícios escolares e enfatizando os novos métodos de ensino na formação dos professores.

A escolarização primária brasileira foi marcada pela organização de um espaço próprio. Na antiga colônia Alfredo Chaves, as escolas masculinas e femininas passaram a funcionar em um local apropriado no início do século XX. Essa ação em relação ao espaço para o ensino era decorrente de uma série de transformações educacionais iniciadas no final do século XIX no Estado de São Paulo, e que alcançaram as escolas do Estado do Paraná somente a partir da segunda década de 1900.

No Estado de São Paulo, a criação dos Grupos Escolares e dos Jardins de Infância denotou uma nova perspectiva ao ensino primário no Estado. Após a abertura dessas escolas, a expansão da escolarização primária foi inevitável nos anos seguintes, neste e em outros Estados. Outras escolas foram criadas possibilitando o acesso à escolarização aos filhos dos imigrantes, seus descendentes e a todos os outros moradores das localidades beneficiadas.

A escola pública foi um elemento fundamental na integração dos imigrantes nas sociedades paranaense e paulista. Os escassos ensinamentos provindos das precárias escolas de primeiras letras possibilitaram a aprendizagem da língua portuguesa, facilitando - na prática - o trâmite nas questões comerciais, e na inserção de imigrantes como representantes comunitários no âmbito político e social. Além da terra, do trabalho e da religiosidade, os ensinamentos da escola foram considerados de fundamental importância na promoção de melhores condições de sobrevivência e vivência na nova pátria. **R**

Referências

DOCUMENTOS. Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP), Arquivo Público do Paraná (APP).
MIMESSE, E.; MASCHIO, E. C. F. As colônias de São Caetano e Alfredo Chaves: imigrantes vênets nas Províncias de São Paulo e Paraná. *Revista Raízes*, v. 36, p. 35-38, 2007.
_____. Imigrantes italianos nas províncias de São Paulo e Paraná: diferenças e semelhanças no desenvolvimento dos núcleos coloniais. *Revista de História Comparada*, v. 3, p. 56-76, 2008.

(*) Eliane Mimesse-Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(*) Elaine Maschio-Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná

QUANDO A AMIZADE É VERDADEIRA...

Leonilda VERTICCHIO ()*

Amigos verdadeiros são bens inestimáveis...
Alguém já disse que encontrar um amigo é
encontrar um tesouro...

Mesmo que os valores morais dos tempos modernos sejam outros, ainda podemos acreditar que amizade pode perdurar por uma vida e depois se transforma em saudade.

Alguns bairros, em São Caetano do Sul, retratam essa filosofia. Seus moradores são como uma única família. Parecem que chegaram juntos, viveram e vivem em união, estima e consideração.

O Bairro Barcelona pode exemplificar tudo isso. Bairro moderno e elegante, com moradores preocupados uns com os outros. Parece que chegaram à época em que iniciou o loteamento. As poucas famílias se multiplicaram em mais e mais famílias.

A cordialidade é o ponto forte, independente da idade. Percebe-se a amizade num pequeno gesto. No inclinar da cabeça, no sorriso aberto, quando se encontram e se saúdam.

Diversos locais marcam esse elo de amizade, como na Escola 28 de Julho, centro do saber; na Igreja Nossa Senhora da Aparecida, todos unidos pela mesma fé, e nas padarias Canoa e Nova Era, responsáveis pelo pão nosso de cada dia e outras incontáveis delícias.

Foi na Padaria Canoa, na tarde do dia 31 de dezembro de 1977, que um grupo de amigos se reuniu e se surpreendeu com uma ideia colocada pelo Celso Garcia. A ideia, basicamente, era a de realizar uma corrida a pé, pelas ruas do bairro. Uma brincadeira, pois somente a noite aconteceria a Corrida de São Silvestre, em São Paulo.

E, o grupo de amigos se entusiasmou. Trocou opiniões e decidiu que a corrida seria naquele final de tarde. Foram selecionadas as ruas para percorrer. O grupo sairia da Florida, rumo a Joana



Angélica, depois Nazareth, Tapajós, encerrando na Flórida. Ponto de partida: Padaria Canoa, claro! Com chegada marcada na Igreja Nossa Senhora da Aparecida.

A novidade não demorou a se espalhar e ganhar novos adeptos. A euforia tomou conta do bairro. Mesmo que fosse um evento improvisado, tudo deu muito certo e não faltaram momentos bastante divertidos.

A segunda corrida não tardou a acontecer, e marcou um acontecimento: os amigos tentavam organizar os atletas para a largada. O sinal seria um tiro de rojão. Todos estavam ansiosos. O lugar mais alto que o rapaz do rojão encontrou foi o capô da Variant do Celso. Com ele, subiram fotógrafo e mais três amigos. No momento do rojão, o carro deu um

tranco, derrubando todos ao chão. A queda não machucou ninguém e virou motivo para piadas.

Como tudo não passava de uma brincadeira, atletas de última hora decidiram parar em casa de amigos para desejarem Feliz Ano Novo. A parada se resumiu a apenas uma casa, a do pai do Biriba. Lá, ouviram uma música no acordeom. Os outros atletas seguiram para o ponto de chegada.

Esses foram momentos marcantes do início de muitas alegrias, conquistas e sucessos. A cada ano a corrida decidida entre amigos tomou forma, cresceu... E uma brincadeira entre vizinhos, do Bairro Barcelona, transformou-se em um dos eventos esportivos mais importantes da cidade. Jornais, colaboradores e pessoas da sociedade sempre acreditaram na corrida.



Largada da segunda edição da corrida, em 1978



Miguel Blanco recebe troféu das mãos da sua mulher Nilza, após vencer a primeira edição da Corrida de Reis, em 31 de dezembro de 1977

Durante alguns anos, o grupo de amigos deu continuidade à corrida. Pessoas da família, moças e rapazes cuidavam de vários pontos do itinerário. Entregavam água e distribuíam as camisas dos assistentes. Após seis anos, a data da corrida mudou para o dia 6 de janeiro e seu nome também. A corrida de amigos ou de confraternização passou a ser chamada de Corrida de Reis. Já não pertencia mais ao grupo de amigos, nem só ao pessoal do bairro. A partir daí, ela se transformou num acontecimento do município.

As ruas se tornaram estreitas, já não comportavam os atletas. A cada ano o número de participantes aumentava. E o público, também.

Para o grupo de amigos, apesar do orgulho de terem sido os idealizadores, certa tristeza os



Celso Garcia, o idealizador da corrida com os troféus da terceira edição



Celso entrega troféu ao vencedor da quarta edição da corrida

abatia. Aquela brincadeira entre amigos ficara grandiosa demais. Ultrapassava os limites do bairro... Da cidade... Do ABC. Já não podíamos prender a corrida de amigos naquele abraço de quatro ruas... Até mesmo os atletas da Corrida de São Silvestre passaram a correr na corrida de amigos, ou seja, na Corrida de Reis.

Os organizadores eram voluntários. Nada recebiam financeiramente. A colaboração chegava dos comércios, graças ao trabalho incansável do Celso, que também conseguia os troféus para os vencedores.

O Grupo de Amigos

Celso Garcia (Celson)
 José Roberto Bertucci (Toga)
 Cláudio Zaltei (Claudinho)
 Ademir Alves Pinto (Biriba)
 José Domingos (Chimbica, in memorian)
 Miguel Blanco (Miguelzinho)
 Antonio Paulo Martorelle
 Arnaldo (Tonhão, in memorian)
 Nenê
 João Pé frio
 Álvaro
 Pita
 Roberto

Não poderia encerrar esse texto, sem mencionar a colaboração de: Toninho dos Esportes, a Três Irmãos, João da Silmac, a Shuler, Casas Bahia, a General Motors do Brasil, o doutor Carmona (in memorian), que era juiz de paz, o ex-vereador Fábio Ventura (in memorian) e João Bonaparte. A Cantina do Carioca e a Barbearia do Ari também tiveram participação. Lá, aconteciam as inscrições dos atletas.

Nunca, em momento algum, naquela tarde de 31 de dezembro, o grupo de amigos conseguiria imaginar que apenas uma brincadeira se transformaria num evento esportivo. Eram só amigos, vivenciando uma união, a amizade, a alegria de ontem, de hoje e de sempre... Dos sempre amigos... **R**

(*) Leonilda Verticchio é memorialista e contou com a colaboração dos depoimentos de Celso Garcia, Miguel Blanco, Antonio Martorelle e Arnaldo Pavan.

COLÉGIO COMERCIAL BARÃO DO RIO BRANCO

MARCOU A FASE EDUCACIONAL DE SÃO CAETANO DO SUL

Acervo/Alfredo Andrade Neto



Era 1956. Um ano marcante e especial na vida de um grupo que iria se unir em prol do setor educacional da cidade ao criarem o Colégio Comercial Barão do Rio Branco. Nossa personagem, o professor Alfredo Andrade Neto, conta a história de união e amizade entre empreendedores que buscavam a concepção de uma nova escola em São Caetano do Sul. “Neste ano (1956), conheci Ataliba da Silva. Homem capaz, com vida econômica estável, idealizador e empenhado em fundar uma escola.

Formatura da primeira turma do curso de datilografia, do Colégio Comercial Barão do Rio Branco, em 24 de janeiro de 1959. Da esquerda para a direita: Rosa, Duége Camargo Rocha, Jorge Bertola, Irene Franzini Bertola, Anacleto Campanella, Ataliba da Silva, Segunda Irene da Silva, Santina Cardieri e Olívia Martins

Isso custaria um investimento muito alto, mas Ataliba já havia pensado nisso e explicou que poderíamos contar com o Banco Real do Progresso. Assim, buscamos outros empreendedores e formamos um grupo”.

O grupo a que o professor Alfredo se refere era formado por Duege Camargo Rocha, bancário; Jorge Bertola, gerente do Banco Moreira Sales; José Jofre, empresário da capital; Otacílio Leandro da Cruz; comerciante no ramo de secos e molhados; Santo Brichese, proprietário de loja de calçados na Avenida Francisco Matarazzo; Ataliba da Silva, idealizador do projeto e proprietário do Escritório de Contabilidade com seu nome; e o professor Alfredo. Esses foram os fundadores do Colégio Comercial.

“Claro que a história não aconteceu tão rapidamente. Formado o grupo, o trabalho para a fundação do colégio não foi nada fácil”, conta, com orgulho. “O espírito de luta e a firmeza de Ataliba foram as características mais marcantes para que caminhássemos juntos, sem desistir frente aos obstáculos”.

A prioridade inicial, segundo Alfredo, era a compra de um terreno. “Ataliba cuidou da parte legal. Buscamos ajuda para a aquisição do terreno junto ao Banco de São Caetano do Sul. Um terreno longe, na antiga Vila Gerty. Digo longe, porque na época as distâncias eram maiores, existiam inúmeros terrenos vazios, pouco acesso à condução. Para quem estava no Centro, a Vila Gerty era muito longe. Hoje, é tudo tão diferente. A cidade ficou totalmente urbanizada, as vias de acesso são perfeitas e tudo ficou mais perto”.

Apesar das dificuldades e dos caminhos recheados de problemas, a força de vontade do grupo e o caráter empreendedor prevaleceram. O professor ressalta satisfeito o início das obras, a concretização de um sonho. “Em 1957, conquistamos a construção de um prédio. Pequeno, mas dentro das normas exigidas por lei. Foram construídas salas de administração, quatro salas de aula e sanitários para professores, alunos e visitantes”.

Obra em andamento, outra preocupação deveria ser eliminada e solucionada. O grupo precisava de autorização para funcionamento. “Enquanto a construção caminhava, procurei Alpínolo Lopes Casali, inspetor federal chefe do ensino comercial. Seu escritório ficava na Rua São Bento, em São Paulo. Doutor Alpínolo me atendeu prontamente com

as orientações para a preparação do processo de pedido de instalação e autorização de funcionamento da escola. Neste mesmo dia, Alpínolo perguntou se já havíamos escolhido o patrono da escola. Informei que não. E, ele, rapidamente, surgiu com o nome do Barão do Rio Branco. Achei excelente ideia, o que resultou em um livro sobre legislação de ensino, presente de Alpínolo, com a seguinte dedicatória: “A Barão do Rio Branco que, acredito, será uma Escola”.

Para facilitar a elaboração dos termos de pedido de funcionamento, Ataliba pesquisou a documentação da Escola Técnica de Comércio Cacique Tibiriçá, de São Bernardo do Campo. “Sua visita à escola foi providencial. Ataliba conseguiu documentos que facilitaram a elaboração do pedido e autorização de funcionamento. O trabalho foi concretizado durante uma madrugada fria do mês de junho de 1957, quando Bertola datilografava o que eu ditava sobre as leis de ensino, no escritório do Ataliba, na Rua Espírito Santo. Vejo a imagem desta cena como se tivesse acontecido ontem. Uma grande emoção passar um sonho para o papel”, comenta sorridente.

Em dezembro de 1957, duas conquistas se realizaram: o término da construção do prédio, com as instalações que já foram citadas, e a autorização da escola expedida pela Diretoria de Ensino Comercial, do MEC, publicada e oficializada no dia 26 de dezembro de 1957. “Um verdadeiro presente de Natal. As conquistas ficaram eternizadas para o grupo com a placa colocada logo à entrada: Escola Comercial Barão do Rio Branco – Sob Inspeção Federal-Rua Paulista, 145-São Caetano do Sul”.

Portas abertas, sob a direção de Alfredo Andrade Neto, foi realizado o primeiro exame de admissão para a primeira série, hoje 6º ano do ensino fundamental. “O exame foi um sucesso. Superou expectativas. Formamos turmas para os períodos da manhã e da noite. À tarde funcionava o primário. Tenho boas lembranças e na memória as figuras de duas professoras especiais, Irene e Olívia, que cuidavam dos alunos como seus próprios filhos. O dom do magistério pode ser identificado nestas duas professoras”.



Formandos da terceira turma do curso de datilografia com o professor Alfredo Andrade Neto (à esquerda) e Ataliba da Silva, em 1960

Em 1961, a Escola Comercial Barão do Rio Branco forma sua primeira turma, num encontro festivo e marcante não só para os alunos, mas para o grupo de fundadores. “Após a formatura desta primeira turma, em 1962, iniciamos um novo curso, a escola ganhava o Curso Técnico de Contabilidade. Com isso, a escola recebia outra denominação: Escola Técnica de Comércio Barão do Rio Branco e, em seguida e definitivamente, Colégio Comercial Barão do Rio Branco”.

O encontro entre amigos, a busca de investimentos, a construção do prédio, legalização, formatura, tudo ainda está muito vivo na memória destes fundadores e professores. Têm orgulho e contam as passagens de luta e de conquistas com precisão de datas. A marca do Colégio não seria a mesma sem a garra e a perseverança deste grupo de educadores, que fizeram de um sonho uma realização para formar pessoas melhores. **(Jô Sperate Figueiredo)**

Ficha técnica Colégio Barão do Rio Branco

Supletivo-Modalidade suplência criado em 1970, para atender jovens que não frequentaram cursos normais do ginásio.

Supletivo de 1º grau-Para estudantes de 14 a 21 anos, que trabalhavam.

Supletivo de 2º Grau- Para estudantes com idade superior a 21 anos, que trabalhavam.

Cursos Técnicos-contabilidade, administração, secretariado, publicidade, desenho técnico, processamento de dados e curso normal de professores nível I e Pré-escola e magistério.

Valor educacional-O Colégio sempre manteve corpo docente especializado na habilitação técnica e pedagógica.

Infra-estrutura-do prédio inicial às novas salas de aula, centro de pesquisas, sala de exposição, anfiteatro para palestras e evento. **R**

O POÇO DE JACÓ DE SÃO CAETANO

Há pouco tempo, ouvimos uma explicação interessante a respeito da passagem bíblica da samaritana a quem Jesus pediu água para matar Sua sede humana e, em troca, propôs dar à mulher da Samaria uma água divina.

Além, evidentemente, de localizar esse evento da vida de Jesus na situação sociopolítica daquela época, quem deu a explicação ressaltou, com muita propriedade, o significado do poço onde ocorreu tal episódio.

Quanto à situação sociopolítica, Jesus não poderia ter conversado com uma mulher samaritana, pois judeus e samaritanos não se "bicavam". Porém, é mais sobre o local chamado "poço de Jacó" que queremos "cronizar".

A bem da verdade histórica, o nome do poço advinha do fato de se atribuir ao patriarca Jacó a abertura de tão importante ponto de abastecimento do precioso líquido (ali, ainda mais precioso, pois em região desértica).

A explicação citada trouxe à tona, ainda no terreno sociológico, o fato de que as pessoas tornaram o poço de Jacó um lugar especial, não só pelo suprimento da água, mas também por ser o ponto privilegiado de encontro das pessoas para trocar notícias, saber dos nascidos e morridos, enfim, um verdadeiro centro comunitário de informações de todos os tipos possíveis. Não temos dúvidas de que o poço foi um centro gerador das melhores "fofocas" do tempo de Jesus.

Pois bem, mais do ponto de vista comportamental do que religioso, eis que nos vem à lembrança um local onde as pessoas de nossa cidade se encontravam, quase sistematicamente, para se abastecerem de água. Mas, com certeza, o mais gostoso ficava

por conta das habituais e ricas conversas nas filas formadas por aqueles que toda semana, em dias e horários planejados e mais ou menos constantes, iam até o "Poço de Jacó" de São Caetano, no início da Rua Tapajós, quase esquina com a Rua Antonio Gallo, fundos do Clube da General Motors. Ah! As bicas (torneiras) da "GM"! Por que não falou logo?

O "Poço de Jacó" de São Caetano era a canalização que vinha do poço artesiano interno da "GM" para as famosas bicas, que durante muito tempo alimentaram desde os mais saudáveis papos até as mais engenhosas fofocas.

Agora que todos já se lembraram, nos permitam comentar algo sobre o "poço da GM".

- Era ou não era uma democrática passarela por onde desfilavam pessoas de diferentes classes sociais, solidárias e pacientemente, dispostas em filas onde ninguém reclamava do tempo despendido?

- Na condição de pessoas que tinham um mesmo objetivo, aquelas que apresentavam um diferencial - deficientes, idosos, gestantes - recebiam um respeito, que precedeu às normas dos bancos e dos atendimentos de órgãos públicos.

- Quem dentre os que frequentaram anos a fio esse, em linguagem atual, point da vida da cidade não se recorda de ter tomado conhecimento de novidades que nenhum outro meio de comunicação propiciava?

- Querem melhor exemplo de partilha em comunidade do que resgatar os aspectos sui generis da dinâmica que as pessoas desenvolveram para tornar mais prática, democrática e lógica a coleta da água?

Então, aproveitemos as lições de um passado não

tão distante para alinharmos alguns desses aspectos peculiares.

- Aspecto prático: quem chegava com uma enorme quantidade de garrafões para encher e, usando a famosa “lei de Gerson”, queria usar mais do que uma torneira, era gentilmente convencido a ficar literalmente “na sua” (bica), sob pena de ser convidado, por livre e espontânea pressão, dos componentes mais exaltados a voltar em hora de menor congestionamento. Se o eventual “criador de caso” resolvesse “engrossar o caldo”, corria o risco de levar uma “bica” só para ele, mas no traseiro e, ainda por cima, ficar sem água para engrossar o próprio caldo ou para fazer compressas na área dolorida.

- Aspecto democrático: sem restrições de idade, sexo, religião, cor, raça, origem ou condição social, as pessoas conversavam animadamente durante a coleta da água e, quando o papo estava muito bom, elas permaneciam lá mesmo após terem cumprido o objetivo principal. Aqui ficamos em dúvida quanto a esse objetivo: será que pegar a água não era só um bom pretexto? Afinal de contas, os habituais frequentadores diziam que muitos namoros e “casos” teriam começado por causa daquela água “milagrosa” da GM.

- Aspecto lógico ou logístico (que é palavra da moda): as pessoas, por iniciativa adquirida no dia-a-dia, ou no “semana-a-semana”, organizavam o andamento das filas, analisando-as de forma “globalizada”, ou seja, alguém na fila de uma torneira percebia que uma pessoa tinha muitos recipientes grandes para encher enquanto outras pessoas, atrás dela na mesma fila, tinham, digamos, apenas um garrafão de cinco litros ou dois Pets de dois litros cada. Então normalmente o ilustre que iria pegar água

para um mês aceitava educadamente a alternativa de intercalar, entre um e outro de seus imensos garrafões, os poucos e/ou pequenos recipientes de outros usuários.

Cremos que não seria necessário elogiar o poço da GM ou os bons momentos que muitos de nós lá passamos para concluir que aquela convivência foi, sem dúvida, tão marcante quanto à água que por muitos anos esteve intimamente associada à vida de São Caetano e à nossa.

(João Tarcísio Mariani)



ELVIRA MARINOTTI DENONI 87 ANOS DE FÉ E DOÇURA

Yolanda ASCENCIO (*)

O casal Francisco Marinotti e Ana Denoni Marinotti, nascidos em Treviso (Itália), veio para o Brasil em 1898, com os quatro filhos: João, Antonio, André e Agostinho. Com o casal, veio também a menina Maria Muton que ajudava dona Ana nos serviços da casa.

No Brasil, a família Marinotti instalou-se em Itatiba (interior de São Paulo), onde já moravam alguns parentes.

Por volta de 1917, o senhor Francisco mudou-se com a família para São Caetano, onde comprou um grande terreno, equivalente a um quarteirão, abrangendo a Avenida Goiás, Rua Rio Grande do Sul, Rua Manoel Coelho e Rua Niterói. Nessa área, se formou a grande Chácara dos Marinotti. Ali, predominava a plantação de videiras, cujos frutos eram usados para a produção de um vinho saboroso. Além das videiras, outras frutas encantavam as crianças da família: caquis, peras, pêssegos e tantas outras.

Enquanto o senhor Francisco Marinotti se dedicava aos negócios, dona Ana, sua esposa, era parteira. Assim, dona Ana trazia ao mundo os bebês da cidade e o senhor Francisco preparava a cidade para dar melhor acolhimento a esses bebês.

O primeiro meio de transporte puxado a cavalos foi introduzido pela família Marinotti, com trajeto da via férrea até a casa do senhor Vicente Curandeiro (atual Nova Gerty).

Antonio, um dos filhos do senhor Francis-

co, transportava os jovens da cidade para a Avenida Paulista, em São Paulo, onde participavam dos blocos carnavalescos.

Grande foi, portanto, a influência da família Marinotti no desenvolvimento de São Caetano. De um lado, a empresa Cerâmica Marinotti e Comercial Marinotti; de outro, atividades comerciais, com a Loja Marison.

João e Maria

A convivência familiar entre João Marinotti, filho do senhor Francisco e dona Ana, nascido em 21 de abril de 1883 e Maria Muton, nascida em 15 de dezembro de 1885, levou esses jovens ao casamento, que aconteceu na igreja do Brás.

O casal João e Maria, morando primeiramente com os pais de João e depois, na Rua Espírito Santo e Rua Niterói, teve seis filhos: Francisco, Ana, Ângelo, Antonia, Elvira (nossa entrevistada) e Augusto Hermínio.

Enquanto o senhor João trabalhava na Chácara dos Marinotti e abria ruas com a carroça, dona Maria sua esposa, fazia todo serviço da casa e tirava leite das vacas, que era vendido na cidade.

Nas horas vagas, o senhor João Marinotti adorava jogar bocha.

Dona Maria Muton faleceu em 07 de outubro de 1968 e seu esposo, João Marinotti, faleceu em 24 de maio de 1977. Deixaram uma lição de trabalho e responsabilidade para os filhos.



Bodas de Ouro: Antonieta, Elvira, Ana, Maria e João, Francisco, Angelo e Hermínio

Elvira Marinotti Denoni

Elvira Marinotti Denoni, filha de João Marinotti e Maria Muton, nasceu em São Caetano, em 28 de outubro de 1922.

Era uma menina tranquila e alegre. Estudou no Externato Santo Antonio, onde fez o curso primário e aprendeu trabalhos manuais, sempre os mais bonitos da exposição de fim de ano, segundo ela.

Elvira era adolescente, quando o jovem Tiziano Lazaro Denoni, nascido em Itatiba e parente de dona Ana, veio morar em sua casa para poder estudar. Ela mesma nos contou que aprendeu a gostar de Tiziano como um irmão. Tiziano era muito estudioso, falava bem o inglês e pintava lindos quadros. Trabalhou com Elvira na fábrica de Louças Adelina, decorando belos jogos de porcelana.

Certo dia, para surpresa de Elvira, Tiziano

lhe disse: “Elvira, se você não se casar comigo, amanhã mesmo vou embora para os Estados Unidos”.

Muito admirada, pois o jovem Tiziano era disputado por todas as moças do lugar, Elvira começou a pensar nele de outra forma. Pedido aceito, os jovens se casaram, em 08 de junho de 1944. No início, como era costume, moraram com os pais de Elvira. Depois, se fixaram na Rua Niterói, junto à Igreja Sagrada Família. Lá, Elvira prestou muitos serviços, cuidando principalmente da ornamentação dos altares.

Para sustento da família, Tiziano passou a trabalhar na Goodyear, empresa pela qual se aposentou.

O casal Elvira e Tiziano teve dois filhos: André que faleceu com sete anos de idade, vítima de leucemia e Maria de Lourdes. Após a morte de

Acervo/Elvira Marinotti Denoni



Elvira e Tiziano

André, dona Elvira pediu à Nossa Senhora de Lourdes, que lhe desse a graça de ter uma filha, a quem ela daria o nome de Maria de Lourdes. A graça foi alcançada e dona Elvira declara que a filha foi um milagre de amor em sua vida.

Em 1995, o senhor Tiziano Lázaro Denoni faleceu e dona Elvira passou a morar com a filha e os dois netos: Carlos Eduardo e Rafael.

Após a morte do marido, em 13 de maio de 1995, dona Elvira foi ao Mosteiro de São Bento para doar seus quadros. O superior do Mosteiro disse a ela que aqueles quadros, muito bonitos, teriam um destino melhor se colocados na Igreja São Francisco e ela aceitou a sugestão.

Ao final da entrevista, perguntamos à dona Elvira o que mais gostaria de nos contar. Muito comovida, sorrindo sempre, ela lembrou de seus irmãos Francisco e Ângelo. Francisco era muito estudioso, trabalhou na General Motors, foi jogador e técnico de futebol, proprietário da Cerâmica Marinotti. Ângelo era muito bondoso e tinha vocação para o comércio, proprietário da loja Marison. Recordou, ainda, que achava muito engraçado os empregados da chácara amassarem as uvas com os pés para produzir o vinho.

Sempre sorridente, dona Elvira nos contou que a lição de casa era realizada, com as amigas, em cima dos pés de caqui, comendo as frutas o tempo todo, é claro!

Por fim, lembrou-se do dia em que, ao levar o almoço para o nono Francisco, deitou no fundo da carroça e adormeceu. Durante horas, foi procurada pela família “quando a gente é criança, faz cada coisa ...”, concluiu, saudosa, nossa simpática e doce entrevistada, senhora Elvira Marinotti Denoni. **R**

(*) Yolanda Ascencio, professora, pedagoga, advogada e escritora

ASSUNÇÃO CASSAS OROSCO

LEMBRANÇAS DOS ANTEPASSADOS
IMIGRANTES E UMA VIDA FELIZ EM SÃO CAETANO DO SUL

O casal Julião Cassas e Conceição Reche, espanhóis, eram lavradores em seu país de origem. Lá, nasceram os seis filhos: Joaquina, Dolores, José, Ângelo, Pilar e Isabel.

Em 1912, como imigrante, o Senhor Julião Cassas veio, com a família, para o Brasil. Assim que aqui chegaram, a filha mais nova, Isabel, faleceu com apenas seis meses de idade.

De início, a família Cassas ficou alojada na sede da Imigração, no Brás, São Paulo, aguardando chamado. Foram encaminhados para uma fazenda, onde todos trabalhavam duramente na lavoura.

Permanecendo algum tempo em cada lugar, a família Cassas transferiu-se de cidade em cidade, sempre em busca de uma vida melhor. Assim, passaram por Santa Cruz das Palmeiras, local de nascimento de outra filha com o nome Isabel; em Rincão, nasceu José João; Indaiatuba, Assunção (nossa entrevistada); Piraju, Salto e Sorocaba. Depois de trabalhar, como carroceiro, em Sorocaba, o Senhor Julião Cassas mudou-se, com a família, para a capital paulista, em 1932.

Assunção Cassas Orosco - Filha mais nova do casal Julião Cassas e Conceição Reche, Assunção Cassas Orosco, nasceu em Indaiatuba, interior de São Paulo, em 26 de abril de 1922. Aos 14 anos de idade, residia em Sorocaba. Por lá, aprendeu o ofício de tecelã.

Acervo/Assunção Cassas Orosco



Casamento Assunção e João

Já em São Paulo, com residência na Avenida Brasil, trabalhou na Garfat, na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, durante dois anos. Segundo Assunção, seu pai, nessa época, vendia bananas para o sustento da família. Em seguida, o senhor Julião comprou uma casa na Rua Silva Bueno e Assunção foi trabalhar na fábrica Jafet.

Casamento - Aos 22 anos de idade, Assunção Cassas conheceu João Orosco Luqui, também tecelão, nascido em Sorocaba, em 21 de março de 1921. Assunção e João casaram-se em 31 de março de 1945, na Igreja São José, do bairro Ipiranga. Os dois jovens trabalhavam e moravam com os pais de Assunção, agora na Rua do Manifesto.

Em 21 de maio de 1945, o Senhor Julião Cassas faleceu. Em 1947, o casal Assunção e João comprou uma casa em São João Clímaco para onde se mudaram, levando dona Conceição com eles. Em 1950, venderam esta casa e adquiriram uma outra, desta vez em São Caetano do Sul. Nesse mesmo ano, em 11 de março, nasceu a primeira filha do casal, Doraci Orosco, no Hospital São Caetano.

Em São Caetano do Sul - A nova casa da família Orosco possuía um terreno bastante grande. Na frente, ficava um barzinho, seguido da moradia e nos fundos, o senhor João montou dois campos de bocha. Durante dois anos, a família manteve o bar e os campos de bocha para seu sustento. Em 1953, o Senhor João Orosco Luqui conseguiu emprego na Mercedes Benz, empresa pela qual, se aposentou.

Acervo/Assunção Cassas Orosco



A família: Bernardino, Marilisa, Ivone, Bernardino (de vermelho), Helena, Dorinha, Assunção e Maria

Em 13 de dezembro de 1958, também no Hospital São Caetano, nasceu a segunda filha do casal, Ivone.

Lembranças - A senhora Assunção Cassas Orosco fez questão de nos contar como foi instalada a rede elétrica em seu bairro. Segundo ela, isso ocorreu entre os anos 50 e 51. O prefeito Ângelo Rafael Pellegrino e o vereador Armindo Ortega Martins ocupavam-se, pessoalmente, do assunto, junto a Santo André. Dona Assunção e seu marido eram encarregados de receber contribuições dos demais moradores para pagar a instalação da rede elétrica.

O dinheiro arrecadado era levado diretamente para o prefeito. Por fim, para surpresa de todos, em 05 de agosto de 1951, a rede elétrica chegou ao bairro, gratuitamente, e o casal Orosco também foi encarregado pelo prefeito de devolver as contribuições. Dona Assunção nos contou, ainda, que a maioria dos moradores não aceitou a devolução e preferiram investir o dinheiro arrecadado em uma grande festa para comemorar a “chegada da luz”.

A vida continua - Desde o falecimento do marido, senhor João Orosco Luqui, que ocorreu em 12 de março de 1996, Dona Assunção mora na mesma casa, Rua Giacomo Dalcin, 07, Bairro Nova Gerty, com as duas filhas. Doraci, solteira, é instrutora de autoescola há 35 anos e mora com a mãe. Ivone, casada com Bernardino Bento de Souza, ótico, reside na casa, especialmente, construída para ela e sua família, no terreno onde se localizavam os dois campos de bocha. Ivone e Bernardino tiveram três filhos, dos quais o mais velho já se casou e tem dois filhos. Assim, Dona Assunção tem três netos e dois bisnetos.

Hoje- Nossa simpática entrevistada, senhora Assunção Cassas Orosco, agora com 87 anos, ainda cuida da casa, faz comida e atende ao telefone. Gosta muito de brincar com os bisnetos e com a cachorrinha Juli Cristina que tem doze anos. Gosta também de televisão. Assiste de tudo um pouco, porque faz questão de estar sempre bem informada.

(Yolanda Ascencio)



Vilma e João Moreno

VILMA MORENO

HISTÓRIA DE VIDA NO BAIRRO DA FUNDAÇÃO

Rafael Peccioli MORENO ()*

Essa história tem início na Espanha. A vida de nossa personagem marca o cenário sancaetense com as lutas dos imigrantes, seus filhos, netos, bisnetos... As gerações se diferenciam nos nomes e nos países de origem, mas a esperança por uma vida melhor é igual. O que marca são os especiais relatos dos descendentes que fixaram residência em São Caetano do Sul. Cada qual vivenciou uma parte da cidade. Viu de maneira diferente alguns fatos. Alguns são mais realistas, outros mais românticos como nossa entrevistada Vilma Moreno.

Origem

Clodomiro Stocco, nascido em Cravinhos, e Vicenta Gutierrez, vinda da Espanha, em 1913, aos cinco anos. Casaram-se em 1924 e tiveram duas filhas: Ada Stocco Correia, nascida em 12 de março de 1925 e Wilma Stocco, em 10 de janeiro de 1927, registrada sete dias depois. Vilma assinava com "W", até tirar a cédula de identidade em 29 de março de 1976, mas um erro de datilografia, a fez mudar a assinatura de W para V. Um segundo erro também vira história, a mudança aconteceu com o

sobrenome, datilografado “Stucco”, errado e nada bonito, fez seu marido, João Moreno, substituir o dela pelo seu: Moreno.

Assim explicado, nossa personagem Dona Vilma Moreno ou Wilma Stocco nasceu no Brás e viveu na Rua Caetano Pinto até os 12 anos. Então, se mudou para a Rua Rangel Pestana, onde ficou por pouco tempo. Em seguida, foi morar com sua tia Manuela na Avenida Luíza, Mooca, para ajudar a recém-casada. Depois, quase aos 18, voltou a morar com sua mãe, na Rua Odorico Mendes, Mooca, por dois motivos para trabalhar e namorar. Passou a trabalhar em uma tecelagem de seda, onde trabalhou até se casar, aos 22. Conheceu João Moreno, aos 17 anos, em julho de 1944, data inesquecível para ela. O local deste momento de amor à primeira vista foi próximo ao Parque D. Pedro, num lugar chamado Parque Shangai. João também morava na Mooca. O namoro se prolongou por quatro anos, período em que passou reunindo dinheiro para fazer seu enxoval. Casaram-se no dia cinco de maio de 1949 no civil e, dois dias depois, na igreja. Após cinco dias de lua-de-mel em Santos, vieram morar em São Caetano do Sul.

Mudaram-se para a Rua Taba, atual Antonio Barile, na esquina com a Rua Ceará, Bairro da Fundação. Continuou seu trabalho na Mooca, caminho percorrido de trem, até dezembro de 1949. Grávida de sete meses, primeiro filho, achou que o momento pedia descanso e dedicação ao nascimento que estava próximo. Vilma e João tiveram três filhos: Wagner, Edson e Hilton. Naquela época, João trabalhava na fábrica de sapatos Alpargata, próximo da estação de trem da Mooca.

Dia-a-dia

A rua era de terra, mas já contava com os postes de luz e água encanada. A residência da família Moreno só contou com essa infraestrutura meio ano depois. A casa era, na época, a última da rua. Sem luz e sem água, o casal precisou utilizar os me-

Fotos: Acervo/Família Moreno



Em pé: Vilma Moreno, João Moreno, Firmino Benvenuto, Oswaldo Lodi, Lourdes Lodi, Mercedes Benvenuto, Ana e Vilma Codelo. As crianças: Wagner Moreno, Edson Moreno e Marlene Benvenuto



Foto de 1966, quando as galerias de esgoto da Rua Ceará foram refeitas. A casa à direita pertencia à dona Vilma Moreno



Esquina da Rua Ceará com Antonio Barile, no Bairro da Fundação. Na casa: sobrinha de Vilma, a menina Tânia, João Moreno e o filho mais velho Wagner. Foto de 1966

moráveis lampiões a querosene para a iluminação e de um poço cavado no quintal para obter uma água impura. Como a água do poço sujava as roupas e os lençóis brancos, Vilma levava-as para lavar na casa de uma tia, a Dolores, na Mooca. A luz foi conquistada quando os vizinhos se reuniram para comprar, na Companhia Light, um poste de ferro para que a fiação chegasse até a esquina. O gás já era um serviço oferecido de porta em porta, embora na época seu fogão fosse a carvão. Seu primeiro fogão a gás só foi entregue no dia 24 de agosto de 1954, junto com a notícia do suicídio do então presidente Getúlio Vargas. Notícia dada entre vizinhos, porque jornal era caro demais e o rádio era mais utilizado para ouvir novelas, como “O direito de nascer”, futuramente readaptado para a televisão, e “As caravanas do peru falante”, de Silvio Santos.

Segundo a memória de Dona Vilma, o primeiro telefone da rua só chegou em 1966, para a Dona Ida. Privilégio em ser a primeira com esse meio de comunicação, mas também a primeira a emprestá-lo para ligações de todos os vizinhos. De fato, o sucesso do aparelho foi tão grande que seu marido, Benedito Nogueira, o Seu Dito, teve de vendê-lo por não aguentar mais pagar a conta de telefone, pelo uso abusivo da vizinhança.

A Matarazzo

O asfalto chegou entre os anos 63 e 64. Vilma conta que antes disso, a Indústria Matarazzo havia despejado em toda a rua uma grande quantidade de peças de cerâmica com o objetivo de aterrar o caminho. Enquanto o trator não chegava para espalhar o entulho pela rua, as crianças corriam para apanhar peças menos danificadas, algumas com apenas lascas faltando. Uma verdadeira festa.

Na Praça Ermelino Matarazzo, ao lado da Matriz Velha, no Bairro da Fundação, havia um mercado, onde se comprava por atacado produtos de necessidade básica. Ali também ficava o complexo das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM). Lá, João Moreno trabalhou por um mês, numa rápida passagem pela ferramentaria como torneiro fer-

ramenteiro, função que sempre exerceu.

A Matarazzo era responsável por uma ampla gama de produtos, de alimentos e louças a produtos de higiene e químicos. Havia, na unidade de São Caetano do Sul, a produção de um inseticida chamado BHC. Os vapores exalados pelas chaminés da fábrica provocavam problemas respiratórios nos habitantes do bairro. A cura que conheciam e dispunham era tomar leite.

Passeios

Os trens eram utilizados como meio de transporte para o trabalho, mas também para passeios. Também a empresa Autobus disponibilizava uma frota de ônibus marrons e verdes com itinerário, que incluía a antiga Praça Clóvis, ao lado da Praça da Sé.

Um domingo ao mês a família reservava aos passeios e para as visitas aos pais de João Moreno, Salvadora Bernal e José Moreno. Os pais de Dona Vilma apenas recebiam a visita do genro e da filha uma vez em cada seis meses, no bairro de Santo Amaro. O casal e os três filhos também incluíram aos passeios uma visita ao Parque do Estoril, no Riacho Grande. Nos doze primeiros anos de casados, a viagem mais apreciada era a praia, em Santos. Isso aconteceu por duas vezes.

Os cinemas mais frequentados eram o Cine Max e o Cine Vitória. Aos finais de semana, os homens se reuniam para assistir às partidas de futebol de várzea, nos campos onde atualmente fica o Clube Fundação e o Esporte Clube São Caetano. Os times da época eram o São Cristóvão, o América, o Rio Branco, o Vila Alpina, o Vila Bela entre outros.

Festas

Das datas festivas, a mais comemorada pela família era o Natal. Em seguida, aniversários também eram comemorados. O Natal era a data mais aguardada, pois somente nesta as crianças recebiam presentes. Os mais lembrados eram os peões e os carrinhos de madeira, raramente, bolas de futebol. No final da década de 50, enquanto a maioria dos

adultos assistia a tradicional Missa do Galo, as crianças apanhavam varetas de metal e batiam-nas nos postes de ferro. Eram os “fogos de artifício” da festa.

Hoje

Vilma Moreno mora com seu filho mais velho, sua nora e seu neto. Aos 82 anos, acorda cedo e, mesmo após duas cirurgias nos joelhos, insiste em fazer as tarefas da casa, da cozinha à lavanderia e à limpeza. Reza todas as noites. Assiste pouco à televisão e não vê novelas. Prefere à leitura e palavras cruzadas, passatempos favoritos. Tem seis netos e em breve um bisneto. **R**

Acervo/Família Moreno



Hoje, Dona Vilma Moreno com os filhos Edson, Wagner e Hilton

HORTÊNCIA RODRIGUES

ÍCONE DO TEATRO SANCAETANENSE

AcervoRichards Paradizzi



Elenco de Um anjo em meu caminho, peça teatral de Hortência Rodrigues, que, nesta imagem, aparece caracterizada. Sentado na poltrona, de terno e gravata, Richards Paradizzi. Este era o Grupo Teatral Scala. Foto de 1966

Hortência Rodrigues nasceu no dia 4 de agosto de 1927, em São Paulo. Era a filha caçula do pedreiro Antônio Rodrigues e da costureira Rosaria Sanches, ambos imigrantes espanhóis. Teve três irmãos: Ernesto, Antônio e Lourdes. Aos cinco anos, mudou-se com a família para Utinga. Fez o curso primário na então Vila Santa Terezinha (Santo André), no único grupo escolar ali existente, conhecido, na época, como escola da torrinha, numa referência à torre com sino do seu prédio de arquitetura colonial. Lá, no passado, funcionara uma fábrica. Na juventude, empregou-se no escritório da CBC-Companhia Brasileira de Cartuchos, fábrica de

municações, em Utinga, Santo André. Nessa ocasião, matriculou-se na antiga Escola Técnica de Comércio de São Caetano, onde estudou no período noturno. Formou-se técnica em Contabilidade, condição que lhe trouxe novas oportunidades e perspectivas profissionais. Em 1953, passou a trabalhar em um escritório no centro de São Paulo e, posteriormente, na Seção de Contabilidade da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, setor no qual se aposentou, depois de mais de trinta anos de serviços prestados.

O amor pela arte de escrever e atuar

Em maio de 1983, Hortência Rodrigues relatou, durante entrevista concedida à *Folha de São Caetano*, que seu gosto pela poesia iniciou-se já na infância, por influência de José Osvaldo, professor dos tempos de primário. Cultivando o dom de transferir para o papel seus sentimentos, sonhos e emoções, passa a colaborar com o *Jornal de São Caetano*, com crônicas, contos e poesias (vide box 1). Seus textos poéticos chegaram, aliás, a figurar em livros de coletâneas e antologia, entre eles os publicados pela Editora Soma, de São Paulo, dos quais *Estes contistas fabulosos e suas estórias maravilhosas e Poesia brasileira hoje – volume 3 – Multiplicando*. Nas emissoras de rádio da região, com o pseudônimo de Mariza Montenegro, escreveu e fez parte de programas humorísticos e rádio-teatro.

No período em que trabalhava no centro de São Paulo, fez amizade com pessoas de gostos idênticos aos seus. Entre esse grupo, estava Geraldo Valenti, o responsável pela entrada de Hortência no mundo do teatro, quando este lhe sugeriu a transformação do texto *Se Deus me abrisse uma porta...*, uma das novelas radiofônicas da escritora, em peça teatral. Acatada a ideia, Hortência começou a compor com Valenti, Milton Santiago, que, na época, era técnico de uma emissora de rádio, Olga Everly, entre outros, o Grupo Teatro da Amizade, cujos primeiros ensaios ocorreram em pleno trem de subúrbio, no trajeto diário de Hortência ao trabalho. Durante vários anos, o grupo realizou espetáculos beneficentes em clubes, igrejas e auditórios da região do ABC.

Mais tarde, já radicada em São Caetano, Hortência Rodrigues lidera, ao lado de Richards Paradizzi, o Grupo Teatral Scala. As peças de sua autoria eram encenadas não só pelo Scala, mas também por outros grupos da cidade e região, como o Liberdade de Expressão, de São Caetano, o Greta (Grupo Experimental de Teatro Amador) e o Grupo Viscondão de Teatro Amador, ambos de Mauá, entre outros.

Hortência tinha o hábito de colocar à disposição dos interessados os seus textos, o que contribuiu para a difusão e popularização do seu trabalho. Mais de 40 peças teatrais compõem sua obra. Na sequência, destacamos boa parte delas, entre dramas, comédias e peças teatrais infantis.

Dramas

Mãe, uma nova luz brilha no céu!
É preciso dizer adeus
Meu último São João
A cruz de meu filho
Aconteceu numa noite de Natal
Diálogo nas trevas
A revoada dos abutres
Tudo se paga
Esposa, mãe e santa
Coração caboclo
Meu pai, honrarei teu nome!
Filho do coração
O drama de cada um
Adapta-te ou morre
Odisseia de um nordestino
Numa boa... entendam a nossa!
Marginal?
Titica, o trombadinha

Comédias

Vovô Barra Limpa
No castelo das almas vivas
Um anjo em meu caminho
Que falta fazem as mulheres!
Na época dos Afonsinhos
Inquilino Bossa Nova
Calma, Nicolau!
O noivo e o ladrão
Quem é que tutu tem?
A outra face do homem
O frango da vizinha
Com média e pão só
A herança do tio Oscar
Um criado de encomenda
Pensão do Sossego
Clube dos Carijós
Nos braços de Morfeu
Se Deus me abrisse uma porta...
Ima, a louca da casa

Infantis

Na corte do Rei Gastão
O doce fatídico
Quem roubou o Tutu?

Acervo/Reginaldo Canhoni

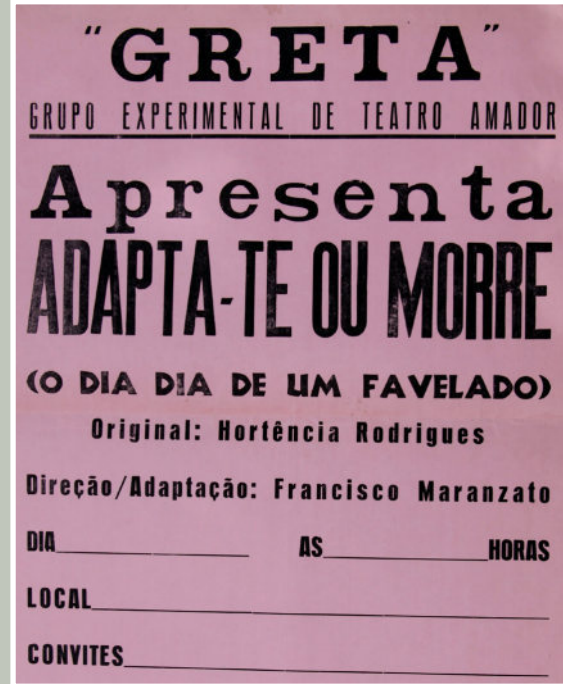


Capa do programa do VI Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo - Eliminatórias do ABC. Embaixo, a divulgação do elenco e equipe técnica da peça Adapta-te ou morre, 3a. colocada em tal festival

Acervo/Reginaldo Canhoni



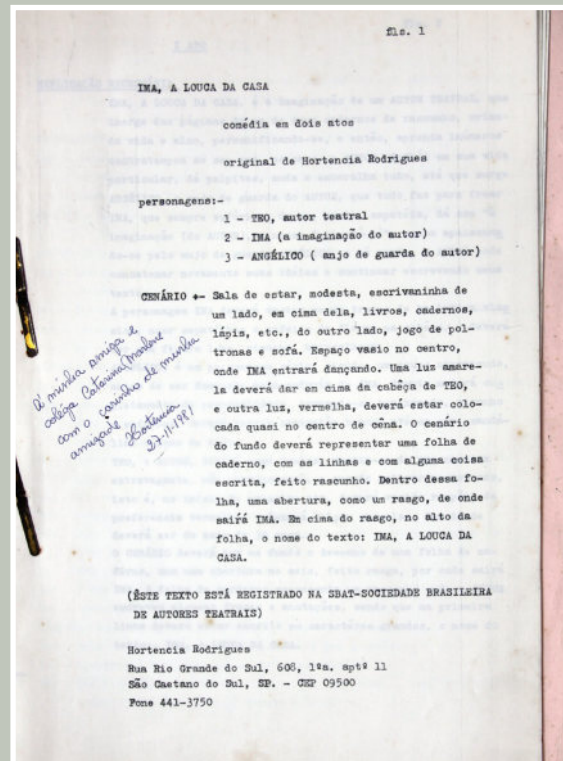
Acervo/Catarina Marlene Garcia de Andrade



Cartaz da peça Adapta-te ou morre, encenada pelo Greta (Grupo Experimental de Teatro Amador), de Mauá, entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980

Informações sobre a comédia Ima, a louca da casa, com a dedicatória de Hortência Rodrigues à amiga Catarina Marlene

Acervo/Catarina Marlene Garcia de Andrade



Das peças citadas, Hortência Rodrigues, em 1983, durante entrevista à *Folha de São Caetano*, apontou entre as de maior sucesso os textos *Adapta-te ou morre* (3º. colocado, em 1968, nas eliminatórias do Grande ABC do VI Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, promovido pela Federação Andreense de Teatro Amador – Feanta), *Marginal?* e *Títica, o trombadinha*, peça inspirada em duas reportagens sobre a questão do menor pu-

blicadas pelo *Diário do Grande ABC*, em 1981 (vide box 2).

Hortência não está mais entre nós, mas continua viva no coração daqueles que conviveram com ela. Duas amigas dos tempos de Prefeitura, Catarina Marlene Garcia de Andrade e Janete Ione Pastorelli Hernandes, falam dela com saudade e carinho. De acordo com elas, Hortência Rodrigues era uma pessoa meiga, reservada, dedicada e bastante intelligen-



Integrantes do Grupo Teatral Scala, em foto tirada, em 1967, em Campos do Jordão, por ocasião da encenação da comédia *Que falta fazem as mulheres!*, de Hortência Rodrigues. Foram identificados: Hortência Rodrigues (a segunda, a partir da esquerda), Maria de Lourdes Paradizzi, Richards Paradizzi (de gravata) e Gilberto Meneghello (de óculos, com os braços cruzados)

te. Por seu empenho em favor do desenvolvimento cultural de São Caetano do Sul, Hortência Rodrigues conquistou um lugar entre os personagens da nossa história. Que sua obra seja conhecida, preservada e divulgada por todos aqueles que hoje fazem teatro, na cidade, e pelos apreciadores das artes em geral. **R**

(Cristina Toledo de Carvalho)

Acervo/Richards Paradizzi



Colaboradora de Gotículas Literárias

Hortência Rodrigues

Soneto à Menina Triste

Que é feito de ti

Menina alegre de outrora

Que qual saltitante colibri

vivias a cantar desde a aurora?

Onde está teu lindo sorriso

E tua gargalhada sonora?

Deixou ir embora teu riso

De tua bela alma canóra?

Não te compreendo, menina,

Não pode ser essa a tua sina,

Tu tens de rir e não chorar!

Volta a sorrir novamente

E com tua voz doce e quente

Volte, por favor, a rir e a cantar!

Jornal de São Caetano,

5 de outubro de 1957, p. 2

Reportagens inspiram peça teatral

Baseada nas reportagens *Processo de genocídio, a realidade do menor (16/10/81)* e *Menor: não há soluções. Há caminhos (01/11/81)*, publicadas pelo Diário do Grande ABC, Hortênci Rodrigues, moradora de São Caetano e autora de 37 peças teatrais – 35 já encenadas – preparou um texto teatral denominado *Titica*, o trombadinha (a culpa de todos nós). Agora, Hortênci, autora das peças *Marginal?* e *Adapta-te ou morre (...)*, está à procura de quem se interesse pelo seu novo trabalho, para que a peça possa ser levada a público.

As reportagens que deram origem à peça *Titica*, o trombadinha (a culpa de todos nós) nasceram no *Ciclo de Estudos e Debates sobre o Menor*, promovido pela Fundação do Bem-Estar do Menor de São Bernardo – Fubem. E reproduzem depoimentos de pessoas que participaram do ciclo e que foram, posteriormente, entrevistadas pelo Diário. Dentre essas pessoas, dois são pesquisadores da PUC, os professores Rinaldo Sergio Vieira Arruda e Edson Passetti, que há vários anos vem realizando extensa pesquisa sobre menores carentes da Capital.

Titica, o trombadinha (a culpa de todos nós) é um drama em dois atos, com seis personagens. *Titica*, o personagem principal, é um garoto crescido, corpo quase adulto mas mirrado, rosto de criança. *Meleca* é seu companheiro. *Dona Nena* é a mãe de *Titica*. Os outros três personagens são o delegado, o investigador *Carlão* e o *Beato*. *Beato* é um tipo estranho e envolvente, meio mendigo, meio filósofo, sempre perseguido pela Polícia mas amado pelos menores, por *Titica*, por *Meleca* e sua turma. (...)

Diário do Grande ABC, Domingo, 6 de dezembro de 1981.

A peça, segundo a autora

Esse texto foi baseado em observação diária, leitura de crônicas policiais e reportagens

em alguns jornais, sobre a vida ou sobrevivência do menor carente e consequentemente, infrator. É um trabalho pequeno, curto, mas procurei captar teatralmente o que pode levar uma criança a viver na marginalidade. O pequeno Napoleão, na miséria da vida apelidado Titica, é como tantos e tantos, um menino que não pediu para nascer, mas que sobrevive vendendo limão pelas ruas, fugindo da polícia e de outros marginais, pagando proteção para continuar vivo. Sem pai, com uma mãe que também, para sobreviver, comete pequenos furtos, achando que está certa. Tem um amigo com o pomposo nome de Sócrates, mas que na sarjeta ganhou o nome de Meléca. Para amenizar tanta violência e miséria, criei um personagem estranho, irreal, o Beato, talvez um mendigo, talvez um filósofo, que tenta ajudar, modificar a coisa. É um personagem místico, que pode ser uma luz tentando abrir a consciência [sic] de todos nós, talvez seja a nossa própria consciência personificada. Creio que consegui criar um texto, embora simples, mas que colocado num palco, dará opção para criar dimensões maiores, suscitar [sic] debates, mexer um pouco com as estruturas educacionais, talvez abrir o jogo e fazer com que alguém encontre um caminho, uma saída, para tão complexo problema, que sei, não é só nosso, é Universal. Minha pretensão escrevendo uma peça teatral baseada nesse tema, é apenas tentar contribuir de alguma maneira, tentar abrir as cabeças, chamar a atenção, despertar consciências, sensibilizar o povo, mudar a concepção de que o menor não é um simples objeto que o adulto pode manipular ao seu bel prazer. Enfim, num processo, embora lento, abrir um caminho, encontrar uma saída.

Hortênci Rodrigues, 13/11/1981

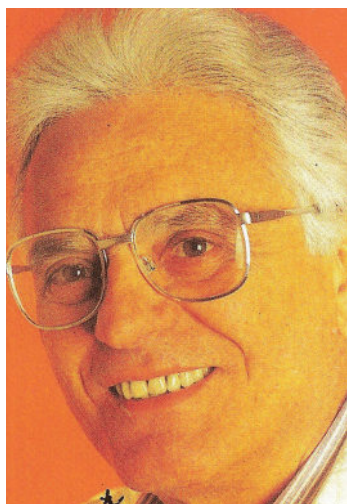
Fontes

LIRA, Carlinhos. O teatro para ser lido e consumido... Folha de São Caetano, São Caetano do Sul, ano VII, n. 365, p. 7, 28, 29 mai. 1983.
RODRIGUES, Hortênci. *Marginal?* e *Adapta-te ou morre*. São Paulo: Soma, 1982.

CLÁUDIO MUSUMECI

Ana Beatriz TOCCHIO ()*

Acervo/Fundação Pró-Memória



Esse texto foi escrito a partir da transcrição da entrevista que Cláudio Musumeci concedeu em 8 de julho de 2005, no Memórias do ABC – Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Essa entrevista está gravada em vídeo e compõe o acervo HiperMemo da Universidade. Como homenagem a Cláudio Musumeci, optou-se por manter a redação do texto em primeira pessoa e no presente, como se estivéssemos, novamente, tendo a oportunidade de ouvi-lo contar parte de sua história, que também é parte da história de São Caetano e das instituições da cidade.

Nasci no dia 26 de novembro de 1926. Passei toda a minha vida nesta cidade de São Caetano do Sul. Não morei em nenhum outro lugar e me considero um cidadão Sancaetanense.

Fui aluno da primeira turma do Externato Santo Antônio. Devia ter entre 3 e 4 anos. Lembro-me que vestíamos um avental azul listrado e a escola era bem perto de onde eu morava. Eu morava na Rua João Pessoa e o Externato ficava na Rua Manoel Coelho, esquina com a Rua Conde Francisco Matarazzo.

Saí do Externato com seis anos. Fui estudar no Grupo Escolar Senador Fláquer, onde fiz o meu curso primário. Na década de 1930, não tinha, em São Caetano, um curso ginásial ou mesmo escolas de segundo grau. Por isso, concluído o primário, tive que ir estudar no Brás, na Escola de Comércio 30 de Outubro. Cursei a carreira de perito-contador. Eram sete anos de estudo, três anos de preparação e quatro anos para pegar o diploma.

Acabei esse curso e continuei os estudos no Instituto de Ciências Econômicas, na Faculdade de Ciências Econômicas e Administração de São Paulo, na Rua Oiapoque, também no Brás. Era uma extensão da Escola de Comércio. Eu era muito jovem. Sempre estudei, nunca parei. Estava sempre à frente do meu tempo.

A minha família teve a primeira torrefação de café em São Caetano. Desde os sete anos eu já ajudava meu pai a entregar o café nas “vendas”. Carregava sete quilos e meio, meia arroba. Naquele tempo não existia supermercado ou hipermercados; existiam “vendinhas” ou armazéns. Em São Caetano, existiam muitos armazéns de secos e molhados, eu mesmo também tive um.

Por volta de 1944, quando me emancipei, aos 18 anos, comprei a torrefação do meu pai, porque ele tinha ficado doente. Era uma torrefação de café pequena, que servia São Caetano, uma cidade

também pequena. Nessa época, minha família sentiu a queda da bolsa de valores. Ainda estávamos no período de Getúlio Vargas e os armazéns gerais de café ficavam na Vila Prosperidade. Era ali que queimavam muito café e o cheiro ficava insuportável. O ar era terrível, aquela fumaça do café incomodava muita gente.

Sou o filho número dois. Éramos quatro irmãos: três homens e a irmã caçula. Minha mãe era filha de italianos e meu pai era italiano. Meu pai veio da Itália para São Paulo e estabeleceu-se na Rua Rangel Pestana, no Brás, com a torrefação de café, que depois ele transferiu para São Caetano, sendo a primeira da cidade. Ainda tenho os clichês dos pacotes de café que a gente fazia.

Quando o Departamento Nacional do Café instituiu cotas para as torrefações de café, a mim couberam 124 sacas. Eu mesmo torrava, vendia e fazia a escrita fiscal do produto, porque já era contador. Como eram 124 sacas, trabalhava 15 dias no mês e, em seguida, ficava outros 15 dias sem trabalhar porque eu só tinha matéria-prima para 15 dias. Aborreci-me com essa situação e resolvi vender a torrefação

Comprei com meus irmãos um armazém de secos e molhados na Rua Amazonas, nº 1007, e colocamos o nome de Armazém Três Irmãos. Depois do armazém, tive uma rede de lojas de eletrodomésticos, chamada Lojas Copagel. Nessa época, me concederam a distribuição da Geladeira Frigidaire. Essa marca foi, posteriormente, vendida para a Brastemp. A Copagel foi a quinta revendedora Frigidaire da época.

Em São Caetano, participei da administração na época da autonomia da cidade. Ajudava sem ganhar honorários. Todos diziam que o diretor da fazenda era o Cláudio e mandavam as pessoas falarem comigo. Quando Osvaldo Massei se elegeu Prefeito, eu fui o secretário de finanças do primeiro mandato. Depois, foi Walter Braido que se elegeu prefeito de São Caetano e eu fui, novamente, secretário de finanças.

No segundo mandato do prefeito Braido, nós constituímos o IMES. Fui gestor das finanças de São Caetano na primeira gestão do Massei e nas duas gestões do Braido, na década de 1960. Primeiro, pro-

movemos todas as tubulações de esgoto e montamos a rede de água e esgoto da cidade. Em seguida, nós cuidamos do ensino. O slogan da administração do Braido naquela época era: “Cidade Onde Escola Não é Problema”. Também criamos a Fundação das Artes e estabelecemos o convênio com a Faculdade de Serviço Social.

Como já tinha uma faculdade de finanças em São Caetano, porque não criar uma de administração? Assim, Oscar Garbelotto, que era então secretário de Educação, professor Dario e eu, durante a gestão do prefeito Braido, conseguimos integrar a ESAN à nossa faculdade. E assim fora criada a Faculdade de Economia e Ciências Políticas e Sociais.

No final da década de 1970 passou a se chamar IMES: Instituto Municipal de Ensino Superior, e fiquei contente, porque hoje se tornou uma universidade. Sinto-me orgulhoso por ter plantado uma semente e tê-la visto crescer. Fico emocionado.

Também surgiu a ideia das artes com Milton Andrade. Eu trabalhava como diretor do IMES e na Prefeitura. Trabalhei na fundação do IMES comprando os móveis, admitindo os professores e os funcionários etc. O primeiro diretor era nomeado pelo Prefeito. Fiquei nesse cargo por mais de um ano. Depois fui com o Braido para a Superintendência da Fundação do Fundo de Melhorias das Estâncias Paulistas, quando ele fora nomeado para lá pelo Governador Abreu Sodré.

Também participei da administração do Alcina Dantas Feijão, uma escola, no tempo em que fui vereador. Era assim antigamente, nada mais que 35 ou 40 alunos. Fui eu quem criou o curso de magistério na escola, que não tinha.

Eu não era político. Se eu fosse político tinha sido Prefeito de São Caetano muitas vezes. Sou mais um executivo do que um político. Criei a fanfarra, o curso de magistério, o curso de informática. Eu sou um profissional da execução e me realizo profissionalmente quando assumo essas funções. **R**

(*) Ana Beatriz Tocchio, aluna do curso de jornalismo da USCS-Universidade Municipal de São Caetano do Sul



O casal Cecília e Antonio Russo,
no dia do casamento em 13 de outubro de 1956

A CIDADE PERDE ANTONIO RUSSO

Mário Porfírio RODRIGUES ()*

No dia 8 de maio deste ano, São Caetano do Sul ficou nublada e entristecida pela perda de um dos seus queridos filhos: o advogado Antonio Russo. De acordo com o prefeito da cidade, o advogado era “extramente batalhador, de uma inteligência ímpar, que de origem humilde, alcançou os mais destacados postos políticos e empresariais de São Caetano.” A morte de Antonio Russo ceifou o município de um dos seus cidadãos mais honrados, que cultivou diariamente um amor incondicional pela cidade e serviu com bravura a sua terra.

Nascido em 11 de dezembro de 1932, Antonio Russo foi sempre um grande exemplo de sabedoria. Filho de humildes imigrantes italianos precisou trabalhar, desde criança, como engraxate e, aos 14 anos, entregador de avisos na Prefeitura de Santo André, em um escritório de despachante. Anos depois, atuou como locutor do Serviço de Alto-Falantes Cacique. Nessa mesma época, nos procurou para realizar outro sonho, o de escrever para o Jornal de São Caetano.

No Instituto de Ensino de São Caetano, estudou contabilidade. Com 16 anos foi eleito presidente do grêmio da Escola, onde foi o responsável por melhorias e novas ideias na maneira de atuar da entidade. Na Universidade Mackenzie, cursou Direito, no período da manhã, e a tarde, trabalhava na Prefeitura. À noite, lecionava no Instituto de Ensino de São Caetano. Ao mesmo tempo que estudava, participava de vários concursos e lutava por novas conquistas na carreira administrativa. Uma das realizações foi a Diretoria Administrativa e Jurídica da Eletropaulo-Eletricidade de São Paulo.

Já formado e com seu escritório funcionando, o sucesso como advogado foi certo. Trabalhou em todas as áreas do Direito, principalmente na administrativa. Um dos períodos em que demonstrou maior poder e capacidade aconteceu nos anos chamados de chumbo. Defendeu os piores casos dos perseguidos políticos, do regime militar. Sua voz ecoou nas mais altas cortes do país. Suas defesas, mais que bem preparadas e redigidas de maneira singular conquistaram sucesso absoluto nas esferas públicas. Tudo isso resultou em um dos mais respeitados escritórios de advogados de toda a região. Não só pela excelência em profissionalismo, mas também por sua generosidade e simplicidade com que sempre atendia as pessoas que o procuravam.

Política e Projetos

Antonio Russo também exercia uma outra paixão, a política. Destacou-se na luta pela redemocratização do país e foi um dos fundadores do PMDB. Eleito suplente de vereador, entre os anos de 1969 e 1973. Exerceu o cargo de vice-prefeito e,

em 1978, foi eleito Deputado Federal. Notabilizou-se pela apresentação de uma proposta de emenda constitucional reformando o Sistema Tributário Nacional. Entre seus projetos destacam-se: propostas de modificação do Código de Processo Penal e do Código Civil; projeto de loteamento e venda dos terrenos do INSS; divisão da receita das loterias pelos Municípios do Brasil, parte proporcional à população e parte proporcional à extensão dos territórios.

Esse advogado competentíssimo, deputado federal honrado, Antonio Russo só enalteceu e elevou o nome de São Caetano do Sul a níveis nacionais e mundiais. Representou o Congresso Nacional na ONU - Organização das Nações Unidas, na 36ª Assembleia das Nações. Foi direcionado à Diretoria Administrativa e Jurídica da Eletropaulo, de 1983 a 1988 (na época estatizada). Deixou como legado a reorganização completa do Departamento Jurídico da empresa. Foi o representante jurídico do PMDB junto ao Tribunal Superior Eleitoral, por designação de Ulisses Guimarães; presidente da Fundação Universitária do ABC, instituidora da Faculdade de Medicina do ABC; presidente da Comissão Organizadora dos Festejos do Centenário de São Caetano do Sul, e diretor jurídico da Câmara Municipal de São Caetano.

O reconhecimento veio por intermédio de prêmios e medalhas. Foi agraciado com a Medalha Anchieta, em 1981, pelo então governador Paulo Maluf. Foram, ainda, concedidos títulos de conselheiro e sócio benemérito da Sociedade Hospitalar São Caetano; Cidadão Emérito de São Caetano; Comendador; Cidadão Honorário de Ferraz de Vasconcelos, de Ribeirão Pires, de Rio Grande da Serra e da cidade de Uauá, na Bahia.

A perda

“Antonio Russo foi um guerreiro vencedor. O Brasil perde uma referência, um grande exemplo para as novas gerações”. Palavras do ex-Ministro do Trabalho e ex-deputado federal, Almino Affonso, durante o velório no dia 9 de maio.

Dois anos e oito meses antes desta perda

Fotos: Acervo/Fundação Pró-Memória



A família: o Casal Antonio e Cecília Russo, com os filhos Antonio e Cibele, no final da década de 70

irreparável, um grande dia marcou sua vida e a memória de toda a família e amigos: a comemoração das Bodas de Ouro. Casado com Cecília D'Agostini, Russo estava feliz, completo e rodeado de familiares e amigos, no dia 13 de outubro de 2006. A cerimônia religiosa e o jantar dançante foram momentos de união.

Nos últimos 15 dias, o refúgio aconteceu no sítio em Jundiá. A mulher Cecília, os filhos Cibele e Antonio Filho, alguns amigos muito próximos e parte da família puderam deixar as dores e sofrimentos um pouco mais leves. Marido exemplar, ótimo pai e excelente avô, era um apaixonado pelos momentos ao lado da família.

Encerro esse pequeno artigo, com a certeza de que, como redator, fica impossível relatar em poucas palavras o tudo que Antonio Russo representou. Antonio Russo é uma perda insubstituível e dolorosa. Deixa um vazio que jamais será preenchido. **R**

(*) Mário Porfírio Rodrigues, administrador de empresa, escritor e membro do Rotary Club.



Na Câmara federal, onde assumiu cadeira como deputado

WALDEMAR FAMULA

O PIONEIRO DOS BAILES DA SAUDADE

De família de origem alemã, Waldemar Emmanoel Famula foi criado, desde criança, no bairro Santa Paula, reduto da etnia germânica. Morou na Rua Rafael Correa Sampaio e na Rua Piauí, em São Caetano do Sul. Com Aurora Famula, sua companheira por 53 anos, teve apenas um filho, Wladimir, que morreu ainda moço, deixando ao casal, dois netos.

Nasceu em 18 de novembro de 1910. Seu pai, Alfredo Famula, foi um dos precursores da fotografia na cidade, por volta de 1920. Os filhos Rodolfo Walter Famula e o protagonista desta história seguiram seus passos pelo mundo mágico da fotografia. O estúdio R.Famula & Irmão ficava à Avenida Conde Francisco Matarazzo, em cima do Cine Max. Os trabalhos fotográficos criaram fama, por conta da alta qualidade e beleza. Mas, o cenário musical era atraente e se tornou o verdadeiro sonho de Famula. Ousou e trocou a imagem pelo som. Dedicou-se, de corpo e alma, ao seu violino e a outros instrumentos de corda.

A verdadeira paixão de Waldemar era a música. Desde criança tocava flauta, feita de bambu por seu próprio pai, que também cultivava o amor pela música. Aos 12 anos de idade, Waldemar empregou-se num armazém e com o dinheiro de seu primeiro pagamento, comprou um bandolim e ali começou seu amor pelos instrumentos de corda.

Do bandolim passou para o violino. Criou um trio com Joaquim da flauta, José do violão e ele,

Acervo/Fundação Pró-Memória



Waldemar Emmanoel Famula, Aurora Famula e o filho Wladimir Famula. Ano: 1940.

Waldemar do violino. O grupo tocava em residências familiares e ocasiões festivas, entre os anos 1922 e 1927.

Porém, seu desejo de profissionalizar-se na música o fez ingressar, em 1930, na Faculdade de Música São Paulo. A partir daí, formou um novo grupo, o Jazz Band. Waldemar foi um dos fundadores do Grêmio Recreativo Dramático Guarany, no bairro Cerâmica e seu conjunto passou a ter seis integrantes, responsáveis pelos bailes do Grêmio.

Muito embora seu amor pela música fosse grande, esta não lhe dava condições suficientes para seu sustento, então, foi estudar contabilidade. Trabalhou como Contador na Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, onde se aposentou. Tudo sem deixar de lado sua verdadeira paixão musical.

No ano de 1950 foi convidado para compor a Orquestra Sinfônica de Santo André, extinta pela morte do maestro Leonid Urberim. Pertenceu, também, à Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, quando a pedido do saudoso maestro João Jacob Giovanezzi, levou seu violino ao Clube da Saudade da Lapa, a pioneira de São Paulo.

Em 1956, já com grande experiência e brilhantismo, Waldemar Famula, o músico sancaeta-

nense, reconhecido por toda São Paulo, formou sua própria orquestra. A partir daí, cria o Departamento da Saudade do Clube Comercial de São Caetano do Sul. O sucesso dos bailes saudosistas foi tanto que, a convite de Mário Dal'Mas, constitui outro Departamento da Saudade, desta vez na ACASCS-Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul.

Foi o grande incentivador dos bailes da saudade em São Paulo e São Caetano, criou outros em diversos clubes, como o Esporte Clube de Vila Mariana, E.C. Silva Teles, Luzitano, Casa do Minho, Elite da Saudade, Grêmio Recreativo de São José do Ipiranga, Sociedade Amigos do Jardim Miriam, Sociedade Amigos da Vila Santa Catarina, E.C. Vila Califórnia, General Motors E.C. e União Cultural de São Caetano do Sul.

Da sua bagagem artística constam ainda as orientações dadas ao cantor Francisco Petrônio, sempre presente nos bailes da saudade.

Fotógrafo, perfeito violinista, pioneiro dos famosos bailes da saudade, Waldemar Famula elevou o nome de São Caetano do Sul com seus dons artísticos.

Faleceu em maio 1985, deixando um riquíssimo legado musical. **R**

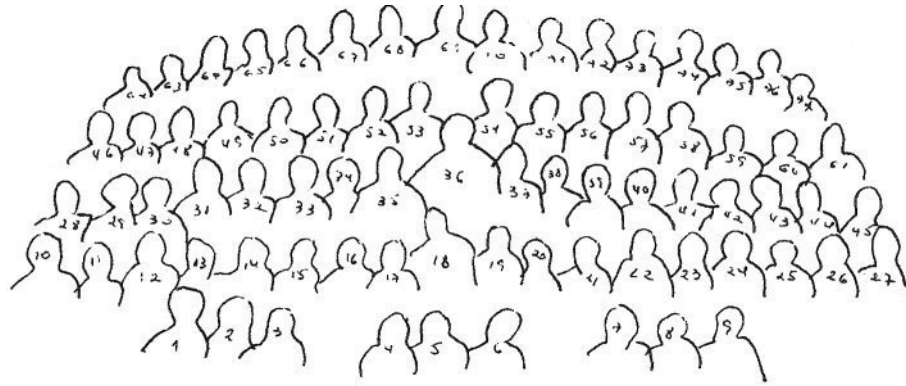
Fotos: AcervoFundação Pró-Memória



Acima: Waldemar Emmanoel Famula, Aurora Famula e o filho Wladimir Famula. Ano: 1936.
Ao lado: Sentado no carro, Waldemar Emmanoel Famula. Em pé, seu irmão Rodolfo Famula. Ano: 1950.



Pesquisa: Cristina Ortega
Sancaetanense Jornal, de 25 de julho de 1987.
Entrevista com Márcia Helena Famula, sobrinha, a quem agradecemos.





Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli, escola mantida pela entidade, destinada a filhos de associados. O diretor era o Professor Giancarlo Cardo. Na foto, de novembro de 1932,

sentados no chão:

01- Pedro Matielo; 02- Jordano P.S. Vincenzi; 03- Gisberto Cavassani; 04- Aurélio Scartozzoni; 05- Guilherme Scartozzoni; 06- Oswaldo Falchiero; 07- Marcelino Aquílio; 08- Arquimedes Sanches; 09- Armórico Veronesi.

Primeira fileira:

10- Lauro Garcia; 11- Lauriston Garcia; 12- Mauro Moretti; 13- Flávio Roveri; 14- (?); 15- André Perrella; 16- Leônidas Paolone; 17- Mário Capuano; 18- Bélgica Lorenzini; Angelino Mantovani; 20- Nórico Thomé; 21- João Parodi; 22- Antonio Biagi; 23- Antonio Ulhana; 24- Miguel Perrella; 25- Walter Vincenzi; 26- (?); 27- Leonildo Morcelli.

Segunda fileira:

28- Carmela Capuano; 29- (?); 30- Amália Cardo; 31- Maria Cardo; 32- Santina Infante; 33- Irene Moretti; 34- Antonieta Tozelli; 35- Irene Miasi; 36- Diretor professor Giancarlo Cardo; 37- Olga Perrella; 38- Ignes Garbelotti; 39- Arcângela Biagi; 40- Agda Braido; 41- Gina Capelli; 42- Maria Garbelotti; 43- Assunta Fiorotti; 44- Maria Miasi; 45- Iole Santarelli.

Terceira fileira:

46- Idalina Zambotto; 47- Josefina Rodrigues; 48- Hermenegilda Parodi; 49- Giacomo Benedetti; 50- Francisco Vitale; 51- (?) Lourenço; 52- Alcides Cavassani; 53- Joaquim Perrella; 54- Daniel Fiorotti; 55- Arlindo Scarciofoli; 56- Silvério Perrella; 57- Alfio Cavassani; 58- Antonio Séspede; 59- Iolanda Barile; 60- Laura Moretti; 61- Benedita (?); 62- Manoel Cláudio Novaes; 63- Hermelindo Franchini; 64- Idalino Braido; 65- (?) Malateaux; 66- Mário De Nardi; 67- Walter Cardo Filho; 68- Giacomo Fiorotti; 69- Celeste Biagi; 70- Olinto Ferrari; 71- João Buso; 72- Celeste De Nardi; 73- João Dal'Mas; 74- Ugo Veronesi; 75- Laurindo Zambotto; 76- Manoel Cardoso; 77- Antonio Colognesi.



Antigo Jardim Primeiro de Maio, em 1955



Foto revela cena após a missa de aniversário da cidade de São Caetano do Sul, em 28 de julho de 1956, ao lado da Sacristia da Igreja da Matriz Velha, no Bairro da Fundação. Foram reconhecidas as seguintes pessoas: (?) Crepaldi; Antonio Dardis Netto (vereador); Antonio Coppini; João Geraldo; José de Martim (filho de Bepo da sanfona); Raphael Luiz; Eugênia Yara Santos; Virgílio Lorenzini; Cecília Coppini; José Homem de Bittencourt; João Dal'Mas; Anacleto Campanella; Rosa Santi; Eugênia De Martini; Professor Benedito de Moura Branco; Antonio Sukadornic; Jacob João Lorenzini; Daniel Parisi; Firmino (?); Oswaldo Samuel Massei; Eduardo Barille; Luiz Rodrigues Neves; Octávio Tegão; Angelina Santi; José Santi; Antonio Russo; André Leone Neto; Daniel Giardulo; Deputado Cunha Bueno; Joana Dalcin Botteon; Flávio Roveri; Primo Cavassani; Luiz Foltran; Judite Bento e Adelaide Bento



Alunos do Jardim da Infância do Externato Santo Antonio, em 1954. Ao lado das crianças, a Irmã Inocência



Primeira reforma da Praça Cardeal Arcoverde, em 1963, quando foi instalada a fonte luminosa sonora. Junto com os operários da obra, o vereador Fábio Ventura (na parte de cima, entre dois operários)



Inauguração do magazine "Casas Bahia", em São Caetano do Sul, na Rua Serafim Constantino, em frente à Estação Rodoviária. Ano: 1976



Vista parcial do Parque Municipal São José (Parque Municipal José Alves dos Reis). O belvedere oferecia vista panorâmica de uma vasta região, constituindo-se num atrativo especial do parque, inaugurado em março de 1961



Rua Santa Catarina adornada para as festas de final de ano. Década de 1970



Vista panorâmica da região central de São Caetano, na década de 1950



Princesa eleita no concurso Miss São Caetano, Diva Rosa Lorenzini, loja "Irmãos Del Rey", promotora do concurso. Da esquerda para a direita: Arthêmio Lorenzini, Ignácio Del Rey, Felipe Del Rey, (?) e Maria Helena Del Rey. Em destaque, na frente, Diva Rosa Lorenzini. Ano: 1958



Flagrante da peça teatral O Mascate, encenada pela Companhia Artística Irmãos Fuzinelli, no final da década de 1950, no salão da Paróquia Nossa Senhora da Candelária. A partir da esquerda: Angelim Signorelli (Zé Cuíca), Percil Henrique Alves, Hidegard Fuzinelli, Neide Leal e Maria Pironato



Baile de 2º aniversário da Associação Cultural e Recreativa Luiz Gama, realizado nos salões do Clube Comercial, onde foi eleita Rainha, Maria Aparecida Rodrigues, coroada pelo prefeito Oswaldo Samuel Massei, juntamente com as respectivas princesas, em 4 de setembro de 1960



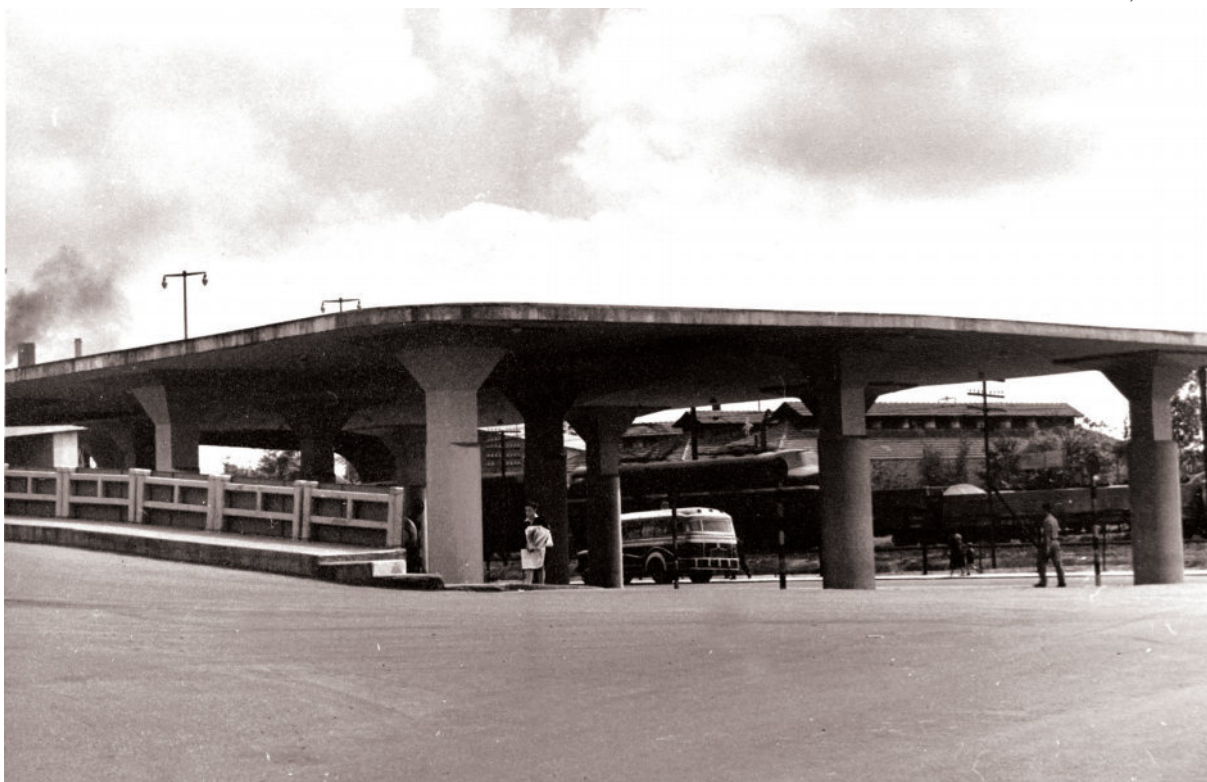
Dia da inauguração do Marco Rotário, instalado na entrada de São Caetano do Sul. Na foto, as rotarianas da cidade. O emblema do Rotary, de acordo com seu histórico, foi criado em 1912, simbolizando uma roda de carroça. Mais tarde, em 1923, adotou-se a engrenagem com 24 dentes, seis raios e um rasgo de chaveta. Atualmente, fazendo uma analogia, os dentes significam os rotarianos e os raios significam os seis dias de trabalho da semana

Acervo/Luiz Antonio Riera



Piquenique realizado pela família Riera, na Praia Grande. Em primeiro plano, à direita, Alda Riera, Irma Riera, Luiz Riera, Ângelo Riera, José Riera, Irma Veronesi Riera, Guiomar Duran, Enedina Riera e Josefa Filetti Riera. Início da década de 1950

Acervo/Fundação Pró-Memória



Terminal Rodoviário, na década de 1950



Da esquerda para a direita: Antônio Russo, Oswaldo Samuel Massei, Oscar Garbelotto e Luiz Rodrigues Neves. Foto tirada no antigo prédio da Prefeitura Municipal (Av. Goiás, 600), às vésperas de sua inauguração em 1961



Eugênio Primo Morelatto com seu filho, Antonio Marino Morelatto, de uniforme do Liceu Sagrado Coração de Jesus, colégio onde era interno. Década de 1930



Elizabeth M. Rigueti, vencedora do Concurso Rainha de São Caetano, 1958. A festa foi promovida pela Associação Pró-Mater de São Caetano, São Caetano Esporte Clube, Cruzada Esporte e Clube Centenário. O prêmio para a vencedora foi uma Máquina de Costura Vigorelli, oferecido pela loja "Irmãos Del Rey". Ano: 1958

REGISTRO

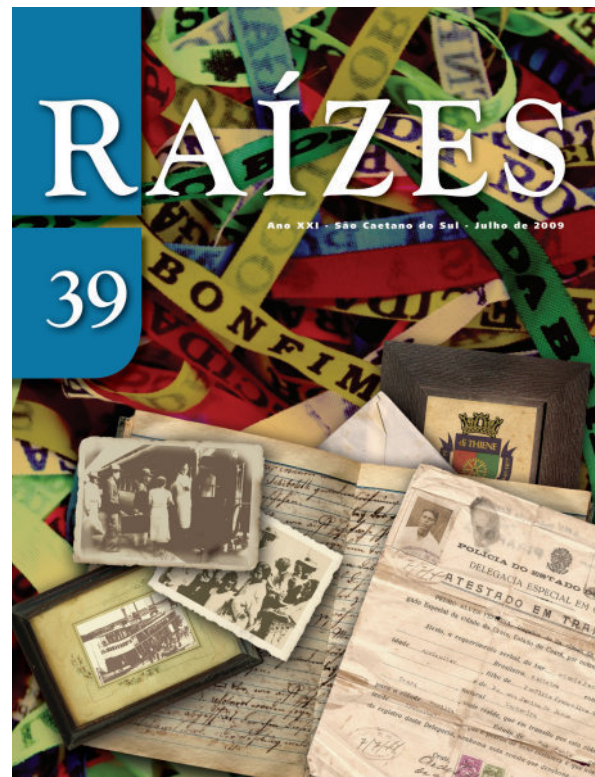
por

Jô Sperate Figueiredo é jornalista, foi Diretora de Comunicação Social e Assessora de Cultura da Prefeitura de São Caetano do Sul, editora do Jornal ABC News e, atualmente, responde pela Assessoria de Comunicação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

LANÇAMENTO RAÍZES 39

A Fundação Pró-Memória revelou, em sua 39ª edição da *Revista Raízes*, toda a saga do migrante nordestino. Suas páginas se transformaram em grande homenagem a esse povo que tem sua participação na história de São Caetano do Sul. O lançamento aconteceu, em julho, no Teatro Santos Dumont, e contou com a participação de inúmeras personagens dos cenários históricos sancaetanenses.

O lançamento da *Raízes 39* foi marcado por uma grande festa, com apresentação de dança, música e culinária típica do nordeste. Tudo serviu, ainda, para brindar o início de um novo design da revista.



“A *Raízes* faz um resgate da memória da cidade, com destaque para as personagens que construíram São Caetano. Para a edição de número 39, também, marcou o começo de uma nova era da revista. Um novo projeto gráfico foi elaborado e a *Raízes 40* vem completamente reformulada, com suas páginas totalmente coloridas”, comentou Clovis Antonio Esteves, presidente da Fundação Pró-Memória.

10º CONGRESSO DE HISTÓRIA DO GRANDE ABC
LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO
NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO GRANDE ABC

Decorative flourish

DE 3 A 6 DE NOVEMBRO DE 2009
SÃO CAETANO DO SUL



10º CONGRESSO DE HISTÓRIA É REALIZADO COM SUCESSO

A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, por meio da Secretaria de Cultura, sob a coordenação da Fundação Pró-Memória, realizou o 10º Congresso de História do ABC, com o tema Lembrança e Esquecimento na Construção da Memória do Grande ABC. A USCS-Universidade Municipal de São Caetano do Sul serviu de palco para o encontro, contabilizado como sucesso, tanto em número de congressistas como em nomes de destaque do meio acadêmico e historiadores.

Para o presidente da Fundação Pró-Memória e coordenador do Congresso, Clovis Antonio Esteves, o resultado foi positivo. “Este encontro superou expectativas. O Grande ABC é bem maior em termos históricos do que se possa imaginar. Tivemos participações relevantes. Tudo gera história e merece ser tema para discussões, pesquisas, lembrado e levado ao conhecimento público”, disse.

Idealizador dos congressos, o professor e sociólogo José de Souza Martins afirmou que cada congresso sinaliza uma fase de crescimento e sugere, ainda, que o ABC deve dar passos maiores em busca de sua identidade. “Assim como existe a Brasileira, coleção de livros e documentos sobre o Brasil, idealizada pela USP, precisamos criar por aqui a ABCDiana, para reunir os muitos livros que falam sobre o Grande ABC. E além de literatura, temos vários filmes que nos retratam. Não podemos deixar isso se perder”, afirmou.

José de Souza, neste 10º Congresso foi responsável por conferência, visita guiada ao canal

remanescente da rede de canais de drenagem do Tijucuçu, construído pelos escravos e exposição fotográfica, no Museu Municipal de São Caetano do Sul, com o tema “Os últimos dias da Cerâmica São Caetano”.

Com o encerramento, ficou a expectativa para 2011, quando será realizado o 11º Congresso, na cidade de Diadema.

Perfil

O relatório final deste 10º Congresso de História revelou que, dentre os 250 inscritos, 40% dos participantes estavam dentro da faixa etária de 18 a 35 anos, e 40%, de 36 a 65 anos. Esses congressistas se dividiam em 66% de nível superior, 14% com ensino médio e 15%, pós-graduados, doutorados e mestrados.

O perfil apresenta, ainda, a origem destes participantes. De São Caetano, participaram 28%, 14% de São Bernardo do Campo, 26% de Santo André, 4% de Diadema, 6% de Mauá, 2% de Ribeirão Pires e 1% de Rio Grande da Serra. De São Paulo, 17%, e de outras cidades e Estados, 2%.

A área de atuação e formação dos inscritos foi bastante diversificada e incluíram jornalismo, direito, ciências sociais, universitários e, a grande maioria, da área de história e memória, entre professores e estudantes.

Foto: Antônio Reginaldo Canhoni



O presidente da Fundação Pró-Memória, Clovis Antonio Esteves, durante seu discurso de abertura do Congresso

FUNDO SOCIAL

MARCA FESTEJOS

COM BAILE DA CIDADE

O tradicional Baile da Cidade, organizado pelo Fundo Social de Solidariedade e pela Comissão Municipal de Festejos, reuniu mais de 800 pessoas nas dependências do Samyr Buffet. A renda do evento foi revertida para a manutenção e ampliação dos cursos oferecidos pela entidade.

Músicos da Fundação das Artes fizeram uma apresentação para recepcionar os participantes. Após a recepção, com cardápio diversificado, todos participaram de um jantar dançante. Os convidados puderam contar com uma especial atração musical realizada pela Banda Lay Out, que animou a noite com os mais variados ritmos.

Com realizações de eventos como o Baile, o Fundo Social consegue aprimorar a inclusão social, por intermédio da capacitação profissional gratuita.

A entidade conclui todos os anos com saldos positivos. Investe, também, em aulas de Artesanato, Mosaico, Pintura em Tecidos, Bolsa Artesanal, Artesanato (em cabaça), Vidro Fundido, Manicure, Baixo Esmalte, Costura, Corte e Costura, Restauração de Móveis, Customização em Tecidos, Tapeçaria e Customização em Chinelos.

E mais, cursos de Panificação, Almoços e Jantares, Salgados, Ceia de Natal, Chocolate, Panetone, Confeitaria e Automaquiagem, em Paróquias da cidade a partir do programa Fundo Social nos Bairros, que levou mensalmente sua estrutura a diversos cantos do município, com orientações aos moradores. Durante as atividades, além dos certificados de conclusão, os alunos receberam também livros de receitas.

Crédito: Fotografia/PMSCS



*Sempre muito animado,
Baile reuniu vips da cidade*

MORADORES E COMERCIANTES SÃO HOMENAGEADOS DURANTE BAIRRO A BAIRRO

Neste segundo semestre, o Programa Bairro a Bairro levou à população ações e serviços da Administração Municipal, além das audiências públicas com o prefeito. E, por intermédio da Secretaria de Cultura e da Fundação Pró-Memória, realizou novas e justas homenagens aos moradores e comerciantes mais antigos dos bairros, com o Projeto Cidadão da História.

No mês de julho, os moradores do Bairro Barcelona participaram de uma emocionante homenagem prestada pela Fundação Pró-Memória àqueles que ajudaram a construir e ainda fazem história no Bairro. A importante condecoração a essas personagens marcantes encerrou o Bairro a Bairro Barcelona, no lotado salão social da Creche Zilda Natel.

Em agosto, foi a vez do Bairro Prosperidade. Cerca de três mil habitantes da localidade receberam os serviços da ação comunitária da Prefeitura. Atendimentos de lazer, saúde, serviços municipais e confecção de documentos aliados à audiência pública e encontros com o prefeito, secretários e assessores, em continuidade à política de transparência das atividades da Administração. O Programa encerrou com as homenagens do Cidadão da História.

Um momento marcante e especial ficou registrado, no mês de setembro, para os homenageados, familiares e amigos dos bairros Centro, Santa Paula e Santo Antônio. Foram 51 pessoas que receberam certificados durante cerimônia realizada no

salão de eventos do Centro Educacional e Recreativo para a Terceira Idade Moacyr Rodrigues. Ao fim do evento, todos os participantes eternizaram o momento com uma foto junto a seus familiares para o projeto Álbum de Família da Pró-Memória.

Em outubro, num sábado ensolarado, os moradores que prestaram valiosa contribuição para o desenvolvimento do Conjunto Radialistas e dos bairros Jardim São Caetano, Mauá e São José receberam seus certificados de Cidadão da História.

A homenagem aconteceu no Centro Educacional e Esportivo Erasmo M. Batissaco.



Crédito: Reginaldo Canhoni

A Fundação Pró-Memória homenageou os mais antigos moradores dos bairros

FESTA ITALIANA

BENEFICIA 21 INSTITUIÇÕES ASSISTENCIAIS

A Festa italiana é um dos mais esperados e tradicionais eventos da cidade. Moradores de São Caetano do Sul e Região do ABC buscam, além dos variados pratos da culinária italiana, entretenimento artístico, com apresentações de músicas típicas, bailarinos caracterizados e coreografados.

Não se pode esquecer, que a Festa Italiana tem objetivo social e filantrópico, com arrecadação de fundos para as 21 instituições assistenciais participantes. A festa é realizada por essas entidades, com o apoio da Prefeitura.

Cinema

Além de comer bem, os frequentadores da Festa Italiana de São Caetano encontraram todo um ambiente cultural favorável ao seu redor, com opções de músicas típicas e cinema. A Secretaria de Cultura e a Fundação Pró-Memória realizaram a Mostra de Cinema Italiano, no Museu Histórico Municipal.

Uma programação especial agradou os cinéfilos de plantão: *O Carteiro e o Poeta* (1994), com direção de Michael Radford e vencedor do Oscar de Melhor Trilha Sonora; *O Último Beijo* (2001), direção de Gabriele Muccino; *Cinema Paradiso* (1988), vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1990, dirigido por Giuseppe Tornatore, e *Ladrões de Bicicleta* (1948), com direção de Vittorio de Sica.



Crédito: Fotografia/PMSCS

Bairro da Fundação é o palco das tradicionais festas



SEMANA DA AUTONOMIA

Crédito: Fotografia/PMSCS



Reinauguração do Monumento dos Autonomistas reúne líderes da emancipação

H Há 61 anos, um grupo de idealistas sancaetanenses liderou um movimento que culminou com a Autonomia de São Caetano do Sul. O Jornal de São Caetano e a Sociedade Amigos de São Caetano organizaram, em 1947, um abaixo-assinado para solicitar a realização de um plebiscito.

No dia 24 de outubro de 1948, esse plebiscito resultou em 8.463 votos a favor da autonomia e 1029, contra. Em 24 de dezembro do mesmo ano, foi promulgada a lei sobre a nova divisão administrativa e judiciária do estado que criou novos

municípios. Assim, ficou homologada a criação do Município de São Caetano do Sul.

Para marcar a data, a Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul e a Fundação Pró-Memória realizaram a Semana dos Autonomistas com programação que incluiu palestras agendadas nas escolas e na Faculdade Unimais (Terceira Idade). Além disso, constaram da programação a projeção do documentário “Autonomistas de São Caetano do Sul”, missa e reinauguração do Monumento dos Autonomistas.

SÃO CAETANO É EXEMPLO DE CIDADE LIVRE DO ANALFABETISMO

São Caetano do Sul se destaca pela erradicação do analfabetismo, conquistando o Selo de Município Livre do Analfabetismo, honraria atribuída pelo MEC-Ministério da Educação. A cidade é a única que atingiu o feito na região metropolitana de São Paulo, entre os mais de 5,5 mil municípios brasileiros, apenas 64 conseguiram o selo.

Com aulas em três períodos, São Caetano conta com centenas de educadores envolvidos, que atendem mais de 17 mil alunos de 0 a 80 anos na rede municipal, num investimento superior aos 25% do orçamento previstos na Constituição Federal. Por meio de sua Secretaria Municipal de Educação (Seduc), a Prefeitura cumpre algumas etapas, com o oferecimento de todo o aparato necessário para a formação dos estudantes.

PROALFA

São Caetano do Sul mantém, em conjunto com o Instituto Mauá de Tecnologia, o PROALFA-Programa de Alfabetização de Adultos, que em 2009 atendeu quase 200 alunos em 10 núcleos – a iniciativa já ensinou quase quatro mil pessoas a ler e escrever. (Ler matéria completa nesta edição).

Incentivos

No MAIS Renda para o Estudo, vertente do Profamília, as famílias de baixa renda que têm dependentes entre 6 e 15 anos recebem mensalmente entre R\$ 50 e R\$ 100, possibilitando criar condições para que seja assegurada à família uma alimentação adequada, o que refletirá no desempenho escolar. Entre os outros auxílios do Governo Municipal aos alunos também se destacam o material escolar e o uniforme completo.

Crédito: Du Merlino/ PMSCS



São Caetano do Sul é a única cidade que conquistou o Selo de Município Livre do Analfabetismo, pelo MEC, na região metropolitana de São Paulo

PREFEITURA ENTREGA MEDALHA DI THIENE

Crédito: Fotografia/PMSCS



A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul realizou a entrega da Medalha Di Thiene, na noite do dia 31 de agosto, em cerimônia marcada por reconhecimento aos serviços prestados por personalidades e entidade. A homenagem resgata e valoriza a história de cada personagem, tecendo em conjunto todo o cenário de desenvolvimento da cidade. O evento, que contou com a presença de autoridades, familiares e público em geral, lotou o salão nobre do recém-inaugurado Edifício Prefeito Oswaldo Samuel Massei, na Câmara Municipal. A atividade encerrou o calendário de festejos dos 132 anos de São Caetano.

Sobre os homenageados com a Medalha Di Thiene, o prefeito municipal enfatizou que essas

pessoas e entidade ajudaram a construir e desenvolver a mescla de tecido urbano tão rica que é São Caetano e transformar a cidade na melhor do País (segundo índice da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, que aponta São Caetano como o município mais desenvolvido do Brasil).

“Destacar personagens do cenário municipal transforma as páginas da história da cidade. Cada homenageado revela sua memória, seu trabalho e sua participação no desenvolvimento de uma São Caetano do Sul diferenciada.”, observou o historiador Clovis Antonio Esteves, presidente da Fundação Pró-Memória. “É uma satisfação reverenciar vocês nesta data, ainda mais no salão nobre do recém-inaugurado prédio da Câmara Municipal”, ressaltou o vereador Gêrsio Sartori, presidente da Câmara.

Homenageados - Representado pela sua presidente Margherita Biasi Corsi, o Lar Bom Repouso recebeu a Grande Medalha di Thiene, mais importante condecoração da noite. “Os méritos que existem na nossa entidade é o da caridade e ajuda ao próximo. Quero exteriorizar e agradecer esta honraria conferida pela Prefeitura, ato que engrandece ainda mais a nossa São Caetano”, disse Margherita.

Os homenageados com a Medalha Di Thiene foram: Adilson Domingos Ferrari, Ailton Arantes Ferraz, Antonio Carlos Domingues Benedetti, Aparecida Spachacqueria Abrahão, Aurélio Loureiro de Bastos, Aurélio Scartozzoni, Dejair Rodrigues, Edson Ferreira de Souza, Elaine Maria Biasoli Pacheco, Elza Di Bella, Fátima Aparecida da Fonseca, Irineu Gardim, José Bonesso, José Gomes de Souza, Kyomi Nakano, Luís Carlos Zanirato Maia, Luiz César Silva, Lumi Toyoda, Mario Del Rey, Maurílio Teixeira Martins, Mercílio Scarmelotti, Nasrallah Mohamad Rahal, Néelson Calsavara Garcia, Neuza Lacava, Nikolaus Fritz, Orpheu Bertelli, Othoniel Brandão Costa, Paschoal Cipriano da Costa, Paulo Agrella, Roberto Alves Marangon, Rosângela Maria Negrão, Servílio de Oliveira, Therezinha Rocchi Martin, Toshie Kobayashi Tsukuda, Valdir Florindo, Vítório Vizentim Filho, Walter Alborghetti Filho e Welington Rubens Pesinato.

73° JOGOS ABERTOS DO INTERIOR

EDIÇÃO SÃO CAETANO DO SUL

São Caetano do Sul foi sede do 73° Jogos Abertos do Interior Horácio Baby Barioni. Foram 11 dias de disputa, com a participação de 13 mil atletas, representantes de 213 municípios de São Paulo. A cerimônia de encerramento foi realizada no dia 17 de outubro, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes, no Bairro Olímpico.

Com o seu 13° título de campeã geral, São Caetano encerrou os Jogos Abertos com 373 pontos. Em segundo lugar ficou São José dos Campos, com 274 e, em terceiro, Piracicaba, com 247. Na segunda divisão, o título ficou com Guarulhos, 235 pontos e garantiu o direito de disputar a primeira divisão em 2010. Pindamonhangaba (154 pontos) e Franca (113) terminaram em segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Presente ao cerimonial, o secretário estadual de Esporte, Lazer e Turismo, Claury Alves da Silva, fez a entrega do troféu de campeão geral ao secretário de Esporte de São Caetano. “Estou muito satisfeito pela organização, dedicação e acolhida de São Caetano aos atletas, que, com certeza, se orgulharam dos Jogos Abertos na cidade”, declarou Claury.

Os Jogos Abertos do Interior reuniu em São Caetano boa parte dos destaques do esporte nacional: Natália Falavigna (taekwondo), Fabiana Murer (atletismo), Edinanci Silva e Carlos Honorato (judô), Hugo Hoyama (tênis de mesa), Dante, Serginho, Mari, Sheilla e Fofão (vôlei) e Fabíola Molina (natação).

Crédito: Fotografia/PMSCS



Crédito: Fotografia/PMSCS



Abertura dos Jogos, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes

I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA

São Caetano do Sul realizou sua 1ª Conferência Municipal de Cultura, sob o comando da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. O evento é uma das etapas preparatórias da II Conferência Nacional de Cultura, uma realização do Ministério da Cultura, dentro do Plano Nacional de Cultura, agendada para março de 2010.

Tem por finalidade o planejamento e a implantação de ações para a proteção e promoção da diversidade cultural brasileira. Para este ano, a Conferência Nacional tem como tema Cultura, Diversidade, Cidadania e Desenvolvimento.

A Fundação Pró-Memória também participou com debates e mesa-redonda, discutindo os temas relacionados à história e à memória.

O principal objetivo destes encontros é a construção de um modelo de política pública cultural. Por isso a participação da sociedade civil e dos governos estaduais e municipais é indispensável.



*I Conferência Municipal de Cultura.
Palestra com a filósofa Márcia Tiburi*

CULTURA REALIZA EVENTO EM HOMENAGEM AO NORDESTE

Um cenário nordestino decorou a paisagem do Bosque do Povo, em outubro. Sob os cuidados da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Caetano do Sul, a I Entoada Nordestina aconteceu com a participação de mais de três mil pessoas. Um cortejo de mamulengos do Grupo Arca abriu a animada programação.

Mais homenagens ao povo do nordeste ficou por conta do MCTA-Movimento Cultural Teatral e de Artes. A dupla Peneira e Sonhador, o grupo do Teatro de Mamulengo da Folia, a Companhia Baitaclã de Teatro, Associação de Capoeira Santa Izabel, Teatro Escola Brincante, os grupos Manjarra e Mundu Roda, o Trio Virgulino a escola Municipal de Bailado e Escola de Dança da Fundação das Artes também compuseram o cenário.

A Fundação Pró-Memória distribuiu exemplares da *Revista Raízes*, edição 39, lançada em julho de 2009, que trata de temas ligados ao povo nordestino, como seu processo migratório, sua participação na vida da cidade, além de crenças e costumes típicos trazidos para o município.

As barracas de artesanato e de comidas regionais arremataram o sucesso desta primeira edição da Entoada.











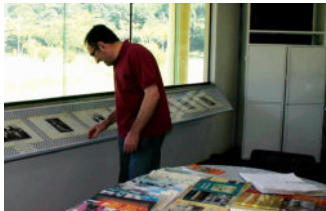
Sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780 Fax: 4223-4781
e-mail: fpm@fpm.org.br | site: www.fpm.org.br



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Bairro da Fundação
Telefone: 4229-1988
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas
Aos sábados das 9h às 15 horas



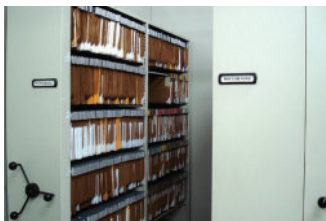
Salão de Exposições

Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566
De terça a domingo, das 9h às 18 horas



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 9h às 17 horas
Aos sábados das 9h às 13 horas



Centro de Documentação Histórica

Acervo histórico -
documentos, livros, jornais e imagens
Aberto à pesquisa pública
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas





VENI SANCTE
SPIRITUS

VENI LUMEN
CORDIUM

CHRISTUM + REGEM + VENITE + ADO